NATIONALGEOGRAPHIC.PT | OUTUBRO 2022

NATIONAL GEOGRAPHIC

OS PRIMEIROS ARTISTAS DO CORNO DE ÁFRICA

ARTE RUPESTRE NA SOMALILÂNDIA

AS OBRAS MONUMENTAIS DE ALMADA NEGREIROS

A GRUTA DOS FÓSSEIS DE URSO NA ESLOVÉNIA

AFEGANISTÃO: UM ANO DEPOIS DOS TALIBÃS

N.º 259 MENSAL €6,00 (CONT.)
0 0 2 5 9
5 603965 000006

VISIT…

JAMES CAMERON APRESENTA

NATIONAL GEOGRAPHIC

SUPER NATURAL

NARRADO POR
BENEDICT CUMBERBATCH

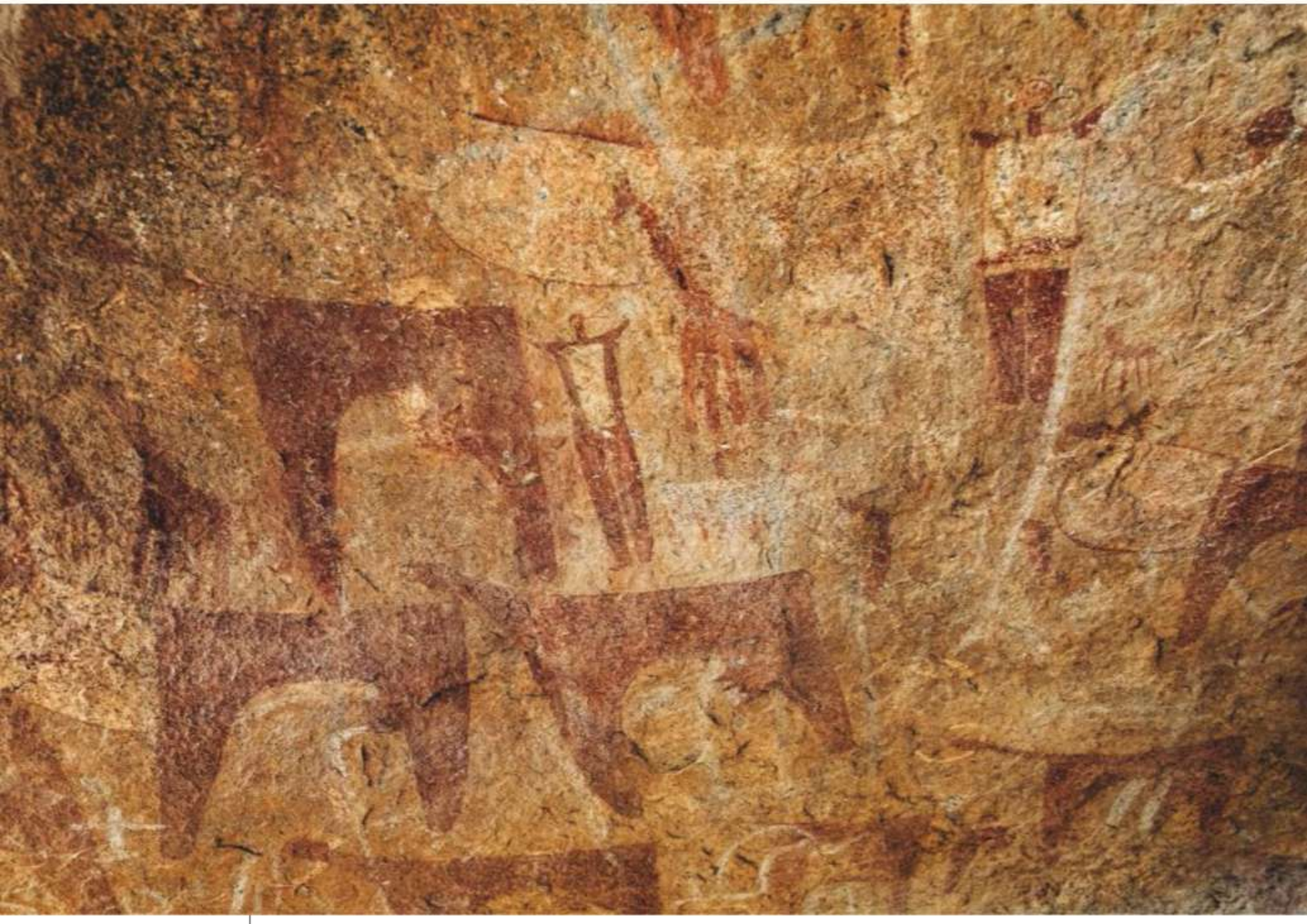
SE PENSA QUE CONHECE A NATUREZA
PENSE DE NOVO.

© 2022 National Geographic Partners, LLC. Todos os direitos reservados.

Série Documental Original
Já disponível

Disney+

SUMÁRIO



2

Os primeiros artistas do Corno de África
As pinturas de Laas Geel, na Somalilândia, são uma das expressões de arte rupestre mais importantes do mundo. Testemunham o início de uma nova era no Corno de África: quando a domesticação do gado transformou os caçadores-recolectores em pastores há cerca de cinco mil anos.

TEXTO DE XAVIER ALDEKOA
FOTOGRAFIAS DE JORDI MATAS

20

A estrada perdida do Afeganistão
Dois jornalistas cumpriram o que parecia impossível: uma viagem de 3.300 quilómetros pelo que resta da principal auto-estrada de um país maltratado que começa a regredir. Viagem ao presente e ao futuro do Afeganistão.

TEXTO DE JASON MOTLAGH
FOTOGRAFIAS DE
BALAZS GARDI

Na capa
Pintadas no Neolítico, quando estava em curso uma revolução na relação do ser humano com a paisagem, as pinturas de Laas Geel são uma janela para o passado.

JORDI MATAS

JORDI MATAS

publirreportagem

BIODIVERSIDADE
O FUTURO NAS FLORESTAS

As florestas dão refúgio à maior parte da biodiversidade terrestre. São ecossistemas complexos, onde moram 68% dos mamíferos, 75% das aves e 80% dos anfíbios, de acordo com a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura).

No seu recente relatório "Estado das Florestas no Mundo 2022", o alerta é claro: "A deterioração ambiental está a contribuir para as mudanças climáticas, perda de biodiversidade e surgimento de novas doenças. As florestas e as árvores podem desempenhar um papel crucial nas respostas a essas crises e na transição para economias sustentáveis".

E se proteger as que existem é fundamental, plantar novas florestas é igualmente necessário. Quanto mais plantarmos, mais favorecemos o aumento e a conservação da biodiversidade terrestre. No cumprimento deste objetivo, as florestas de produção têm um papel a desempenhar. "São áreas que acabam por funcionar como territórios de caça ou zonas de passagem, mesmo para as espécies que não habitam dentro destas florestas", explica Nuno Rico, responsável pela Conservação da Biodiversidade na The Navigator Company.

As florestas plantadas de produção, geridas de forma sustentável, prestam serviços de ecossistema como o sequestro de carbono, a produção de oxigénio, a proteção do solo, a regulação dos regimes hidrológicos torrenciais ou a criação de amenidades paisagísticas, além da promoção da biodiversidade.

A Navigator, que gere em Portugal mais de 104 000 ha de floresta, tem uma estratégia de conservação através da qual implementa um conjunto de ações de gestão, onde se incluem a manutenção de áreas-tampão para proteção de habitats valiosos e o adiamento de operações silvícolas, quando coincidem com o período de nidificação de algumas aves. Nestas florestas estão identificadas 245 espécies de fauna e mais de 800 espécies e subespécies de flora, incluindo várias protegidas e endémicas.

Estima-se que 80% das plantas e animais terrestres vivam nos ecossistemas florestais.

As florestas sustentáveis da **The Navigator Company** apoiam a National Geographic Portugal a diminuir a sua pegada ecológica.

PEDRO GRÃO Pouco depois da alvorada, a costa recortada da Ponta da Piedade, em Lagos, acolhe os primeiros praticantes de *stand up paddle* do dia. O autor não perdeu a oportunidade de os enquadrar nesta enseada protegida.

RUI PINTO Uma ponte construída no século XVIII sobre o rio Guadalevín é o cartão-de-visita de Ronda, na Andaluzia. Ela separa a zona mais antiga da cidade. "Escolher a melhor hora para a fotografar pode ser desafiante", confessa o autor.

GONÇALO POÇO O Verão anormalmente quente foi madrasto para a serra da Estrela e para o vale de Manteigas, onde os incêndios lavraram dias a fio. Com um nó na garganta, o autor visitou este bosque que, por sorte, foi poupado pelas chamas.

TIAGO MARQUES Preparado para outro tipo de batalhas, nesta abafada noite de Agosto, o Castelo de Marialva teve de enfrentar uma enorme tempestade. O autor captou o instante em que um relâmpago descarrega a sua energia na planície.

França
Um nudibrânquio destaca-se sobre o fundo marinho das ilhas de Hyères, na Provença. A ausência de esqueleto deixa estes moluscos expostos a possíveis predadores, embora estejam totalmente adaptados para se defender, pois substituíram a concha por células urticantes.

VINCENT POMMEYROL/GETTY IMAGES

Mali
Indivíduos da etnia dogon posam com máscaras de madeira, um elemento muito presente na cultura tradicional deste grupo étnico, baseado na região central do Mali. Usam máscaras para rituais de todo o tipo, incluindo actos funerários ou ritos de iniciação.

ERIC MEOLA/GETTY IMAGES

Estados Unidos
A última erupção do Kilauea, o vulcão mais recente e activo dos que formam o Hawai, ocorreu em 2018 e causou estragos avultados na ilha. Uma das áreas mais afectadas foi Leilani Estates, na imagem, onde se pode ver um rio de lava alcançando o mar.

CHAD STEWART / GETTY IMAGES

O NOVO MOSAICO DE MÉRTOLA

"DEPOIS DO CALOR DO VERÃO, os deuses favoreceram-nos", brinca Virgílio Lopes, investigador do Campo Arqueológico de Mértola (CAM). No âmbito dos trabalhos de escavação, conservação e valorização em curso, foi identificado em Julho um mosaico extraordinário, próximo dos dois baptistérios conhecidos desde 2013, na encosta do castelo.

"Mértola tem o poder de nos surpreender e de revelar novas facetas", diz o arqueólogo. O mosaico, com 5 metros por 4, poderá prolongar-se na área contígua ao cemitério da vila. Foi projectado para um espaço interior que a equipa do CAM acredita que poderia ser uma capela integrada num complexo religioso paleocristão, "um mundo que se seguiu ao período romano, mas no qual Mértola manteve relevância cultural e religiosa, mesmo não dispondo de um bispo".

No século XIX, o arqueólogo Estácio da Veiga identificou na mesma zona o fragmento de uma tartaruga ou cágado e mandou desenhá-lo a aguarela. A peça perdeu-se, mas ficou o registo. "Hoje, estamos convencidos de que Estácio encontrou parte deste mosaico, pois o medalhão com a figura encaixa neste programa", diz Lopes. "E, por sua vez, este mosaico é 'irmão' de outro já encontrado por cima do criptopórtico. Foi produzido pelo mesmo grupo de artistas."

Há paralelos com esta figuração em Menorca e Virgílio Lopes acredita que a inspiração para o mosaico, datado provisoriamente do século VI, vinha do Mediterrâneo Oriental. "É o período para o qual temos mais lápides, muitas das quais escritas em grego", diz. "Seria porventura essa comunidade a encomendar um programa artístico como este, que reflecte o melhor que então se fazia na bacia do Mediterrâneo."

O mosaico já foi alvo dos "primeiros socorros de conservação e restauro" e aguarda uma decisão de como poderá ser mais bem protegido e exposto.

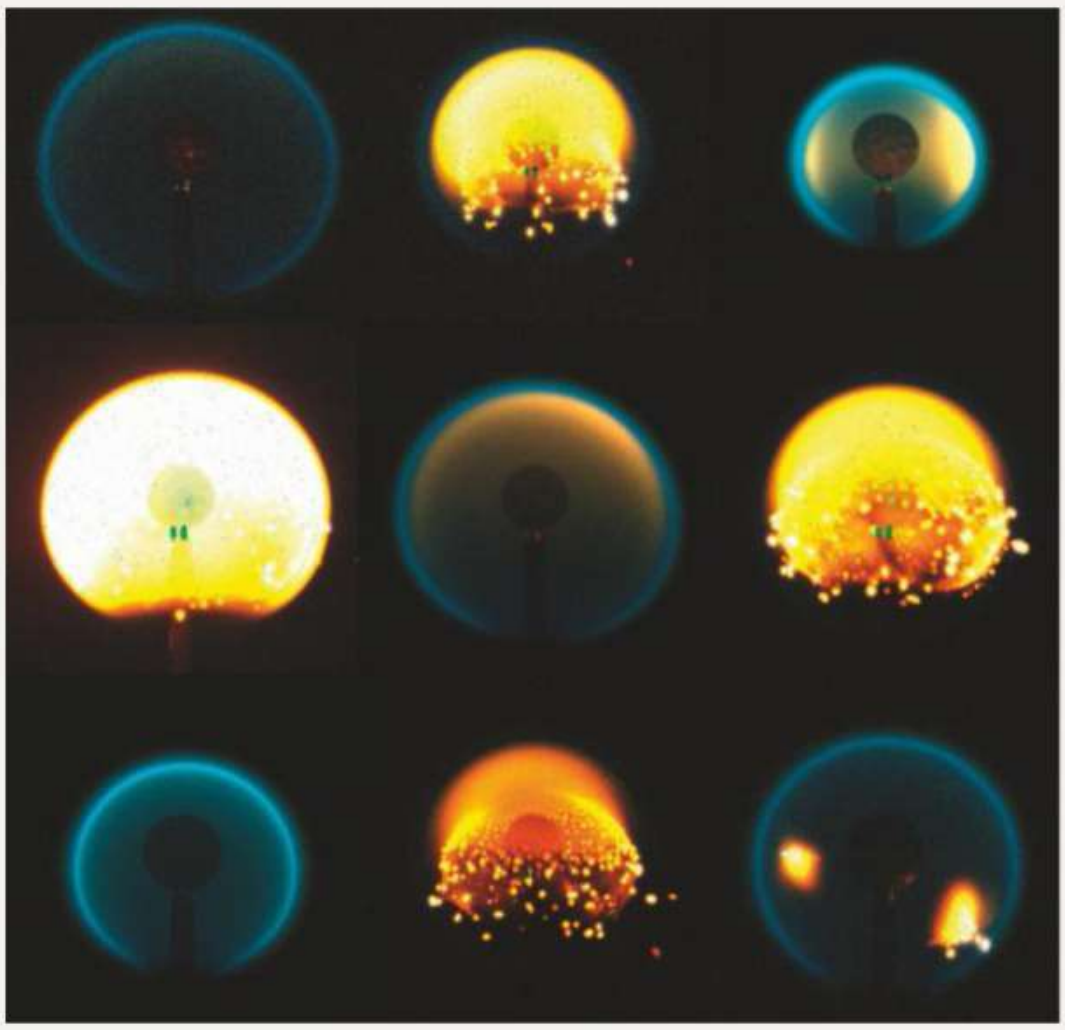
O maior segmento do mosaico encontrado integraria uma das capelas do complexo religioso paleocristão de Mértola. A figuração, a técnica construtiva e o contexto tornam-no único em Portugal.

"MÉRTOLA TEM O PODER DE NOS SURPREENDER E DE REVELAR NOVAS FACETAS." O COMPLEXO PALEOCRISTÃO PARA O QUAL SE DESTINAVA ESTE MOSAICO EXPRESSA A RELEVÂNCIA CULTURAL E RELIGIOSA DA VILA, MESMO NÃO DISPONDO ENTÃO DE UM BISPO.

FOTOGRAFIA DE ANTÓNIO CUNHA; TEXTO DE GONÇALO PEREIRA ROSA

NOTÍCIAS DA LINHA DA FRENTE DA CIÊNCIA E DA INOVAÇÃO

Alterações climáticas esmagam o tomate
O tomate está presente em muitos alimentos do dia-a-dia, mas, nos últimos anos, a seca e o calor extremo atingiram a Califórnia, onde se produz cerca de 30% de todo o tomate processado da Terra, afectando as colheitas e colocando agricultores e amantes de *pizza* numa posição difícil. – ALEJANDRA BORUNDA



INVESTIGAÇÃO ESPACIAL

COMBUSTÃO CÓSMICA

A AUSÊNCIA DE GRAVIDADE PROVOCA NAS CHAMAS UM COMPORTAMENTO "DO OUTRO MUNDO".

Na Terra, as chamas são uma espécie de línguas bruxuleantes, mas no espaço isso muda. Sem gravidade, o ar quente não tem a flutuabilidade necessária para os movimentos habituais. Na microgravidade, podem inchar, transformando-se em cúpulas e esferas etéreas que podem queimar a uns modestos 480ºC (um fogão doméstico atinge 1.700° C). As chamas (em cima) foram acesas a bordo da Estação Espacial Internacional, como parte do ACME (abreviatura de Advanced Combustion via Microgravity Experiments). "Alguns escritores de ficção científica contactaram-me por causa destas chamas", diz Peter Sunderland, da Universidade de Maryland. "São de outro mundo." Ao longo de quatro anos, o ACME produziu mais de 1.500 chamas, em testes destinados a melhorar a segurança contra incêndios em naves espaciais e modelos computacionais de combustão de combustíveis fósseis, uma fonte gigantesca de emissões de carbono e poluição do ar. – MICHAEL GRESHKO

BIODIVERSIDADE

Arara de Spix salva da extinção

Mais de vinte anos depois de ter sido declarada extinta, a arara de Spix está a ser reintroduzida no Brasil. A perda de habitat e a caça furtiva dizimaram a espécie avistada pela última vez na natureza em 2000. Criadores e conservacionistas ajudaram a estabelecer um programa de criação em cativeiro e, em Junho, foram soltas oito araras numa floresta protegida. Mais uma dúzia será libertada no final deste ano.

– ANNIE ROTH

NASA (EM CIMA); AC BNPHOTOS/GETTY IMAGES (TOMATE); ASSOCIAÇÃO PARA A CONSERVAÇÃO DE PAPAGAIOS AMEAÇADOS (ARARA).

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

VISTA DE CIMA

NOVA SÉRIE

QUINTAS 23:00

NATIONAL GEOGRAPHIC

PARTILHAR A PAIXÃO PELA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Bertie Gregory emerge com a câmara através de um enorme cardume de cavalas.

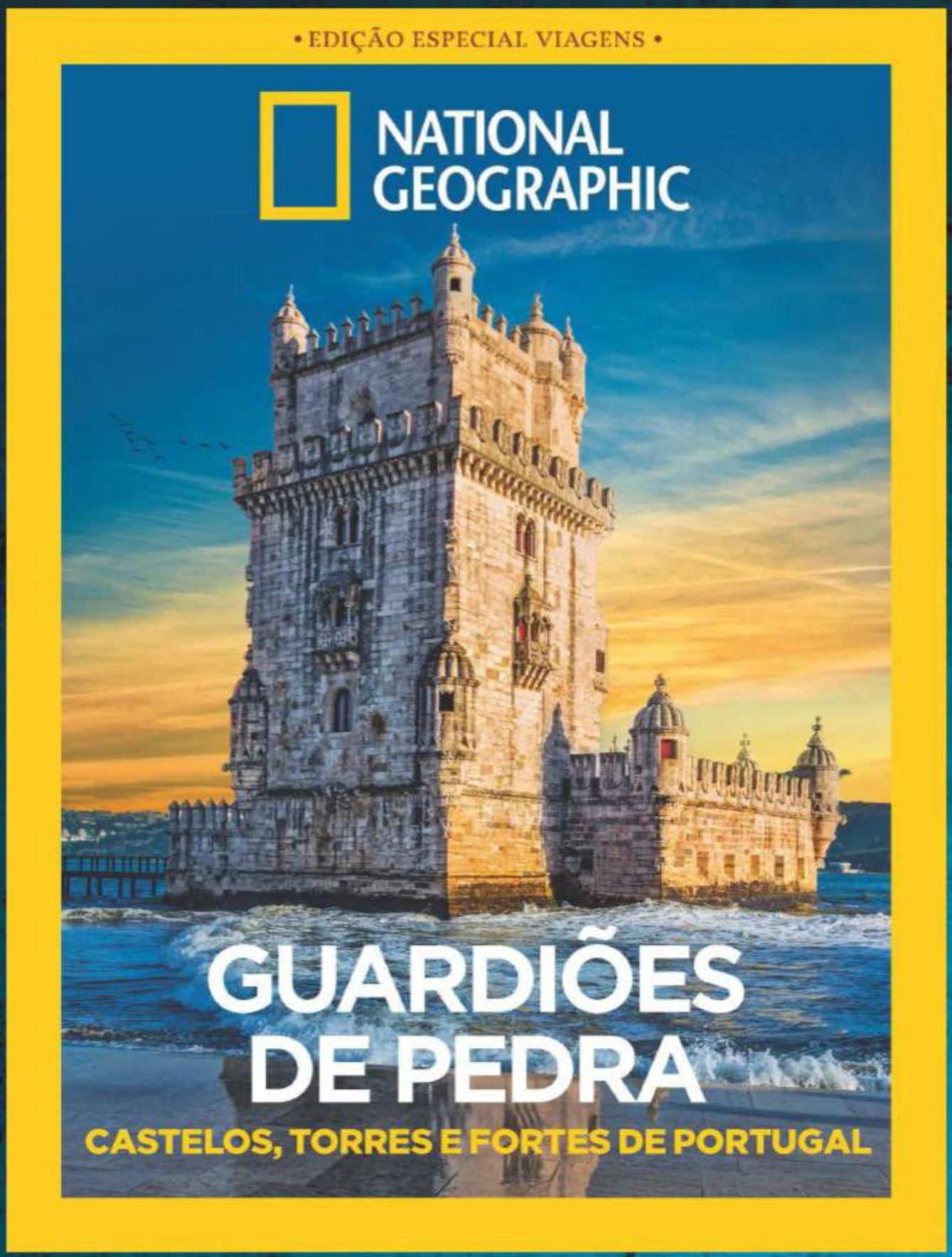
BERTIE GREGORY FEZ UM LONGO caminho desde o seu quintal em Reading (Inglaterra), onde, ainda muito novo, fotografava aves e texugos. Hoje, é realizador de documentários de história natural e explorador da National Geographic. Já visitou todos os continentes, tendo registado alguns dos espectáculos de vida selvagem mais épicos e menos vistos da Terra. Este jovem de 29 anos já encontrou crocodilos e jaguares, passou milhares de horas na selva e no deserto e "atraiu" belugas até às suas câmaras, cantando (descobriu que as músicas de Adele funcionam bem). Gregory conta que, em criança, troçavam dele por ser "completamente obcecado pelo mundo natural", mas foi esse empenho que o guiou até à carreira que tem hoje e "é uma óptima forma de motivar outras pessoas" para a conservação da vida selvagem. Na nova série "Aventuras Épicas com Bertie Gregory", o espectador é convidado a descobrir todo o trabalho e a sorte necessários para filmar. Cada episódio tenta mostrar o melhor do "animal e do humano, do épico e do pessoal, do bonito e do urgente", resume Bertie. "Espero que o público se surpreenda." – ANNIE ROTH

Os cinco episódios da série *"Aventuras Épicas com Bertie Gregory"*, produzidos pela National Geographic, estão agora disponíveis no Disney+.

NATIONAL GEOGRAPHIC/DISNEY+

GUARDIÕES DE PEDRA

NOVA EDIÇÃO ESPECIAL DE VIAGENS



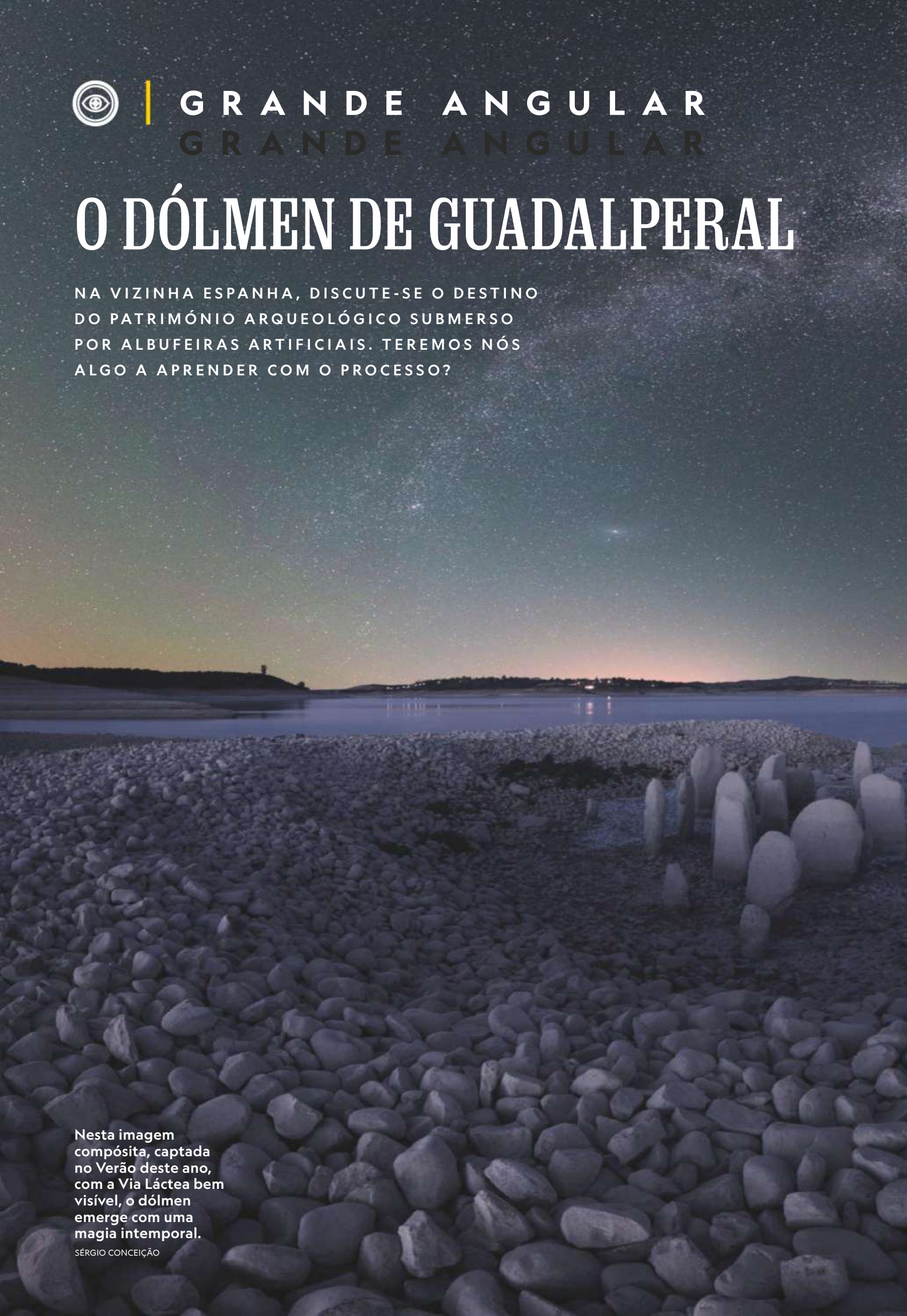
JÁ NAS BANCAS

RBA

GRANDE ANGULAR

O DÓLMEN DE GUADALPERAL

NA VIZINHA ESPANHA, DISCUTE-SE O DESTINO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO SUBMERSO POR ALBUFEIRAS ARTIFICIAIS. TEREMOS NÓS ALGO A APRENDER COM O PROCESSO?



Nesta imagem compósita, captada no Verão deste ano, com a Via Láctea bem visível, o dólmen emerge com uma magia intemporal.

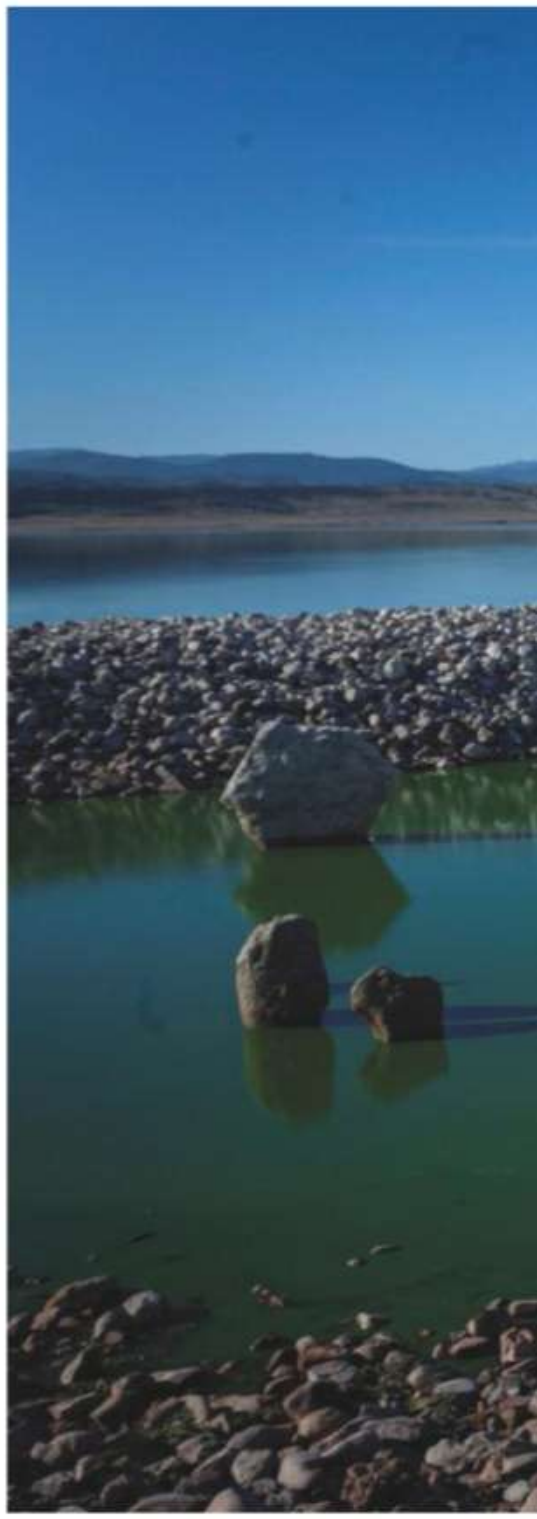
SÉRGIO CONCEIÇÃO

TEXTO DE
GONÇALO PEREIRA ROSA

EM JULHO DE 2019, uma curiosa notícia foi anunciada pelas trombetas do apocalipse dos meios de comunicação modernos. Como uma faúlha num pinhal seco, o incêndio mediático disseminou-se, queimando quase todos os jornais de referência: o dólmen de Guadalperal, um "Stonehenge espanhol", emergia à superfície e era urgente preservá-lo. Na matriz típica do nosso tempo, brotaram de imediato "especialistas" e propostas extravagantes. Uma delas sugeria até a sua remoção do local onde se encontra implantado há cerca de cinco milénios para uma cota acima do nível das águas, fazendo tábua rasa do seu significado paisagístico e territorial.

A "notícia" não apanhou de surpresa a comunidade de especialistas em pré-história, sobretudo na Extremadura. O dólmen (porque é um dólmen, um recinto funerário, e não um recinto ritual circular, típico daqueles a que os historiadores chamam *henge*) estava referenciado. Fora bem estudado, com método e minúcia, há cerca de um século. Sabia-se que ali estava e o que significava. As lágrimas pelo seu desaparecimento de vista, essas, já tinham sido derramadas em 1969, quando o governo central decidiu criar a albufeira de Valdecañas, alagando a *finca* de El Guadalperal, propriedade do duque de Peñaranda, 6km para sul da velha estrada entre Madrid e Badajoz.

Mas nesse Verão de 2019 houve um desfecho inesperado: a falsa notícia gerou ondas de choque. A indignação popular, os vídeos de YouTube e os movimentos cívicos exigiam medidas e a Junta da Extremadura pôs em marcha um projecto para analisar o grau de desgaste do monumento após 50 anos de submersão, para complementar o trabalho arqueológico conduzido entre 1925 e 1927 e para criar uma metodologia de documentação digital capaz de salvar para memória futura a informação essencial deste e de outros monumentos submersos. Foi nesse momento que entraram em cena Primitiva Bueno Ramírez, catedrática de Pré-História na Universidade de Alcalá, e Enrique Cerrillo Cuenca, professor de Pré-História da Universidade Complutense, bem como uma equipa de colaboradores. Mas antecipamo-nos. Na verdade, esta



Em 1932, cinco anos depois de escavar o dólmen de Guadalperal, o arqueólogo Hugo Obermaier escreveu: "Nestas etapas da infância da humanidade, tão remotas e perduráveis, devemos aceitar que não é possível saber os nomes dos indivíduos, definir datas ou acontecimentos importantes. Mas somos capazes de detectar claramente estes ciclos culturais anónimos." A pré-historia era a sua paixão, mas não podia imaginar que, em 1969, o seu achado seria submerso.

história começou com um padre alemão, que encontrou em Espanha a matéria-prima para alimentar a sua paixão de conhecimento.

HUGO OBERMAIER foi ordenado sacerdote em 1900. Estudou em Viena e interessou-se por uma área da arqueologia que dava então os primeiros passos – a pré-história. A evolução desta disciplina não era pacífica, pois tinha implicações religiosas e identitárias. Não era difícil compreender a monumentalidade do passado romano ou acarinhar os primeiros reinos paleocristãos de Espanha, mas aceitar a tese da longa jornada humana implicava aceitar a evolução como mecanismo que nos conduzira da savana pré-histórica à modernidade.

Obermaier reflectia as tensões do seu tempo (nos anos 1940, por exemplo, ainda considerava os fósseis de primatas como macacos, recusando integrá-los na árvore filogenética dos hominídeos), mas foi providencial para a arqueologia espanhola. Chegou ao país em 1908, na companhia de outro sacerdote-arqueólogo, o abade Breuil. Naqueles anos, nas Astúrias e na Cantábria, estavam em curso descobertas artísticas que mudariam a história.

EFE / ALBUM

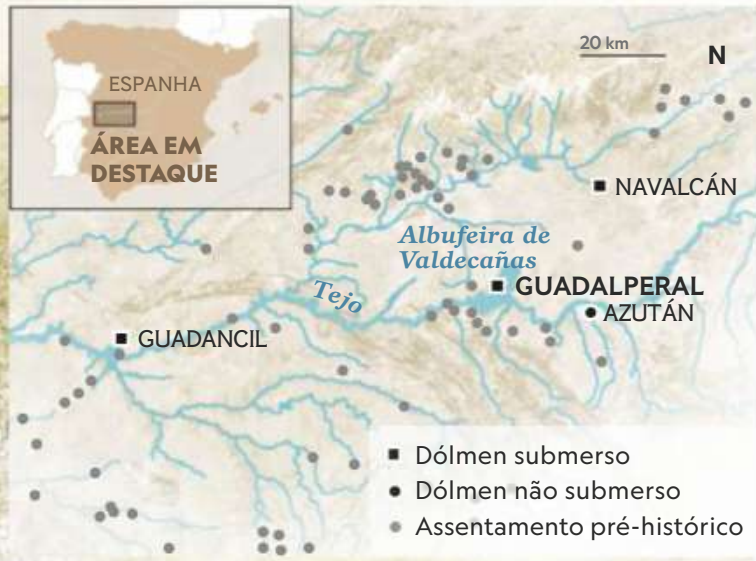
Embora os materiais de Guadalperal nunca tenham sido datados directamente, o dólmen apresenta uma arquitectura similar ao dólmen vizinho de Azután, de finais do V ou início do IV milénio antes de Cristo.
Obermaier completou o desmantelamento dos sedimentos e blocos de quartzite que compunham o montículo, chegando à câmara de deposição. Identificou o corredor, o átrio e a câmara.
A câmara estaria originalmente coberta por um sistema de lajes, talvez sobrepostas. Depois dela, os contrafortes verticais continham um recheio compacto de pedra que constituía a massa tumular.
Câmara
No estudo 3D, identificaram-se as lajes *in situ* e aquelas que foram derrubadas. Duas delas não foram localizadas e algumas ainda não estão identificadas.
Corredor
Obermaier consolidou a estela à entrada da câmara.

Obermaier escavou e aprendeu. A Primeira Guerra Mundial privou-o do apoio do seu Instituto de Paleontologia Humana de Paris e decidiu permanecer em Espanha. Em 1916, publicou "O Homem Fóssil", a sua obra de referência e, em 1922, foi aceite na Academia Real de História. Foi o primeiro catedrático de Pré-História em Espanha. Em 1925, o seu cargo de capelão na Casa de Alba permitiu-lhe visitar a *finca* da família do duque de Peñaranda, Hernando Fitz-James Stuart, irmão do duque de Alba. Encontrou ali um estranho montículo de pedra e terra semelhante aos que o obcecavam.

Enérgico, o arqueólogo pôs a nu o dólmen de Guadalperal, interpretando-o correctamente como estrutura funerária. As suas fotografias de campo mostram a típica paisagem extremenha: os campos estão floridos, as azinheiras espreitam no canto das fotos, os trabalhadores sob o duro sol de Cáceres.

Os materiais arqueológicos ficaram na *finca*. Os cadernos e diários permaneceram com Obermaier, mas outros eventos agitaram a vida do sacerdote. O início da Guerra Civil, em 1936, apanhou-o em Oslo, representando Espanha num congresso internacional. Decidiu não voltar. Apoiava discretamente os falangistas, mas não se quis envolver. Adivinhou a carnificina futura e decidiu não regressar. A sua Alemanha natal também não era um destino recomendável. Dirigiu-se a Friburgo, na Suíça, onde passou debilitado os últimos anos da sua vida.

Estava então em curso uma discussão tão científica como ideológica: poderiam diferentes graus de "civilização" no mesmo território legitimar pretensões regionais de "singularidade"? Teria o homem de Altamira algo em comum com as comunidades do Sul que "só" deixaram recintos megalíticos singelos e instrumentos rombos?



Na bacia do Tejo, estão submersos os monumentos de Navalcán, Guadancil e Guadalperal. Apenas o de Azután permanece livre das águas do reservatório.

Através de ortoimagen, foi possível reconstruir a área que provavelmente esteve ocupada pelo monumento na época pré-histórica.

ILUSTRAÇÃO: ANYFORMS DESIGN. FONTE: "EMERGENT HERITAGE: THE DIGITAL CONSERVATION OF ARCHAEOLOGICAL SITES IN RESERVOIRS AND THE CASE OF THE DOLMEN DE GUADALPERAL (SPAIN)", ENRIQUE CERRILLO-CUENCA, JOSÉ JUAN DE SANJOSÉ BLASCO, PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ, JUAN ANTONIO PÉREZ-ÁLVAREZ, RODRIGO DE BALBÍN BEHRMANN E MANUEL SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, *HERITAGE SCIENCE* (2021).

Os anos passaram. Um casal alemão, Georg e Vera Leisner, interessou-se também pelo megalitismo da Península Ibérica. Recuperou os apontamentos de Obermaier e publicou-os em 1960. A arqueologia passou a apreciar com outros olhos uma das belezas de Guadalperal e dos dólmenes vizinhos: a permanência da ocupação. Durante o quarto milénio, o recinto foi usado. Bueno Ramírez chama-lhes "receptáculos de memória colectiva, uma história congelada em que o lugar dos mortos continua a ter vigência".

Nada disto pesou. Em 1969, a planície foi alagada na sequência da construção de uma barragem. Durante cinco mil anos, os seres humanos honraram a paisagem e os meandros do rio, depositando os seus mortos em túmulos cerimoniais. "Num ápice, foi tudo alagado", diz a arqueóloga. E a memória do lugar foi submergindo, como um velho livro guardado num sótão do qual já só os antigos se lembravam.

EM 2019, as autoridades com competências sobre o Tejo deram luz verde ao projecto de investigação, mas não foi possível partir para o campo. Percebia-se, porém, que os motivos para a baixa súbita das águas nesse ano voltariam a repetir-se. Alguns apontaram a seca extrema como motivo. Outros sugeriram uma gestão mais comercial da água. A verdade é que, em 2020, o dólmen voltou a aparecer e a equipa de especialistas estava pronta.

O velho sepulcro, formado por aquilo a que na Extremadura se chama *cascotes* (bolas de quartzite), ainda estava no local, pouco deteriorado. A equipa realizou um intenso trabalho de prospecção em volta do dólmen e foi possível detectar mais megalitos e locais de habitação com a mesma cronologia.

Já anteriormente, em 1992, numa baixa temporária da água, Bueno Ramírez e Rodrigo de Balbín Behrmann, com Antonio González Cordero, tinham feito uma curta investigação para comprovar que a estela à entrada da câmara possuía decoração. Em 2020, foi possível analisá-la com fotogrametria e outras tecnologias não invasivas. Identificaram-se decorações, algumas das quaiss com envergadura notável. Cerillo Cuenca conduziu a documentação digital do dólmen através de nuvens de pontos, que permitirão um dia reproduzi-lo em 3D num centro de visitação.

Por essa altura, alguns autores sugeriam que o dólmen de Guadalperal não passava de um "falso histórico". Afinal, Obermaier usara cimento para solidificar estruturas e quem sabe que outras extravagâncias poderia ter cometido? A equipa esforçou-se por isso por documentar que, por baixo das "camadas de Obermaier" (o depósito de cimento misturado com materiais para consolidar os suportes), permanecia o monumento original. Foi encontrada também uma nova fossa e finalmente compreendeu-se como fecharia a câmara funerária.

Em Maio de 2022, o Conselho de Ministros de Espanha classificou-o como Bem de Interesse Cultural. Para Primitiva Bueno Ramírez, porém, a reabilitação ainda está para vir: "A Extremadura foi privada do seu património cultural, sem compensações", diz. "A decisão de alagamento apagou memórias e possíveis fontes de rendimento turístico. Parece-me justo que nos seja permitido fazer um inventário intensivo de todo o património histórico-artístico submerso na albufeira de Valdecañas. Agora estamos em condições de propor investigações específicas em sítios megalíticos acima da cota de água. E esperamos que a região possa beneficiar do património arqueológico com informação válida e acessível à visita."

Não deixaria de ser irónico que uma *fake news* tivesse sido ponto de partida para um final feliz. □

NATIONAL GEOGRAPHIC

«Acreditamos que, quando as pessoas compreendem melhor o mundo, preocupam-se mais profundamente com ele.»

A National Geographic Society é uma organização global sem fins lucrativos que procura novas fronteiras da exploração, a expansão do conhecimento do planeta e soluções para um futuro mais saudável e sustentável.

NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE PORTUGAL

GONÇALO PEREIRA ROSA, *Director*

MIQUEL APARICI, *Director de Arte*

HELENA ABREU, *Coordenadora editorial*

ALEXANDRE VAZ, *Editor*

JOSÉ LUIS RODRÍGUEZ, *Tratamento de imagem*

CONSELHO CIENTÍFICO

AIRES BARROS, *Presidente;*
ALEXANDRE QUINTANILHA, *Biologia*
CARLOS FABIÃO, *Arqueologia*
CARVALHO RODRIGUES, *Aerospacial*
CLÁUDIO TORRES, *Arqueologia*
FRANCISCO ALVES, *Arqueologia Náutica*
FRANCISCO PETRUCCI-FONSECA, *Zoologia*
GALOPIM DE CARVALHO, *Geologia*
JOÃO DE PINA CABRAL, *Antropologia Social*
JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA, *História da Expansão*
SALOMÉ PAIS, *Botânica*
SUSANA MATOS VIEGAS, *Antropologia Social*
TERESA LAGO, *Astronomia*
VANDA SANTOS, *Paleontologia*
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES, *Ambiente*
VICTOR HUGO FORJAZ, *Vulcanologia*

TRADUÇÃO E REVISÃO

Bernardo Sá Nogueira, Coordenação de tradução; Bernardo Sá Nogueira, Erica da Cunha Alves e Luís Pinto, Tradução; Elsa Gonçalves, Revisão

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

António Cunha; António Luís Campos; Anyforms; Filipa Capela (Internet e redes sociais); José Séneca; Sérgio Conceição

SIGA-NOS TAMBÉM EM

nationalgeographic.pt
facebook.com/ngportugal
zinio.com/NatGeoPT
instagram.com/natgeo_revistaportugal
Canal National Geographic Portugal no YouTube

PROPRIETÁRIA/EDITORA

RBA Revistas, S.L., Avda. Diagonal, 189 – 08018 Barcelona. CIF: B 64610389
nationalgeographic@rbarevistas.pt

RBA PUBLIVENTAS

rbapubliventas.com

ARIADNA HERNÁNDEZ FOX, Directora-geral

M.ª LUZ MAÑAS, Directora comercial Madrid
mluz-m@rba.es - Tel.: 00 34 91 510 66 00

ANA GEA, Directora comercial Barcelona
ana-gea@rba.es - Tel.: 00 34 93 415 23 22

SERAFÍN GONZÁLEZ, Director de negócios digitais e serviços comerciais

IMPRESSÃO E ENCADERNAÇÃO

Rotocobrhi, S.A.U.
Ronda de Valdecarrizo n.º 13
28760 Tres Cantos – Madrid

ASSINATURAS

VASP-PREMIUM
Tel.: (351) 21 433 70 36 (de 2.ª a 6.ª feira)
assinaturas@vasp.pt

DISTRIBUIÇÃO

VASP, Distribuidora de Publicações, SA
MLP – Media Logistic Park
Quinta do Grajal
2739-511 Agualva - Cacém
Tel.: (351) 214 337 000

Periodicidade: mensal
Depósito Legal n.º B-8123-2021
ISSN 2182-5459
Registo de imprensa n.º 123811
Tiragem média: 40.000
Estatuto editorial: *nationalgeographic.pt/lei-transparencia*

Capital social: € 250.000
ACCIONISTAS – SÓCIO ÚNICO:
RBA Holding de Comunicación, S.L.U.

Interdita a reprodução de textos e imagens

NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE

EDITOR IN CHIEF **Nathan Lump**

EXECUTIVE EDITOR/HISTORY&CULTURE: Debra Adams Simmons. MANAGING EDITOR/MAGAZINES: David Brindley
EXECUTIVE EDITOR/SHORT FORM: Patricia Edmonds. SENIOR EXECUTIVE EDITOR/ NEWS & FEATURES: Indira Lakshmanan
DIRECTOR/VISUAL AND IMMERSIVE EXPERIENCES: Whitney Latorre. EXECUTIVE EDITOR/ LONG FORM: David Lindsey.
MANAGING EDITOR/ DIGITAL: Alissa Swango. MANAGING EDITOR/INTEGRATED STORYTELLING: Michael Tribble

INTERNATIONAL EDITIONS EDITORIAL DIRECTOR: Amy Kolczak. DEPUTY EDITORIAL DIRECTOR: Darren Smith.
TRANSLATION MANAGER: Beata Kovacs Nas. INTERNATIONAL EDITOR: Leigh Mitnick

EDITORS **ALEMANHA:** Werner Siefer. **AMÉRICA LATINA:** Alicia Guzmán. **BULGÁRIA:** Krassimir Drumev. **CAZAQUISTÃO:** Yerkin Zhakipov. **CHINA:** Tianrang Mai. **COREIA:** Junemo Kim. **CROÁCIA:** Hrvoje Prćić. **ESLOVÉNIA:** Marija Javornik. **ESPANHA:** Gonçalo Pereira Rosa. **ESTÓNIA:** Erkki Peetsalu. **FRANÇA:** Catherine Ritchie. **GEÓRGIA:** Natia Khuluzauri. **HOLANDA/BÉLGICA:** Arno Kantelberg. **HUNGRIA:** Tamás Vitray. **ÍNDIA:** Lakshmi Sankaran. **INDONÉSIA:** Didi Kaspi Kasim. **ISRAEL:** Idit Elnatan. **ITÁLIA:** Marco Cattaneo. **JAPÃO:** Shigeo Otsuka. **LÍNGUA ÁRABE:** Hussain Almoosawi. **LITUÂNIA:** Frederikas Jansonas. **POLÓNIA:** Agnieszka Franus. **PORTUGAL:** Gonçalo Pereira Rosa. **REPÚBLICA CHECA:** Tomáš Tureček. **SÉRVIA:** Milana Petrovic. **TAIWAN:** Yungshih Lee. **TAILÂNDIA:** Kowit Phadungruangkij.

NATIONAL GEOGRAPHIC PARTNERS

BOARD OF DIRECTORS

Rebecca Campbell, Jean M. Case, Joshua W. D'Amaro, Kareem Daniel, Robert H. Langer, Kevin J. Maroni, Debra M. O'Connell, Frederick J. Ryan, Jr., Jill Tiefenthaler, Michael L. Ulica

NATIONAL GEOGRAPHIC MEDIA EVP & GENERAL MEDIA
David Miller

SENIOR MANAGEMENT

VP INTERNATIONAL MEDIA Yulia Boyle
VP DIGITAL EXPERIENCES Marcelo Galdieri
VP MARKETING Julianne Galvin
SVP & EDITORIAL DIRECTOR Nathan Lump
DIRECTOR/PRINT OPERATIONS John MacKethan

INTERNATIONAL PUBLISHING

Allison Bradshaw, Ariel Deiaco-Lohr, Kelly Hoover, Diana Jaksic, Jennifer Jones, Leanna Lakeram, Rossana Stella

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY

CHIEF EXECUTIVE OFFICER
Dr. Jill Tiefenthaler

SENIOR MANAGEMENT

PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER Michael L. Ulica
CHIEF DIVERSITY, EQUITY, & INCLUSION OFFICER Shannon P. Bartlett
CHIEF COMMUNICATIONS, MARKETING, & BRAND OFFICER Crystal Brown
CHIEF HUMAN RESOURCES OFFICER Mara Dell
CHIEF SCIENCE & INNOVATION OFFICER Ian Miller
CHIEF EXPLORER ENGAGEMENT OFFICER Alex Moen
CHIEF ADVANCEMENT OFFICER Kara Ramirez Mullins
CHIEF LEGAL OFFICER Sumeet Seam
CHIEF TECHNOLOGY & INFORMATION OFFICER Jason Southern
CHIEF OF STAFF & PROGRAM ALIGNMENT Kim Waldron
CHIEF STORYTELLING OFFICER Kaitlin Yarnall
CHIEF FINANCIAL OFFICER Rob Young

BOARD OF TRUSTEES

CHAIRMAN Jean M. Case
VICE CHAIRMAN Katherine Bradley

Brendan P. Bechtel, Afsaneh Beschloss, Ángel Cabrera, Elizabeth Comstock, Joseph M. DeSimone, Alexandra Grosvenor Eller, Paula Kahumbu, Deborah Lehr, Claudia Madrazo, Kevin J. Maroni, Strive Masiyiwa, Dina Powell McCormick, Mark C. Moore, George Muñoz, Nancy E. Pfund, Frederick J. Ryan, Jr., Rajiv Shah, Ellen R. Stofan, Jill Tiefenthaler, Anthony A. Williams

EXPLORER IN RESIDENCE

Enric Sala

EXPLORERS AT LARGE

Shahidul Alam, Robert Ballard, Lee R. Berger, James Cameron, Sylvia Earle, J. Michael Fay, Beverly Joubert, Dereck Joubert, Louise Leakey, Meave Leakey, Maya Lin, Rodrigo Medellín

Copyright © 2022 National Geographic Partners, LLC. Todos os direitos reservados. National Geographic e Yellow Border: Registered Trademarks® Marcas Registadas. A National Geographic declina a responsabilidade sobre materiais não solicitados.

RBA REVISTAS

Licença de
NATIONAL GEOGRAPHIC PARTNERS, LLC.

RICARDO RODRIGO, Presidente

ANA RODRIGO, Editora

JOAN BORRELL FIGUERAS, Director-geral Corporativo

AUREA DIAZ ESCRIU, Directora-geral

BERTA CASTELLET, Directora de Marketing

JORDINA SALVANY, Directora Criativa

SUSANA GÓMEZ MARCULETA, Directora Editorial

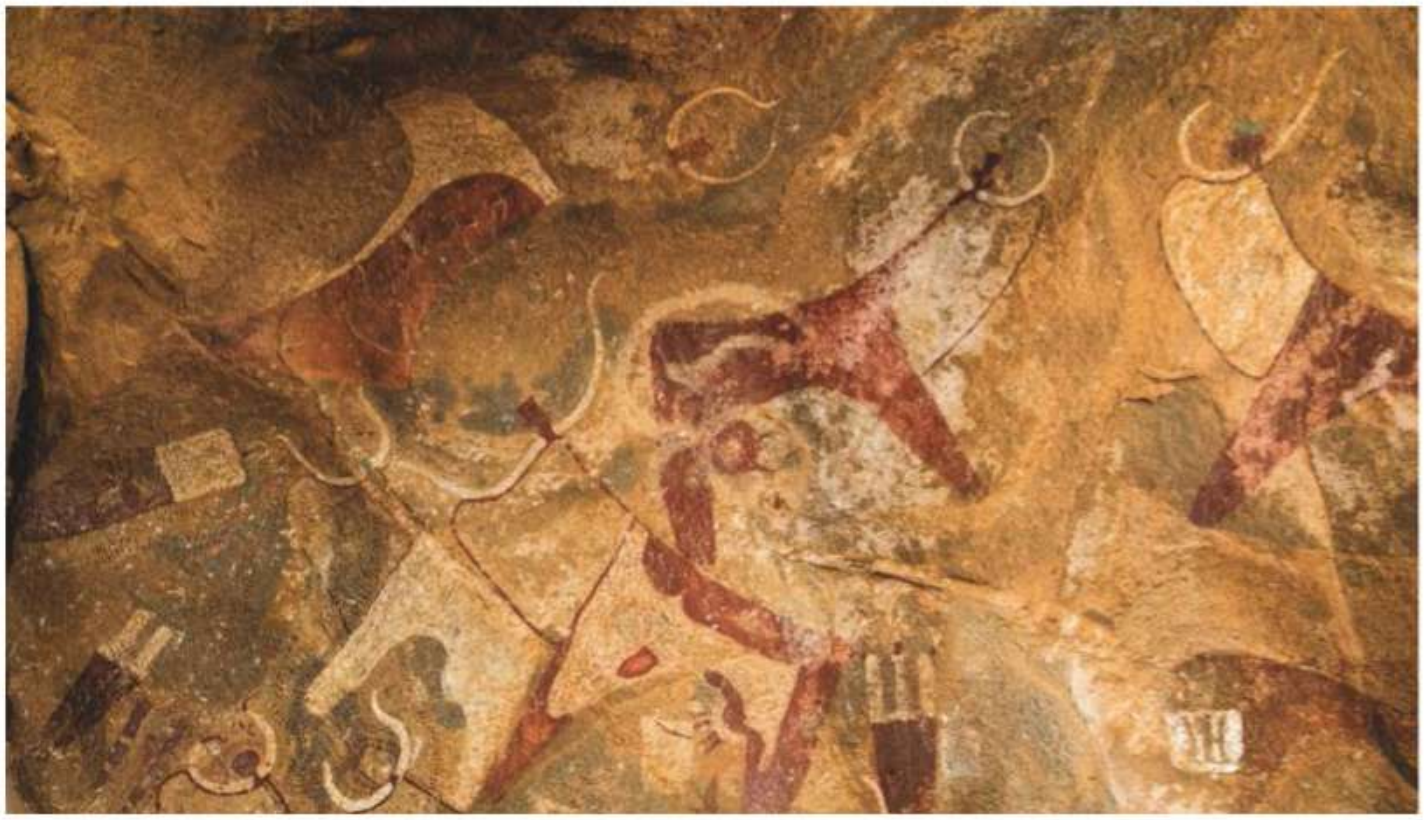
JOSEP OYA, Director-geral de Operações

RAMON FORTUNY, Director de Produção

ARTE RUPESTRE NA SOMALILÂNDIA

Aragem de esperança numa região obscura

FOTOGRAFIA DE **JORDI MATAS**



Um dos painéis de Laas Geel, um abrigo rupestre utilizado durante séculos por comunidades de pastores e outros nómadas. A capacidade humana para representar a abstracção poderá ser muito mais antiga do que conjecturávamos até agora.

A SOMALILÂNDIA é uma daquelas regiões sobre as quais pensamos pouco. Em 1991, um governo provincial proclamou unilateralmente a sua independência, cortando os laços com a República da Somália, onde estava integrada desde 1960. Só um país estrangeiro reconheceu até hoje a sua independência – Taiwan.

No século XXI, muitos territórios preservam heranças directas das divisões coloniais do século XIX. A Somalilândia reproduz, na maioria da sua superfície, as fronteiras da Somália Britânica, ali estabelecida para defender os interesses da Grã-Bretanha após a abertura do canal de Suez. O resto da Somália corresponde à antiga Somália Italiana.

Por preconceito ou excesso de negativismo dos noticiários, não esperamos aragens frescas de locais como este. Um dos primeiros pioneiros a testar esses estereótipos foi Richard Burton, um viajante inglês com conhecimento íntimo do mundo islâmico e um dos primeiros ocidentais a penetrar em Harare, na Etiópia, depois de ter protagonizado uma peregrinação clandestina a Meca.

Disfarçado de viajante afegão, Burton entrou também na Somalilândia. Ali explicaram-lhe que a malária parecia resultar das mordidelas de mosquitos, teoria que Burton desvalorizou como superstição. Hoje, sabemos com clareza que a malária se transmite, de facto, pelas picadas de mosquito.

Neste território esquecido e de conhecimentos imemoriais, foram encontradas, no início do século XXI, manifestações artísticas surpreendentes. A arte rupestre de Laas Geel transporta-nos para um mundo de pastores que desenhavam o que viam e transferiam para as paredes dos abrigos a sua própria cosmovisão. Foram os primeiros pastores-pintores do Corno de África. E a sua arte é um testemunho vívido de que a geografia e a política não condicionam o espírito.

OS PRIMEIROS ARTISTAS
DO CORNO DE ÁFRICA

Descobertas há 20 anos, as pinturas de Laas Geel, um dos exemplos de arte rupestre mais importantes do mundo, estão na vanguarda da extraordinária e inexplorada riqueza arqueológica da Somalilândia, uma região ainda no limbo.

TEXTO DE **XAVIER ALDEKOA**
FOTOGRAFIAS DE **JORDI MATAS**

A meio caminho entre Hargeisa e o porto de Berbera, o complexo de grutas e abrigos rochosos de Laas Geel reúne cerca de quinhentas figuras humanas, de animais e geométricas distribuídas por mais de uma vintena de refúgios. A vaca é a imagem principal. Pintadas no terceiro milénio antes de Cristo, testemunham o pensamento simbólico dos primeiros pastores neolíticos da região.

Animal de trabalho e fonte de leite e carne no deserto, o dromedário é um símbolo de poder na Somalilândia. Os pilares económicos deste povo de tradição nómada são as remessas da diáspora e o comércio de camelídeos, em lugares como este mercado em Hargeisa. No futuro, o porto de Berbera dará acesso ao estreito de Bab al-Mandeb e gerará riqueza.

ESTE RELATO COMEÇA HÁ CINCO MIL ANOS, NO MEIO DE MUGIDOS. **A ALVORADA DESPERTOU E SURGEM NO HORIZONTE VÁRIAS NUVENS DE POEIRA, ENCAMINHANDO-SE NA MESMA DIRECÇÃO.**

São uma mensagem: a cerimónia está prestes a começar. Atrás da enorme poeira levantada por milhares de cascos pisando a terra, avista-se rapidamente a silhueta de centenas de chifres de bovinos e a figura estilizada de dezenas de nómadas que avançam lentamente, após uma viagem de vários dias. Os homens têm os olhos fixos na montanha sagrada. Não é a primeira vez que muitos deles participam nesse encontro periódico dos povos da região, mas também não lhes é difícil orientar-se: quase solitária no meio da planície, na bifurcação de dois rios, a colina rochosa com 950 metros de altitude vê-se à distância.

Quando lá chegam, as manadas distribuem-se pelas margens para saciar a sede. Alguns metros acima, nos abrigos rochosos, os pastores têm facilidade em controlar os seus animais, enquanto concluem as transacções comerciais por um produto indispensável para a saúde do gado: o sal transportado pelos homens da costa. Talvez ao entardecer cantem, dancem e partilhem, junto do fogo, as últimas notícias de terras distantes.

Falta, porém, terminar um rito, o mais importante: o dos artistas, ou xamãs, que, decididos a honrar a chegada às suas vidas da vaca doméstica, ser divino e dócil que dá leite e carne e que mudou a vida dos seus donos, decoraram as paredes de cavidades com pigmentos extraídos de seiva de raízes, areia ou poeira de rochas. Não são pinturas decorativas, são venerações. Gestos de adoração para com os seus animais, registados na pedra. Os seus autores são pioneiros: os primeiros pastores-pintores do Corno de África.

Também são mensageiros de um momento histórico. Graças a essas pinturas, sabemos hoje que, há cerca de cinco mil anos, aqueles encontros periódicos no monte solitário, a menos de cem quilómetros de Hargeisa, a capital da Somalilândia – território semidesértico situado no Norte da Somália, autoproclamado independente em 1991 e reconhecido apenas por Taiwan – eram mais do que meras reuniões de pastores. Aquela colina rochosa marca o início de uma nova era para o Corno de África: o momento em que a domesticação das vacas transformou os povos caçadores-recolectores em pastores.

No estilo de Laas Geel, as vacas são as representações mais numerosas. Os chifres e as tetas são claramente visíveis, observando-se sobre o seu pescoço uma franja rectangular, com frequência decorada com riscas verticais alternadas. Os animais têm as costas direitas, pormenor anatómico associado ao *Bos taurus*, espécie introduzida no Corno de África vinda da península Arábica. Associadas às vacas, as figuras humanas, pequenas e desenhadas em redor, parecem flutuar no espaço. O estudo de Gutherz atribuiu esta arte aos pastores nómadas, para os quais o gado ocupava o centro do sistema social.

RIQUEZA ARQUEOLÓGICA EXCEPCIONAL

A Somalilândia declarou a sua independência há 30 anos, mas, sem reconhecimento internacional, não é possível fomentar programas arqueológicos de longa duração sobre o seu rico património histórico, no qual se incluem cidades medievais, caravançarais do deserto e belíssimas pinturas rupestres.

1. Cidade medieval de Zeila
2. Cidade medieval de Abasa
3. Cidade medieval de Amud
4. Dhagax Kure
5. Cidade de Bulhar (finais do século XIX ou meados do século XX)
6. Cidade medieval e santuário de Aw Barkhadle
7. Laas Geel
8. Centro histórico de Berbera
9. Sítio medieval de Bandar Abbas
10. Sítio neolítico de Ceel Gerdi
11. Sítio medieval de Siyaara
12. Pinturas rupestres de Dhambalin
13. Forte otomano de Dubar
14. Cidade medieval de Fardowsa (actual Sheikh)
15. Caravançarai de Qalcadda
16. Cidade medieval de Maduuna
17. Necrópole pré-histórica de Shalaw
18. Necrópole de Xiis (séculos I-III)
19. Cidade e sítio medieval de Maydh
20. Pinturas rupestres de Karin Hegaan

As cerimónias antigas desapareceram há muito, mas delas surgiu um tesouro que permaneceu praticamente intacto. Com o passar dos séculos, o deserto secou os rios, os encontros de homenagem à vaca extinguiram-se e a montanha passou a chamar-se simplesmente Laas Geel, "poço para os camelos", no idioma somali. As pinturas caíram no esquecimento durante cinco milénios... até quase anteontem. Há 20 anos, num achado próprio de outro século, uma equipa de arqueólogos franceses anunciou ao mundo a descoberta de um tesouro invulgar: Laas Geel, as pinturas rupestres mais importantes do Corno de África. Distribuídas por 23 abrigos sob rocha, sobrevivem cerca de quinhentas figuras humanas, de animais e símbolos geométricos num estado de conservação excepcional.

Xavier Gutherz, arqueólogo da Universidade Paul Valéry de Montpellier e líder daquela expedição francesa, ainda sente arrepios ao recordar o dia 4 de Dezembro de 2002. "Percebemos imediatamente que estávamos num lugar extraordinário. Não só pela densidade das figuras, como pela frescura e a cor dos pigmentos. Conheço bem a arte rupestre africana e não existe nada que chegue aos calcanhares de Laas Geel. Devido à sua composição, qualidade técnica e artística e estado de conservação, é o principal sítio de pintura rupestre do Corno de África."

Os meios de comunicação internacionais, deslumbrados com as pinturas pré-históricas quase intactas, começaram a somar alcunhas para descrever a magnitude do achado: a Lascaux africana, a Altamira da Somalilândia, a Chauvet do Corno de África. Gutherz troça dessas metáforas, mas também sucumbe ao encanto dos artistas pioneiros desta região. "Em Lascaux, Chauvet ou Altamira, falamos do Paleolítico; em Laas Geel, do Neolítico, no período dos primeiros indícios de domesticação de animais, dos primeiros pastores.

MAPA: NGM-E. FONTES: JORGE DE TORRES; ROGER JOUSSUME E JEAN-PAUL CROS, *ART RUPESTRE DANS LA CORNE DE L'AFRIQUE* (2022)

A colina granítica de Laas Geel tem uma localização privilegiada, com perspectivas espectaculares sobre o deserto de rocha e arbustos do centro de Somalilândia. Há cinco mil anos, a montanha sagrada acolhia reuniões periódicas, durante as quais se prestava culto ao gado vacum.

É outra fase da evolução humana. A nível puramente estético, de qualidade e riqueza artísticas, são semelhantes, mas este é outro universo." A semelhança surge também na emoção do encontro.

À PRIMEIRA VISTA, A MONTANHA pode parecer um sítio normal. Uma paisagem rochosa e árida, salpicada de arbustos, solitária. Em alguns fins de tarde, é possível avistar grupos de macacos entre as rochas, mas de manhã só se vê um ou outro lagarto despistado que, ao menor ruído, foge depressa para se esconder, ou ouve-se a gritaria das aves que nidificam na montanha, à qual os nativos se referem como *shimbir mayay*, as aves da chuva da manhã. Porém, quando subimos pela suave ladeira e entramos no primeiro abrigo sob rocha, a magia começa: a primeira visão das pinturas tira-nos o fôlego.

Poucos metros acima da nossa cabeça, encontram-se espalhadas centenas de figuras de cores vivas, todas diferentes, algumas tão próximas que conseguimos tocar-lhes com os dedos: vacas com chifres gigantes, de riscas coloridas no pescoço ou no lombo, humanos em posição de adoração, cabras ou cães em redor... uma arte rica em pormenores que mistura traços realistas, abstractos e até simbólicos. Um festival pictórico com cinco mil anos de antiguidade que se abre diante de uma paisagem prodigiosa: um vasto deserto de rocha e arbustos que se estende para lá do horizonte. Nas encostas da montanha, adivinha-se a cicatriz de uedes sem nome, de rios hoje secos que só transportam água durante a época das chuvas.

Uma pergunta paira no ar. Como foi possível que este tesouro pré-histórico permanecesse intacto até aos nossos dias?

O ancião Moussa Abdi Jama, de 77 anos, que se apoia no seu bastão para subir até um segundo abrigo sob rocha, tem a resposta porque ele próprio o sentiu: o medo dos demónios salvou as pinturas. "Ninguém ousava aproximar-se. Pensávamos que era um lugar maldito, a casa dos *djin*, os espíritos malignos. Não sabíamos que era valioso."

Símbolos geométricos decoram as paredes de Dhagax Nabi Galay (em cima), uma pequena gruta nas proximidades de Laas Geel, à qual se acede rastejando através de uma fenda no solo. A riqueza pictórica da zona é extraordinária. Em Dhagax Kure (em baixo), junto das figuras humanas e das vacas, vêem-se várias girafas. No quarto abrigo de Laas Geel (à direita), estão representadas duas vacas, uma das quais com pelagem bicolor, em posição de cópula.

Aquele medo incrustou-se na sabedoria popular. Nos povoados vizinhos, ainda hoje, quando uma criança adoece, diz-se que foi enfeitiçada pelos *djin* de Laas Geel. Pastor de cabras, Moussa tinha 19 anos quando uma tempestade o obrigou a enfrentar a superstição. Naquele dia, o seu rebanho, assustado pelos trovões, refugiara-se nas grutas da "colina maldita" e ele não teve outro remédio senão ir buscá-lo. Ficou sem respiração. "Tinha medo, mas fiquei surpreendido por ver as pinturas. As pessoas diziam que aquelas figuras eram obra do diabo, feitas com sangue de humanos, mas passei a noite ali com as minhas cabras e não senti nada."

O anúncio formal da descoberta só aconteceu no século XXI. Começou com um bastão, uma garrafa de água e uma mochila carregada de paixão. No ano 2000, o somali Mohamed Ali Abdi, carregado com pouco equipamento, iniciou uma viagem a pé que mudou a história da arqueologia do Corno de África. Dormindo ao relento, suportando um sol abrasador e com pouco dinheiro, Ali Abdi, apaixonado pela arqueologia, embora sem formação académica, começou a caminhar com a convicção dos antigos exploradores. "Tinha ouvido lendas sobre um lugar mágico, guardado por figuras estranhas na parede, e pensava que talvez houvesse um tesouro com milhares de anos escondido, mas nunca pensei em encontrar algo tão maravilhoso." Aos 61 anos, Ali Abdi lembra-se bem do fim de tarde em que, iluminado pelos últimos raios de sol, deparou com aquela que, veio a saber mais tarde, seria a descoberta da sua vida. "Há sete dias que caminhava. Montei acampamento no sopé de uma colina e, enquanto aquecia o jantar, peguei no binóculo. Pareceu-me ver uma entrada na parede de

É habitual os pastores nómadas acamparem em tendas como esta, tanto nas imediações de Las Geel como de Dhagax Nabi Galay. Costumam ser construídas com tecido, peles e até plásticos e têm a forma de *igloos*. Os materiais utilizados são leves para poderem ser montadas e desmontadas em poucas horas e carregadas sobre o dorso dos animais quando as famílias se deslocam.

pedra e vi sombras que pareciam pinturas. Fiquei com o coração acelerado. Deixei a comida ao lume e saí a correr montanha acima."

Segundos mais tarde, diante dos seus olhos, visíveis apesar da penumbra, havia centenas de pinturas rupestres. Sentou-se numa pedra e chorou de emoção. "Em seguida, apercebi-me do seu valor e de que esse seria o meu grande legado. Sequei as lágrimas e desenhei esboços no meu caderno. Estava maravilhado, mas sabia que deveria ter cuidado, por isso não contei a ninguém. Durante dois anos, guardei segredo."

Preocupado com a degradação a que as pinturas poderiam ser sujeitas se houvesse um anúncio público e desordenado, Ali Abdi só mencionou o seu achado em cartas que enviou às equipas arqueológicas italianas e francesas que trabalhavam em sítios dos países vizinhos – na Etiópia e em Djibuti. Depois de lhes comunicar a sua descoberta, implorou-lhes que estudassem as pinturas. Não foi fácil convencê-los. Por fim, em 2002, aterrou no país a equipa francesa de Gutherz, ainda um pouco incrédula perante as apaixonadas descrições daquele rapaz teimoso e entusiasta. Jubilado aos 72 anos e a partir da sua França natal, Gutherz recorda a sua primeira visita a Laas Geel: "Foi uma emoção muito forte. Chegámos ao fim da tarde e passámos a noite sem dormir, pensando que estávamos prestes a ver algo extraordinário. É a descoberta mais bonita que vi na vida. Uma coisa destas marca-nos para sempre."

O ARQUEÓLOGO Jorge de Torres que, juntamente com Alfredo González Ruibal, co-dirigiu entre 2015 e 2020 uma equipa do Instituto de Ciências do Património na Somalilândia, o único projecto arqueológico a longo prazo desenvolvido no país, acrescenta um matiz essencial para entender o valor da região: "Nem consegui acreditar quando vi as pinturas de Laas Geel pela primeira vez. Não só pela sua qualidade e estado de conservação, mas também pelo local onde se encontram. Essas pinturas estão ali, em frente do vale, intencionalmente. É uma espécie de Capela Sistina dos nómadas do Neolítico. Só que na Capela Sistina entra-se num templo que nos prepara para o que se vai ver e aqui não. De repente, encontra-se uma montanha solitária e deparamos com pinturas maravilhosas. E sim, Laas Geel é incrível, mas é apenas a jóia da coroa de um país rico em sítios excepcionais."

A descoberta de Laas Geel não representou apenas o maior ponto de referência da arqueologia na Somalilândia, pois atraiu também a atenção para a riqueza de um território por explorar, atravessado durante milénios por caravanas de nómadas que salpicaram a região com arte rupestre. Enquanto países vizinhos como a Etiópia ou o Djibuti foram muito mais estudados (especialmente o primeiro), a instabilidade política em solo somali relegou para o esquecimento as jóias do passado de um território de importância capital para o mundo. Embora possa parecer um local distante ao olhar ocidental, o Corno de África fica na encruzilhada das rotas comerciais mais importantes do planeta. Às suas costas, chegaram, ao longo dos séculos, comerciantes ávidos do incenso africano ou de carapaças de tartaruga, provenientes das rotas do Mediterrâneo através do mar Vermelho, da península Arábica, da Pérsia e até das distantes Índia ou China, empurrados pelas monções do oceano Índico.

O ancião Moussa Abdi Jama, pastor de cabras de 77 anos, encontrou as pinturas de Las Geel por acaso há mais de 60 anos, quando os seus animais se refugiaram nas rochas durante uma tempestade. As pinturas demoraram décadas a ser conhecidas internacionalmente. Abdi, que continua a viver na aldeia nas imediações de Laas Geel, gosta de visitá-las de vez em quando.

À DIREITA

No centro de Hargeisa, capital da Somalilândia, os cambistas resguardam-se atrás de montanhas de notas da moeda local que é também um símbolo. Autoproclamada independente da Somália em 1991, a Somalilândia funciona: além de ter uma Constituição, exército e bandeira, possui moeda própria.

EM BAIXO

Em finais da década de 1980, o ditador somali Siad Barre bombardeou os dissidentes independentistas do Norte e destruiu a cidade de Hargeisa. Desde então, a Somália sucumbiu a uma espiral de violência e jihadismo enquanto a Somalilândia reconstruiu a capital e consolidou as suas instituições.

Como resultado da importância da região como entreposto comercial, há vários sítios arqueológicos onde se encontraram pulseiras da Índia, frascos de perfume de Alexandria, cerâmica persa ou porcelana chinesa, mas também vestígios de cidades medievais ou da época colonial. Além de, evidentemente, arte rupestre de primeira categoria.

Na colina de Dhagax Kure, 40 quilómetros a oeste de Hargeisa, escondem-se, sob enormes blocos de granito que parecem caídos do céu, pinturas de dezenas de vacas ao estilo de Laas Geel, além de girafas, serpentes e figuras humanas, dispostas num caos excepcional. Há que avançar pelo meio de rochas escuras, por vezes formando túneis e cavidades naturais, para as encontrar. Como em Laas Geel, a perspectiva do deserto a partir da colina é fabulosa. O guia Ismail Abdul, de 67 anos, é parco em palavras porque não precisa de mais: "E aqui está outra das jóias da arte pré-histórica mundial." A lista de tesouros rupestres da Somalilândia parece interminável: Dhambalin, Dhagax yo Gobaad, Dhagax Nabi Galay...

Para o matemático Jama Musse Jama, activista e director do Centro Cultural Hargeisa, existe apenas uma razão para que um legado rupestre deste calibre, encabeçado por Laas Geel, não seja ainda Património Cultural da UNESCO: a política. "É um escândalo, um triste escândalo."

A HISTÓRIA RECENTE marca o desencontro. Depois de se unir à Somália, liberta da colonização italiana na década de 1960, a Somalilândia, com um passado britânico, fartou-se que os clãs do Sul açambarcassem o poder e, em 1991, autoproclamou-se independente para tomar o seu próprio rumo, de sucesso e desenvolvimento, ao contrário do Sul somali, estagnado em guerras, caos e desgoverno. Seguiram caminhos opostos. Enquanto a Somália é hoje um país em reconstrução, dilacerado pela violência e pelo jihadismo, a Somalilândia é uma das democracias mais estáveis de uma região atordoada. A Eritreia, o Djibuti, a Etiópia, a Somália ou o Sudão do Sul balançam entre guerras ou ditaduras atrozes. A Somalilândia reivindica ser um território pobre, mas pacífico, com um parlamento sólido, o seu próprio passaporte, exército, bandeira e moeda. É um país sem o ser: um Estado no limbo há 30 anos.

E esse limbo é o perigo. "Laas Geel e outros sítios merecem ser protegidos internacionalmente", sublinha Musse. "No entanto, a estupidez dos políticos põe em risco um lugar extraordinário. Nem a Somalilândia permitiria que a Somália abordasse a UNESCO em seu nome, nem a Somália – único Estado com capacidade legal para apresentar a candidatura – tem interesse em reforçar a rival. E a comunidade internacional lava as mãos para não debilitar o frágil governo somali."

Além das rivalidades, a Somalilândia também não fez o seu trabalho: com poucos profissionais locais formados e um mercado negro de antiguidades descontrolado, os esforços das instituições são lentos. Está quase tudo por fazer: em Maio, o Museu Horn de Património Digital, criado pela arqueóloga sueco-somali Sada Mire, do University College de Londres, entregou o primeiro projecto de lei para proteger o legado da Somalilândia.

Quando falamos sobre as disputas nos gabinetes, o arqueólogo autodidacta mais famoso do país, Ali Abdi, encolhe os ombros. Ele continua a dedicar-se à sua missão: descobrir jóias do passado. Antes de se despedir, olha de soslaio e baixa a voz, como os bons contadores de histórias. Guarda um segredo: "É possível que ainda existam, na Somalilândia e na vizinha Puntlândia, tesouros arqueológicos inimagináveis por descobrir", assegura, com um sorriso maroto. "Outra Laas Geel escondida?... Quem sabe?" □

MOHAMED ALI ABDI

O DOM QUIXOTE DA SOMALILÂNDIA

Quando aparece à porta, parece um ciclone. Um tornado de outro século. Pai de nove filhos, antigo militar por herança paterna e filho de uma enfermeira, Mohamed Ali Abdi usa um chapéu com padrão camuflado que lhe confere um ar de explorador de tempos idos, uma espécie de Indiana Jones de tez torrada. Em poucos segundos de conversa, a sua paixão derrama-se em cada gesto. Enquanto desdobra mapas e fotografias sobre a mesa e traça linhas invisíveis com os dedos, enumera as dezenas de sítios arqueológicos que descobriu. Os olhos iluminam-se sem parar. "Este é incrível!" "Nesta zona, tenho a certeza de que há pinturas ou gravuras por descobrir." "Aqui existe um sítio importantíssimo." Quando recupera o fôlego, explica: "A arqueologia está no meu sangue, é a minha missão e o que dá sentido à minha vida."

Não fala em trabalho, nem sequer de ofício. "O que é para mim a arqueologia? Um privilégio", responde-me imediatamente, desenvolvendo o raciocínio em seguida. "Sinto-me muitíssimo privilegiado por ter inaugurado uma era de descobertas." Apesar do orgulho, afirma, não é o afã de reconhecimento nem a fama que lhe guia os passos, mas o desejo de conservação e o amor pela arqueologia que lhe foi transmitido por um dos tios, que o deixava acompanhá-lo na escavação de túmulos antigos quando era adolescente. "Ele ensinou-me tudo. Via-os trabalhar com tanto cuidado e carinho que me impressionou."

A sua forma de conservação é a generosidade de descobrir tesouros para o mundo. "Ao longo da minha vida, aprendi que o conhecimento é o primeiro passo para proteger. Descobri coisas que permaneciam ocultas, que ninguém estudara e, sobretudo, ninguém protegia. Ainda estamos a tempo de não as perder."

Autodidacta e apaixonado pela arqueologia desde a adolescência, Mohamed Ali Abdi desdobra sobre uma mesa do Hotel Maan Soor, em Hargeisa, os mapas que lhe serviram para percorrer o território a pé ou numa motocicleta velha, em busca de sítios arqueológicos. A ele deve-se mais de meia centena de descobertas de grande valor e ainda "restam muitas jóias por descobrir", assegura.

O arqueólogo Xavier Gutherz, líder da primeira expedição internacional que estudou Laas Geel, sente um carinho especial por Ali Abdi, por si considerado uma figura insubstituível para o património cultural da Somalilândia. "A sua importância é enorme. O auge é Laas Geel, mas há mais de 50 sítios arqueológicos de grande importância no território e todos foram descobertos por ele. Entre eles, Dhambalin, na região de Berbera, cujas pinturas neolíticas foram investigadas pela doutora Sada Mire. Sempre trabalhou com muita paixão e poucos meios, percorrendo o território de cima a baixo, primeiro a pé e depois com uma motocicleta velha. Apesar de não ter formação universitária, não é só um especialista em arqueologia, mas também na cultura e nas tradições locais."

JORDI MATAS

Apesar do escasso reconhecimento da sua figura por parte do governo, o seu legado é o carinho e respeito de quem trabalhou com ele. Mostra com orgulho as cartas de recomendação de várias expedições internacionais que guiou no país, entre as quais a da equipa arqueológica espanhola do Instituto de Ciências do Património co-liderada por Alfredo González Ruibal, repleta de homenagens à sua pessoa: "O papel do senhor Mohamed como especialista de campo foi essencial para alcançar os objectivos do projecto, uma vez que tem um conhecimento único e em primeira mão do património arqueológico e dos recursos da Somalilândia."

Jorge de Torres, membro daquela equipa, recorda o enorme sorriso de Ali Abdi quando partilhava as suas descobertas e a sua satisfação sincera ao ver como as outras pessoas sabiam valorizar a importância das mesmas. "Olhava para nós e desatava a rir-se: "*Too much*, hum?", dizia. Levava-nos a um sítio com uma riqueza incrível, ao qual poderíamos dedicar cinco ou seis anos de trabalho e, em seguida, levava-nos a outro igual ou até melhor." Torres insiste nas qualidades humanas de Ali Abdi, que define como generoso, afável e humilde, mas destaca, acima de tudo, a sua perseverança inabalável. "É uma pessoa com grande paixão e enorme convicção, uma espécie de Dom Quixote que nunca baixou os braços devido às dificuldades. Foi, sem qualquer dúvida, a pessoa que mais protegeu os tesouros arqueológicos da Somalilândia." □

Os homens refugiam-se do sol ao meio-dia em Sangi Sar, na província de Kandahar, onde Mullah Muhammad Omar fundou os talibãs na década de 1990. Fiéis de todo o país vêm aqui rezar na mesquita hoje dirigida por Mawlawi Hayatullah (segundo a contar da direita).

A ESTRADA PERDIDA DO AFEGANISTÃO

Uma viagem de 3.300 quilómetros pelo que resta da principal auto-estrada revela um país maltratado que começa a regredir.

TEXTO DE **JASON MOTLAGH** FOTOGRAFIAS DE **BALAZS GARDI**

V

VEMO-NOS FINALMENTE livres do engarrafamento matinal em Cabul e o mapa do meu *smartphone* indica uma estimativa de nove horas para percorrer os 500 quilómetros que nos separam da cidade de Kandahar, seguindo pela Auto-Estrada Nacional 1, a estrada mais cara e importante do Afeganistão.

Os Estados Unidos despejaram centenas de milhões de dólares neste troço de asfalto, uma secção da Circular Rodoviária de 2.200 quilómetros que contorna o país. O objectivo era agilizar as viagens e promover o comércio entre a capital e a segunda maior cidade do Afeganistão. No entanto, seria disparatado fazer planos para jantar em Kandahar.

A auto-estrada foi construída nas décadas de 1950 e 1960 pela União Soviética e pelos EUA, os rivais da Guerra Fria que disputavam a influência em Cabul. Arruinada por décadas de guerra e incúria, em 2001 restavam apenas 50 quilómetros de estrada asfaltada. Depois da reparação e reabertura do troço entre Cabul e Kandahar, em 2003, o enviado dos EUA, Zalmay Khalilzad, proclamou: "Estamos aqui hoje – literalmente – na estrada para o futuro do Afeganistão... É um futuro de prosperidade. É um futuro de paz." Dezanove anos depois, os solavancos causados pela estrada esburacada confirmam a violência galopante e a corrupção associada.

Menos de uma hora mais tarde, a sul de Cabul, na província de Wardak, o piso da via começa a desfazer-se, crivado de crateras causadas pelos explosivos dos talibãs, que me obrigam a desviar-me para fora da estrada ou a travar a fundo para evitar acidentes. Raramente consigo subir acima da terceira mudança. Viúvas vestidas com *burkas* pedem esmola na berma e rapazes de pá em punho confirmam que é preciso abrandar devido à aproximação de mais danos provocados por bombas.

Um camião carregado com bidões de plástico avança por uma estrada numa zona longínqua da província de Farah, no Oeste do país. Segundo os motoristas, no tempo do antigo governo, a polícia exigia subornos para permitir o transporte de mercadorias quando os salários não eram pagos e a corrupção era generalizada. Os talibãs não o fazem.

PÁGINAS ANTERIORES

Vacas e cabras amontoam-se num mercado de gado em Maimanah, capital da província de Faryab. Anos de seca ressequiram os solos, ameaçando a subsistência deste país maioritariamente agrícola.

Como não há equipas de reparação, crianças como Ehsanullah, de 15 anos, e o seu irmão Rafiullah, de 10, preenchem as fendas com terra, do nascer ao pôr do Sol, recebendo gorjetas de dois euros, em dias bons.

"O nosso pai está doente e o meu irmão mais velho é toxicodependente", suspira Ehsanullah. "Que mais podemos fazer?"

A viagem de carro é menos angustiante do que a minha última jornada através deste bastião talibã, a milícia muçulmana sunita de linha dura que se assenhoreou pela primeira vez do poder em 1996 e foi expulsa pelos EUA em 2001, por dar guarida a Osama bin Laden após os ataques de 11 de Setembro. Em Agosto de 2020, eu viajava por esta estrada na mesma altura em que os militantes talibãs atacavam as caravanas do exército afegão. Combates armados eclodiam por todo o lado e um pequeno número de civis viajava por sua conta e risco, enquanto as tropas do governo, mal armadas, se escondiam atrás de postos avançados crivados de balas.

O posto avançado de polícia onde então passei a noite é agora um monte de escombros. Cascos de tanques destruídos durante a ocupação soviética de 1979-89 repousam a pouca distância de veículos norte-americanos estropiados, de colheita mais recente – uma mistura de iniciativas mal-sucedidas de construção do país.

Em aldeias poeirentas e em ruínas, encontrámos poucos vestígios do projecto de modernização anunciado. A cada quilómetro, há vestígios de um passado sombrio.

Completou-se em Agosto um ano desde que os talibãs voltaram a assenhorear-se do poder, depois de os EUA retirarem as suas forças do país. Eu e o fotógrafo Balazs Gardi alugámos um veículo para percorrermos a Auto-Estrada Nacional 1, mais conhecida como Circular Rodoviária, que liga quatro cidades importantes a leste, sul, oeste e norte. Nas duas décadas que já somamos de reportagens no Afeganistão, foi sempre demasiado perigoso fazer este percurso na sua totalidade, mas o breve interregno na violência actualmente vivida proporciona uma rara oportunidade de explorar o país.

Ao longo de duas semanas, em 18 províncias, depois de percorrermos 3.354 quilómetros, encontrámos combatentes empedernidos, agricultores itinerantes, mulheres sujeitas a restrições draconianas que não existiam desde 2001 e crianças obrigadas a garantir o sustento das famílias. O fio condutor entre todos é o alívio produzido pelo fim da longa guerra que matou mais de 150 mil afegãos, bem como uma aparente recuperação da ordem. Sente-se também um desespero crescente perante o facto de o novo regime talibã não ser mais brando do que a sua encarnação original.

Apesar de terem prometido amnistiar os antigos inimigos e respeitar os direitos das minorias e das mulheres, os talibãs levaram a efeito execuções sumárias de forças governamentais que se renderam, não conseguiram impedir os ataques sectários e eliminaram agressivamente todos os esforços de inclusão feminina, travando o acesso das mulheres a certos empregos na função pública, obrigando as apresentadoras das notícias televisivas a taparem o rosto e proibindo o ensino secundário das raparigas. Desde que os talibãs tomaram o poder, a economia dependente da ajuda externa colapsou, deixando 95% da população com fome, segundo o Programa Alimentar Mundial.

Em centros urbanos poeirentos e aldeias em derrocada, encontramos vestígios do projecto de modernização desenvolvido durante duas décadas sob direcção dos EUA. A cada quilómetro que percorremos, vão emergindo indícios sinistros do passado obscurantista e isolado do Afeganistão, sublinhando a sensação de que estamos perante um país que se desloca em marcha-atrás.

SAÍMOS DA AUTO-ESTRADA em Shaykhabad, mudando para uma estrada de cascalho com a intenção de visitar a médica Roshanak Wardak, antiga deputada do Parlamento conhecida pelas suas intervenções enérgicas. Hoje, sente-se quase sem palavras quando nos encontramos. É o primeiro dia de aulas em todo o país e os talibãs acabaram de anunciar que as raparigas acima do sexto ano de escolaridade não poderão frequentar a escola.

"Sinto-me chocada", afirma Roshanak. Mostra-nos um vídeo no telemóvel em que uma adolescente implora o direito de entrar na sala de aula. "Isto significa a destruição do seu futuro. Um ser humano sem instrução não será nada."

Roshanak Wardak abriu uma clínica para mulheres em 1996, pouco antes de os talibãs assumirem o poder. As mulheres afegãs morriam então de parto em percentagens alarmantes e a médica

Viajando pela Circular

Durante duas semanas, percorremos 3.300 quilómetros na Circular Rodoviária do Afeganistão para documentar como aqui se vive desde a tomada do poder pelos talibãs em 2021. A estrada foi destruída por guerras sucessivas, reconstruída na década de 2000 e de novo devastada pelas forças que combatiam a ocupação dos EUA.

desafiou as autoridades, prestando cuidados médicos e recusando-se a tapar o rosto. Foi das primeiras mulheres eleitas para o Parlamento após a queda dos talibãs e, em 2010, voltou a praticar Medicina a tempo inteiro, tratando as pessoas feridas devido à insurgência. Queria pôr fim ao banho de sangue e viu nos talibãs a melhor hipótese para expulsar as forças militares dos EUA. Também acreditou que conseguiria exercer uma influência moderadora sobre os talibãs da sua comunidade, muitos dos quais conhecia desde que eram crianças.

As suas esperanças esfumaram-se no último ano. Os talibãs voltaram a impor decretos que proíbem as mulheres de viajar sem a companhia de um parente masculino, de frequentarem os parques no mesmo dia dos homens ou de mostrarem o rosto em público. "Isto não é islâmico", queixa-se Roshanak Wardak. "As impressões positivas que eu tinha deles mudaram. Enquanto o mundo anda para a frente, nós andamos para trás."

Acompanhamo-la até ao hospital distrital onde por vezes trabalha: uma instalação espartana dependente do financiamento estrangeiro. A região rural do Afeganistão foi atingida com especial dureza pelo desaparecimento da ajuda humanitária, pelas sanções dos EUA e pelo congelamento dos activos bancários. Na enfermaria dos subnutridos, Ayesha debruça-se sobre a sua filha bebé de aspecto emaciado, Reshma, que está a ser alimentada por via intravenosa. Aos 8 meses, Reshma pesa 2,5 quilogramas. O director do hospital, Abdul Hakim, observa 50 a 100 casos de subnutrição por mês e teme que esse número venha a aumentar. Aquando do regresso dos talibãs, muitos profissionais qualificados fugiram.

Estranhamente, a enfermaria dos traumatizados apresenta-se quase vazia. Durante a guerra, os cadáveres das forças governamentais e da milícia talibã amontoavam-se como "pilhas de lenha" na sala de entrada, recorda Roshanak Wardak. Agora, o único doente é um camionista cuja bochecha está a ser cosida após ter sofrido um acidente de viação por tentar evitar um buraco aberto por uma bomba na estrada. (*Continua na pg. 34)*

CHRISTINE FELLENZ. FONTE: © OPENSTREETMAP

Combatentes talibãs patrulham a Auto-Estrada 1 perto de Maidan Shahr, capital da província de Wardak. Porta de acesso a Cabul, este troço da estrada foi marcado como alvo pelos bombistas durante os longos anos de insurreição contra o governo afegão apoiado pelos EUA.

د میدان

EM SENTIDO HORÁRIO, A PARTIR DO TOPO ESQUERDO

PROVÍNCIA DE WARDAK: Wahida, de 30 anos, acabou de ter o quarto filho no Hospital Distrital de Malek Mohammad Khan. O Afeganistão regista uma das mais elevadas taxas de mortalidade materna do mundo: mais de 600 mulheres morrem por cada cem mil nados-vivos.

PROVÍNCIA DE BALKH: Homayoun Morady, de 15 anos, membro da minoria étnica hazara, senta-se na loja do pai enquanto estuda matemática para aprender mais do que lhe é ensinado na escola.

PROVÍNCIA DE HELMAND: Trabalhadores sazonais colhem papoila-dormideira ao longo da Auto-Estrada 1, perto da cidade de Gereshk. Poucos dias depois, em Abril, os talibãs proibiram o cultivo, venda e consumo desta planta.

PROVÍNCIA DE JOWZJAN: Um tribunal talibã, em Shibirghan, ouve o depoimento de um homem acusado de vender bebidas alcoólicas. A venda já era ilegal no regime anterior, mas os talibãs reforçaram a aplicação da lei.

Mineiros tomam duche no fim de um dia de trabalho numa mina de carvão estatal da província de Baghlan. A crise económica do Afeganistão levou muitos homens sem alternativas, nem experiência, a aceitarem trabalhos perigosos na indústria mineira.

Alguns quilómetros mais à frente na auto-estrada, um homem magro de 50 anos, conhecido pelo nome de guerra Khan, gaba-se de ter sido responsável pela maior parte dos ataques lançados contra a Auto-Estrada 1 no distrito de Sayyidabad.

Khan é actualmente agente de segurança no Ministério das Obras Públicas em Cabul, uma ironia que lhe assenta bem. À semelhança de todos os combatentes talibãs com quem travamos conhecimento, afirma ter participado na *jihad* porque os estrangeiros estavam a corromper o modo de vida tradicional dos afegãos. Finda a guerra, a sua má vontade contra os estrangeiros suavizou-se, transformando-se em curiosidade, e agora convida-nos para jantar.

O fumo da lareira ergue-se dos muros altos do complexo fortificado de Khan e sentamo-nos para comer quiabos guisados e pão ázimo, uma refeição preparada por uma esposa e uma filha que nunca chegamos a ver.

Somos acompanhados à mesa pelo seu antigo camarada de armas, Elham. Enquanto bebemos chá, os dois recordam com nostalgia o forte sentido de missão que um dia partilharam. "Antigamente, sofríamos, mas éramos felizes", diz Elham, que trabalha actualmente num departamento provincial de passaportes. "Agora aborreço-me e não sei bem o que fazer. Sinto falta da guerra."

AS MONTANHAS CINZENTAS da província de Wardak aplanam-se, dando lugar a planícies erodidas ao entrarmos na província de Ghazni. Na última vez que aqui estive, viajei numa caravana de veículos blindados do Exército dos EUA e a nossa viagem terminou antes do previsto quando um dispositivo explosivo improvisado matou dois agentes da polícia afegã que seguiam à nossa frente, abrindo caminho. Desta feita, os combatentes talibãs inspeccionam a bagageira do carro e despedem-se com um aceno, pedindo desculpa pelo incómodo.

Uma tempestade de areia engole a auto-estrada e a noite já cai quando chegamos a Kandahar, o local de nascimento dos talibãs. No ano passado, a segurança melhorou "e nenhum afegâni foi roubado", garante Gulalai, um vendedor de gelado no grande bazar, referindo-se à moeda oficial do país. "Saudamos o seu regresso." Várias lojas abaixo, o vendedor de tecidos Sabor Sabori tem uma opinião diferente, afirmando que a lei e a ordem melhoraram, mas com uma contrapartida: já não é possível exprimir-se livremente.

"Estejam felizes ou infelizes, dizem que estão felizes", resume.

Perto do centro da cidade, a sepultura de Abdul Raziq, um temível comandante da polícia apoiado pelos EUA e inimigo figadal dos talibãs, foi ocultada por muros altos. No auge do seu poder, governou Kandahar como feudo pessoal, enchendo os bolsos com as receitas aduaneiras enquanto os agentes da polícia extorquiam dinheiro aos comerciantes e os seus sequazes torturavam, alegadamente, pessoas e faziam-nas desaparecer. Grupos defensores dos direitos humanos reuniram provas de que os talibãs cometeram homicídios por vingança contra as forças do antigo governo e alguns dos casos mais flagrantes registaram-se em Spin Boldak, terra natal dos antepassados de Raziq.

Uma fila com seis quilómetros de coloridas carrinhas vazias aguarda oportunidade para atravessar a fronteira em Spin Boldak e regressar ao Paquistão. A devastada economia afegã depende das importações: 12 toneladas e meia de carga comercial passam todos os dias nesta fronteira, juntamente com as caravanas de ajuda humanitária da ONU que se dirigem às províncias mais longínquas.

À ESQUERDA

Raparigas acotovelam-se numa escola comunitária financiada por uma instituição estrangeira na província de Wardak. Estas escolas foram fundadas em zonas rurais controladas pelos talibãs antes de este grupo reconquistar o poder em 2021 e eram, frequentemente, a única oferta de ensino. O decréscimo da ajuda internacional e a proibição do acesso das raparigas ao ensino põem em risco o futuro destas escolas.

EM BAIXO

A médica Roshanak Wardak, de 64 anos, visita a maternidade de um hospital distrital de Sayyidabad. Durante a década de 1990, ela tratou compatriotas refugiados no Paquistão, antes de regressar ao seu país para lidar com taxas de mortalidade infantil e materna assustadoramente altas.

Mulheres de *burka* aguardam a defesa dos seus casos junto da porta das salas de audiências do tribunal de Shibirghan. Os talibãs proibiram o acesso das mulheres a vários empregos e ordenaram-lhes que andassem cobertas da cabeça aos pés em público para evitar que provocassem os homens.

Com a tomada do poder pelos talibãs, registou-se um êxodo humano para o Paquistão e o Irão. Para travar esta sangria de cérebros, os talibãs decretaram no passado mês de Fevereiro que os afegãos sem documentos de viagem não poderiam sair do país sem uma licença especial.

MENOS DE DOIS QUILÓMETROS para lá dos limites da cidade de Kandahar, os campos de papoila-dormideira irrompem junto da auto-estrada. As flores são vistosas, seduzindo-nos por todos os lados.

"O fundador dos talibãs, Mullah Omar, disse, referindo-se aos EUA: 'Agora vocês são o país mais poderoso do mundo, mas daqui a 20 anos serão o mais fraco.'"

—ABDUL MAJID

A cultura da papoila-dormideira foi proibida nos últimos dois anos do primeiro governo talibã: mais tarde, os talibãs oneraram com impostos a venda de ópio e de heroína nas regiões que controlavam durante a ocupação norte-americana. De acordo com as Nações Unidas, no ano passado o Afeganistão foi o maior produtor mundial de ópio, gerando 6.800 toneladas, com um possível valor de mercado de 2.660 milhões de dólares – cerca de 10% do Produto Interno Bruto do país. Precisando desesperadamente de aliviar a crise económica, este ano os talibãs tiveram de escolher entre a repressão dos habitantes pobres do mundo rural ou a ignorância voluntária do problema.

Caminho pelo meio de um campo e inspiro o cheiro enjoativamente doce da seiva da papoila a secar ao sol. Ali Jan, de 36 anos, raspa os bolbos com um instrumento próprio para o efeito, tal como faz desde a adolescência. Ganha cerca de cinco euros por dia. "Se houvesse outro trabalho, deixaríamos o negócio do ópio", afirma.

Com o antigo governo, era obrigado a pagar "luvas" às autoridades locais. Até ao momento, os talibãs não têm interferido, mas correm boatos de que irão impor uma proibição após a safra: isso permite-lhes cobrar impostos agora e, mais tarde, obter favores dos países ocidentais desejosos de travar o fluxo da heroína. Apesar de os EUA terem investido 8.489 milhões de euros no combate aos narcóticos, a cultura da papoila do ópio cresceu durante a guerra.

Os campos de papoila multiplicam-se ao longo da estrada de terra que se dirige para Sangi Sar. Este povoado agrícola nada tem de admirável, com excepção do facto de ter sido aqui que Mullah Mohammad Omar, um veterano zarolho da luta dos *mujahedin* da década de 1980, fundou os talibãs na década de 1990. Enquanto os comandantes rivais matavam e roubavam, durante a guerra civil que eclodiu após a retirada soviética, Omar criou um grupo de seguidores, estudantes fundamentalistas religiosos conhecidos como *talibs*, que conquistaram todo o país, com excepção de alguns nichos, em 1996.

Omar fugiu para o Paquistão quando os EUA invadiram o Afeganistão, morrendo de doença em 2013. A sua antiga casa de aldeia sofreu bombardeamentos, mas a mesquita onde era imã foi reconstruída. Um antigo camarada de armas, Abdul Majid, conta-me que Omar "tinha a convicção de que, quer morresse ou sobrevivesse, o emirado [islâmico] acabaria um dia por prevalecer. E referia-se assim aos norte-americanos: 'Vocês são o país mais poderoso do mundo e, daqui a 20 anos, hão-de ser o mais fraco.'"

EM LASHKAR GAH, capital da província de Helmand, contactamos um *talib* chamado Rozi Billal, que conhecemos meses antes em Cabul. Devido à sua atitude bem-disposta e gosto pelas redes sociais, eu partira do princípio de que ele seria ligeiramente progressista. Enganei-me.

Enquanto seguimos por uma estrada esburacada, junto do rio Helmand, Billal, de 28 anos, conta-nos que, no início, se voluntariou como bombista suicida por se sentir ultrajado pelos ataques e raides aéreos lançados pelos EUA. Os dirigentes talibãs consideraram-no demasiado inteligente para se sacrificar e confiaram-lhe a missão de ser ele a treinar os bombistas. Durante 12 anos, levou uma vida dupla como militante e estudante universitário a tempo parcial. A co-educação pouco fez para moderar os seus valores conservadores. Actualmente professor, continua a insistir que as mulheres devem ser separadas.

"As mulheres são uma distracção", afirma, acrescentando que, uma vez, ordenou que uma estudante obstinada fosse retirada da sua sala de aulas por tentar estudar com os homens.

Herat, a terceira maior cidade do Afeganistão, com mais de meio milhão de habitantes, é um antigo entreposto comercial que partilha laços cul-

turais com o Irão, localizado apenas a 120 quilómetros a oeste. A velha cidadela quatrocentista foi restaurada na década de 2000 e a cidade conserva uma aparência de prosperidade.

No entanto, nos territórios a norte de Herat, reina a miséria. Há informações generalizadas de pais que vendem as filhas, obrigando-as a casarem-se muito novas, e a venda de rins para transplantes está a aumentar. Em Dazwari, uma aldeia nas terras altas perto da fronteira com o Turquemenistão, os moradores têm dependido do abastecimento de víveres por parte do USAID e da ONU, uma vez que a seca reduziu a menos de metade a safra de trigo e dizimou as ovelhas. Aqui, uma em cada três crianças sofre de subnutrição, afirma o líder comunitário Arbab Nader. "O governo [talibã] nada faz por nós."

Numa casa de adobe, com uma única divisão, Ma Bibi tece tapetes sete dias por semana para sustentar os seus cinco filhos, ganhando 24 euros pelo trabalho de dois meses. A sua filha de 10 anos, Xarifa, labuta agora a seu lado. "Eu queria ser professora, mas isso agora já não é possível", diz a rapariga, exprimindo resignação.

NA PROVÍNCIA DE BADGHIS, acampamentos improvisados de deslocados erguem-se dos dois lados da auto-estrada, aguardando as entregas da ajuda humanitária que deixaram de chegar. O piso da estrada vai-se esboroando, transformando-se em manchas de terra, até desaparecer.

Num posto de controlo isolado em Darah-ye Bum, um guarda talibã diverte-se quando lhe digo que vamos de automóvel até Maimanah, na província de Faryab, a maior cidade mais próxima, 235 quilómetros a nordeste. Começamos a subir uma estrada íngreme e um rapaz corre na nossa direcção para nos avisar que é demasiado perigoso, redireccionando-nos para o leito de um rio. Verifico no mapa e este confirma que ainda estamos na Auto-Estrada 1. O leito do rio é a estrada.

Saio várias vezes do carro para tirar pedras do caminho e podermos seguir viagem. Durante o resto do dia, avançamos penosamente, a uma média de três quilómetros por hora, sem qualquer viatura à vista. Já anoiteceu quando alcançamos Bala Murghab, uma vila formada por ruínas enegrecidas pelo fogo.

Um lojista deixa-nos dormir no chão da sua loja, mas quase não conseguimos descansar. O caminho para Maimanah não acompanha a estrada e somos obrigados a seguir um táxi, antes da alvorada, para não nos perdermos. Não nos resta outra hipótese senão continuarmos a seguir os faróis traseiros do táxi e, nervosos e cheios de medo, avançarmos ao longo das subidas e descidas.

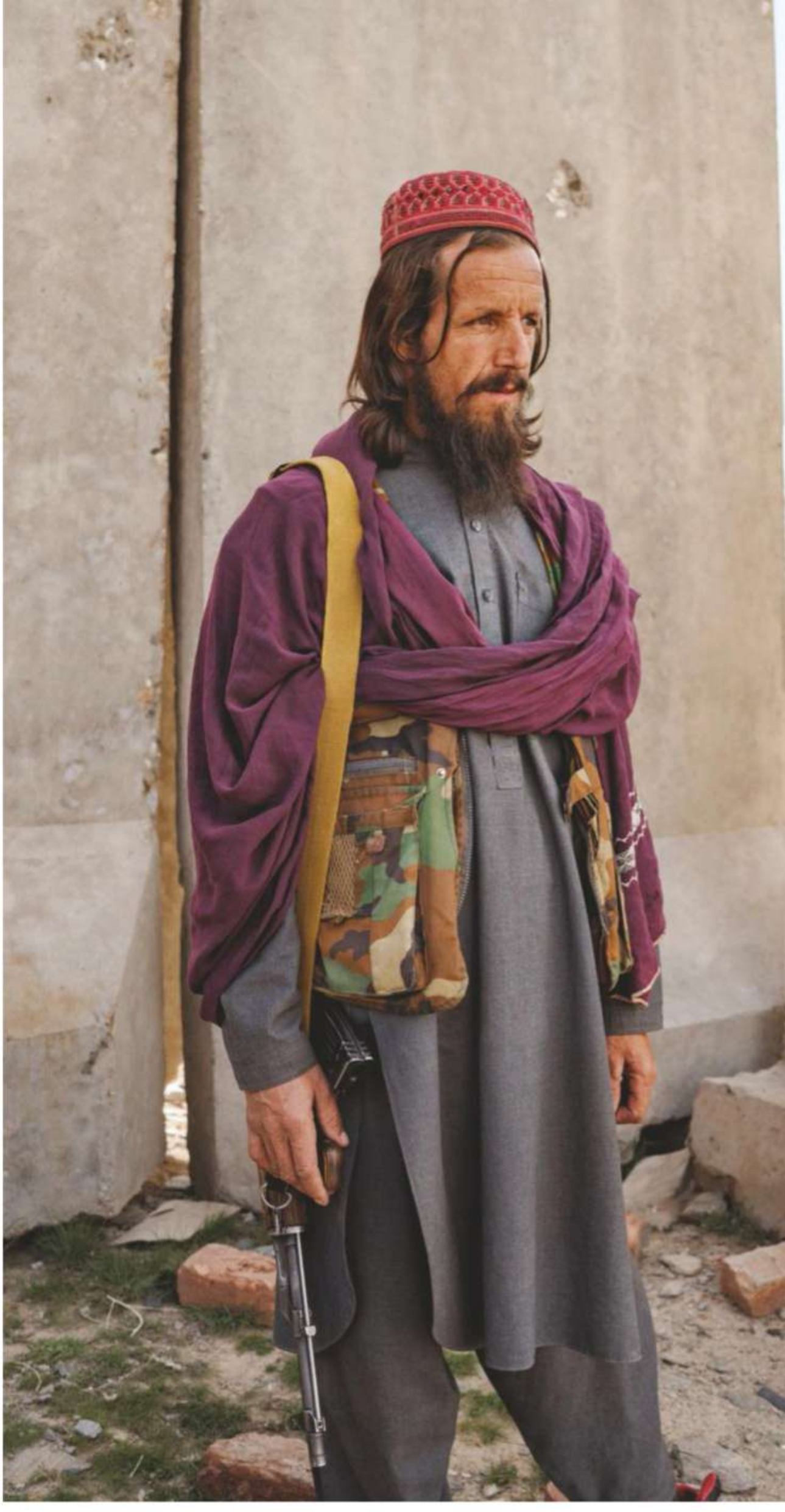
Quando o piso da estrada finalmente reaparece, passadas cinco horas de viagem, é como se estivéssemos a emergir de um sonho. "A Circular Rodoviária é um mito", digo em voz alta, interrogando-me sobre quantas pessoas terão percorrido o circuito na sua totalidade. Apesar de todas as reivindicações dos cartógrafos e dos responsáveis pelo planeamento militar, a famosa auto-estrada do Afeganistão é mais um projecto sobrevalorizado de construção nacional que ficou por concluir.

O TRAJECTO SUAVE e sonolento até Shibirghan, capital da província de Jowzjan, é um alívio bem-vindo. Passamos pelo desvio para Dasht-e Leili, onde, em finais de 2001, cerca de dois mil combatentes talibãs capturados pelo senhor da guerra usbeque Abdul Rashid Dostum morreram sufocados dentro de contentores de transporte marítimo e foram despejados em valas comuns. Dostum viria a ser o primeiro vice-presidente do Afeganistão e, mais tarde, marechal das Forças Armadas afegãs, reinando como senhor absoluto sobre Jowzjan ao longo das duas últimas décadas e levando uma vida de luxo em residências palacianas por todo o Afeganistão e no estrangeiro.

Um enérgico funcionário dos serviços de informação talibã comunica-nos que a nossa viagem de automóvel passou por uma sepultura colectiva recentemente descoberta. Balkhi cancela um compromisso para nos mostrar o local. Ajoelha-se e começa a escavar com as próprias mãos, desenterrando maxilares, fémures e pedaços de roupa. Ele jura que o novo regime há-de fazer justiça.

A Circular Rodoviária é um mito e mais um projecto sobrevalorizado de construção nacional que ficou por concluir.

No edifício bombardeado do tribunal provincial, cada queixoso apresenta o seu caso perante clérigos de turbante. Ahmad Javed, de 39 anos, perito em tecnologias de informação, afirma que os sequazes de Dostum se apropriaram da sua terra. (*Continua na pg. 44)*

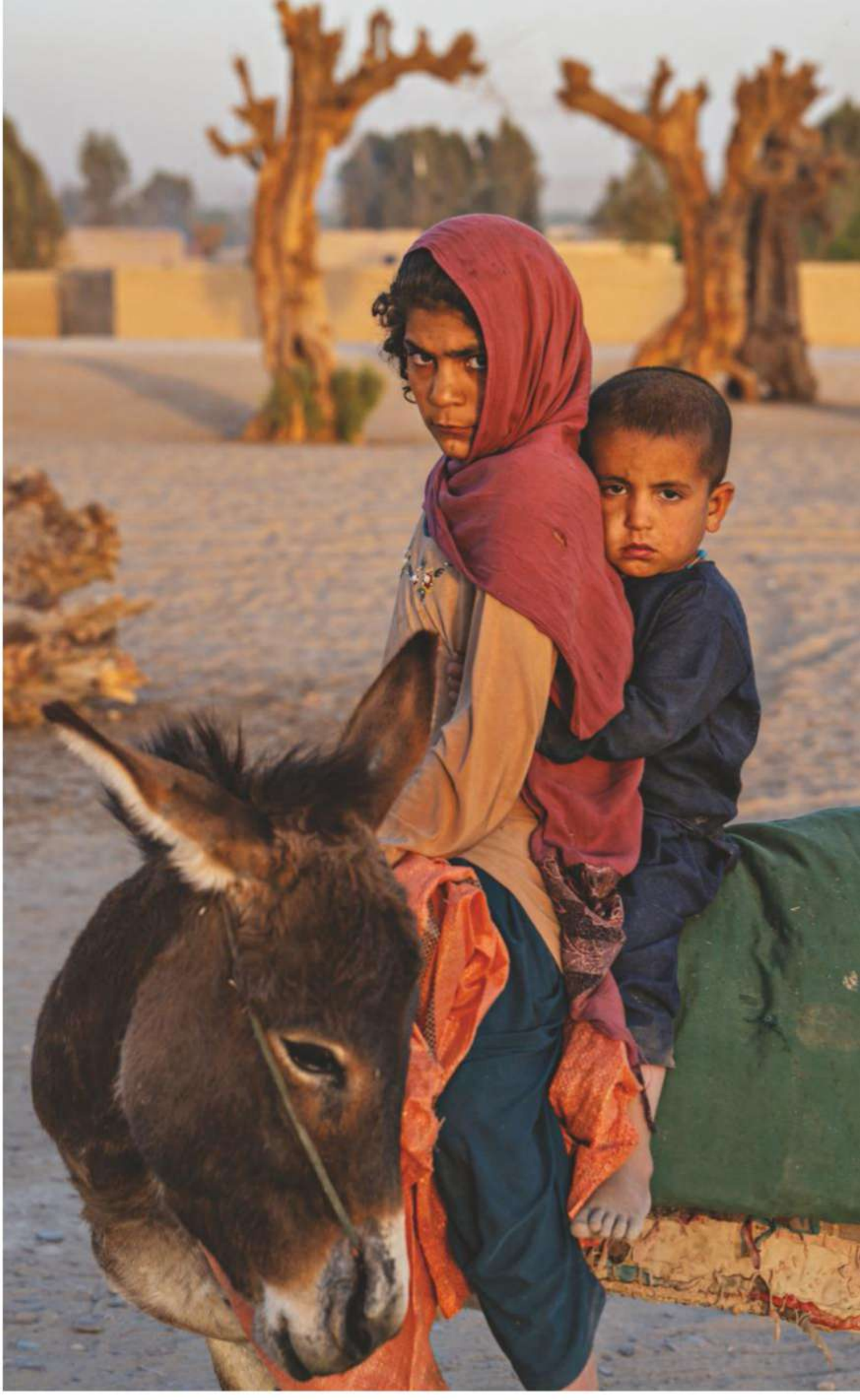


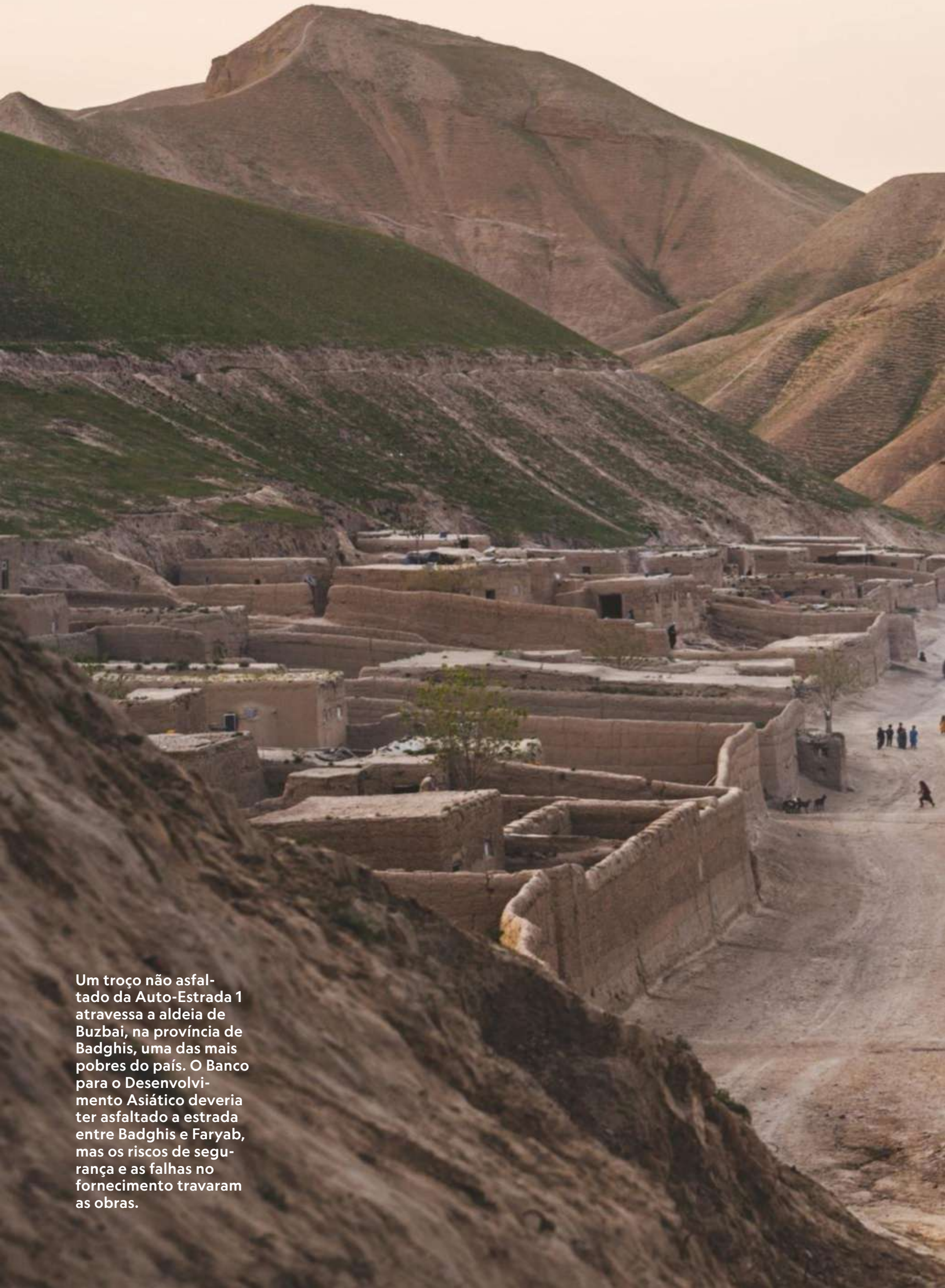
À DIREITA

O combatente talibã Omara Khan Mazlomyar, de 40 anos, guarda um antigo posto avançado da polícia junto de Maidan Shahr. Poeta ávido, recita longos versos, recriminando o antigo governo e exaltando as virtudes dos talibãs.

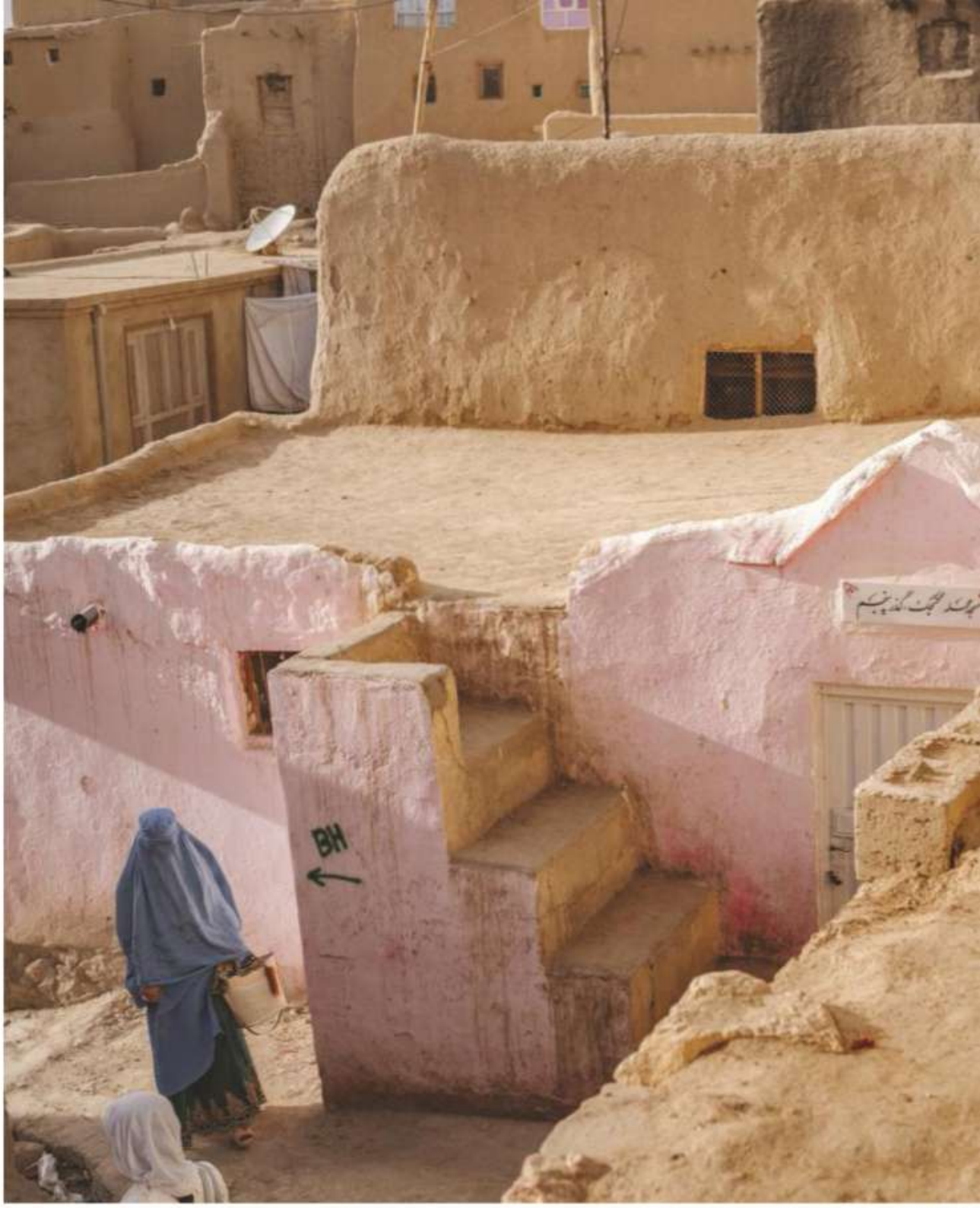
AO FUNDO, À DIREITA

Abeda e o irmão Ehsanullah seguem viagem no seu burro, passando pelo santuário de Amir Agha, perto de Garmsir. A UNICEF classifica o Afeganistão como o país do mundo onde é mais difícil ser criança, devido às taxas de mortalidade infantil, à fome generalizada e ao aumento dos casos de abuso sexual.





Um troço não asfaltado da Auto-Estrada 1 atravessa a aldeia de Buzbai, na província de Badghis, uma das mais pobres do país. O Banco para o Desenvolvimento Asiático deveria ter asfaltado a estrada entre Badghis e Faryab, mas os riscos de segurança e as falhas no fornecimento travaram as obras.



Outrora centro de um poderoso império islâmico, a cidade antiga de Ghazni, capital da província de Ghazni, entrou em decadência devido à guerra e à gestão danosa. A maior parte dos habitantes fugiu para a cidade nova, onde há serviços de melhor qualidade.

"Espancaram-me e partiram-me a mão esquerda", conta. "Sinto-me feliz por o emirado ter chegado: agora respeita-se a lei de Alá e não a vontade dos homens fortes."

NO TEMPO DA PRIMEIRA administração talibã, a justiça foi aplicada de forma sumária e brutal: enforcamentos por homicídio e violação, amputações por roubo. Mufti Zahed, presidente do Supremo Tribunal de Jowzjan, afirma que a pena de morte e os desmembramentos voltarão a ser aplicados, embora ainda não os tenha ordenado.

Nesse mesmo dia, os talibãs anunciaram uma proibição do cultivo, consumo e venda de ópio. Com os activos do Estado congelados e escasso reconhecimento diplomático, os talibãs parecem estar a tentar conquistar os favores da comunidade internacional.

Mawlawi Gul Mohammad Saleem, governador-adjunto de Jowzjan, reconhece que "houve problemas" durante o último regime talibã, mas diz que os líderes do movimento viajaram pelo mundo e querem agora estabelecer relações globais. Segundo estimativa dos geólogos norte-americanos, o Afeganistão possui cerca de um bilião de euros em recursos minerais por explorar – seria suficiente para retirar milhões de pessoas da pobreza, se os estrangeiros investissem em infra-estruturas.

A DERRADEIRA ETAPA da nossa viagem é o túnel de Salang, com 2,7 quilómetros de comprimento, atravessando o Indocuche, a cordilheira montanhosa

que separa o Norte do país de Cabul. Este arrojado projecto da engenharia soviética foi concebido para assegurar o trânsito de mil veículos por dia aquando da sua inauguração em 1964. Entretanto, a passagem deteriorou-se, transformando-se numa conduta lamacenta e esburacada, asfixiada por fumos de escape, que chega a ser diariamente cruzada por nove mil viaturas.

A boca do túnel vomita fumo quando lá entramos. A visibilidade cai para zero. Após aquilo que, mais tarde, parece ter sido uma eternidade, emergimos e encostamos na berma para respirar ar puro.

Ainda nos falta um desvio: até ao vale de Panjshir, o lendário bastião de resistência que nem o exército soviético nem o governo talibã conseguiram domesticar. Panjshir resistiu mais uma vez enquanto todas as outras províncias sucumbiam rapidamente, uma após a outra, no Verão de 2021, mas os combatentes talibãs conseguiram finalmente romper o seu mito de impenetrabilidade.

O ambiente é sombrio neste bastião de animosidade antitalibã. "Talvez restem cinco em cada cem famílias que aqui viviam", diz Habibullah, dono de uma padaria na aldeia de Unabah. "Só ficaram as que não tinham dinheiro." Uma em cada duas lojas tem as portas fechadas. "A escuridão reina por todo o lado", diz este homem.

Aquilo que resta da resistência de Panjshir refugiou-se nas montanhas. Por ora, porém, a resistência é sobretudo simbólica.

Quando chegamos a Cabul, uma enorme bandeira dos talibãs esvoaça sobre a colina de Wazir Akbar Khan, um parque no centro da cidade. Em qualquer reunião que aqui aconteça sente-se o ambiente turbulento de um encontro familiar, mas sem mulheres à vista. Combatentes de todo o país riem-se e tiram fotografia.

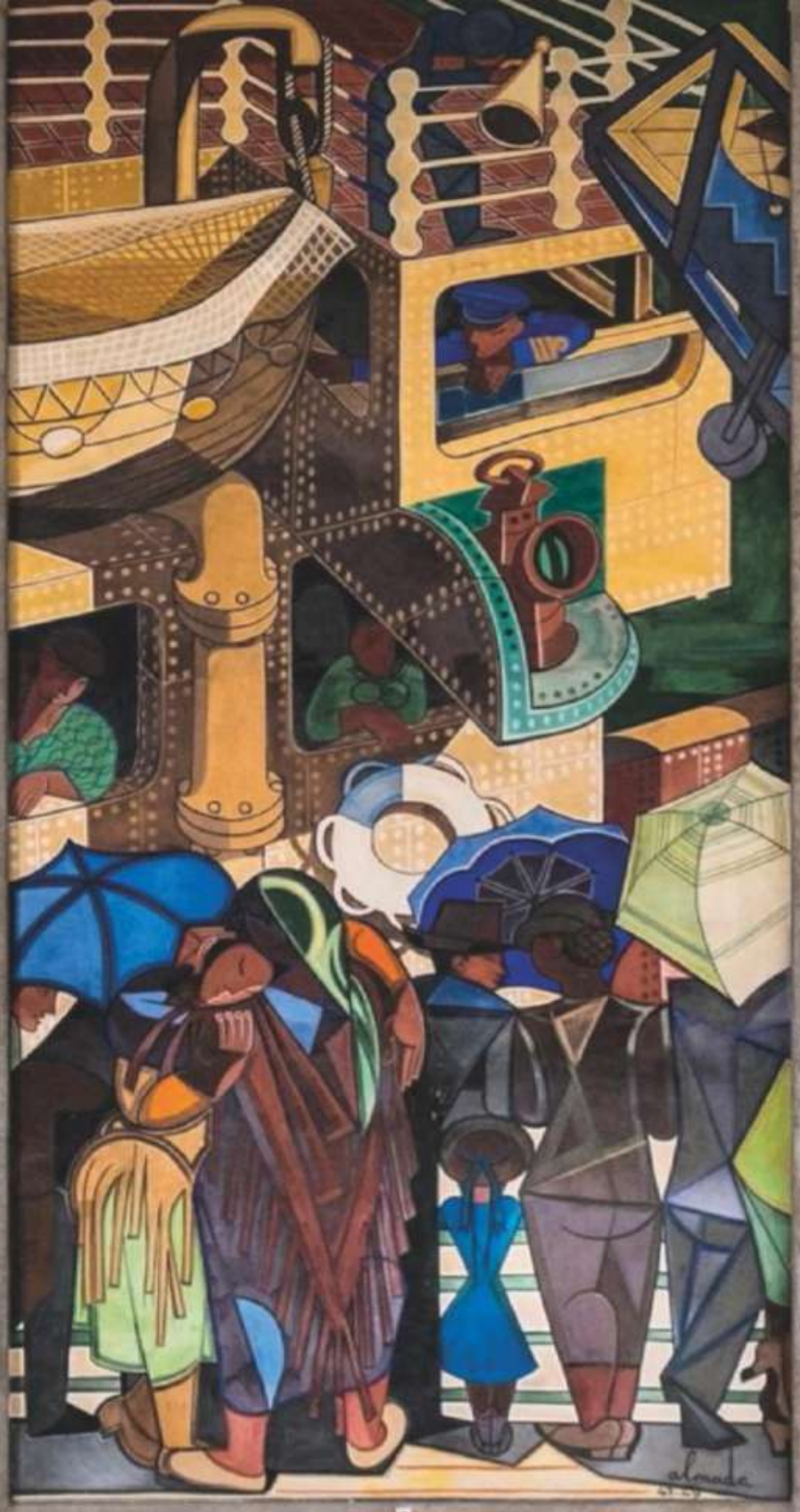
No entanto, a transição dos talibãs de movimento guerrilheiro para governo está a esgotar a paciência dos afegãos. Novos decretos vão restringindo as liberdades individuais e da imprensa e o país encontra-se, em grande medida, isolado das trocas comerciais e da ajuda humanitária, precipitando a economia em queda livre.

"Passámos a vida inteira em conflito. Por isso, consigo prever o futuro", diz Abdul Khaliq, um operário que viveu a invasão soviética, a guerra civil e a campanha dirigida pelos EUA. "Este país não será reconstruído nos próximos 50 anos."

No nosso último dia, regressamos de carro a Shaykhabad, para uma visita à médica Wardak. O seu fatalismo foi substituído por uma atitude de desafio. Agora, oferece cadernos e esferográficas a uma escola para raparigas, de base comunitária.

Num complexo privado, a quilómetros de distância de qualquer estrada asfaltada, as raparigas, algumas das quais com apenas 6 anos, debitam em voz alta factos sobre o aparelho circulatório. Wardak queixa-se de que a qualidade do ensino não é boa – não há testes, os manuais são poucos – mas pelo menos as raparigas estão a aprender algo.

De volta a casa, Wardak tem algo para nos mostrar: um edifício de pedra escondido, com um terraço vazio. "Se os talibãs não deixarem as raparigas regressar à escola, vou construir uma aqui", promete. "Decidi ficar e resistir como puder. É esse o meu dever, enquanto mulher com formação académica. Da próxima vez que aqui vierem, este lugar estará cheio de vozes maravilhosas." □


almada

OS MURAIS DE ALMADA NEGREIROS EM LISBOA

Há quase oitenta anos que Almada Negreiros usou uma tela gigante para pintar a alma portuguesa.

TEXTO E FOTOGRAFIAS
DE **ANTÓNIO LUÍS CAMPOS**

Quatro anos depois de concluir uma das grandes obras da sua vida, Almada Negreiros concedeu uma entrevista rápida para o "Diário de Lisboa". Perguntaram-lhe: "Como vê os murais que pintou na Gare Marítima?"

A resposta do artista foi igual ao seu percurso artístico: críptica e ambígua. "Como um estranho", disse. "E se os vejo, devo-o ao parecer que evitou serem picados os últimos na Rocha do Conde de Óbidos. Creio não haver cumprido melhor, nem feito obra que fosse mais minha." Era o que podia ser dito na altura. E expressava a dor que o artista sentira quando as suas pinturas murais foram questionadas por motivos ideológicos.

O átrio do grande edifício quadrangular da Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, encaixada entre o bulício da cidade de Lisboa e a calmaria do Tejo, a espraiar-se languidamente até ao Atlântico, é guardado por uma pesada e ruidosa porta de ferro e vidro. Uma aragem fria e húmida percorre a espinha, à medida que deixamos o calor para trás e penetramos no interior ascético. Dois lanços de escadas e um amplo átrio depois, a grande obra ergue-se: são seis painéis murais, de cores garridas e linhas contundentes, que esmagam o visitante. Três em cada parede lateral, altos e esguios, com a margem sul em frente, para lá das enormes portadas a emoldurar as personagens retratadas, que parecem ganhar vida a cada passo que damos.

Poeta, caricaturista, jornalista, pintor, muralista, artista gráfico, José de Almada Negreiros foi uma das personagens mais criativas do século XX português. Obcecado pelos Painéis de São Vicente, que aliás ajudara a reorganizar no Museu Nacional de Arte Antiga: estavam originalmente separados em dois trípticos e foi Almada que propôs a actual configuração, com base nos ladrilhos do pavimento na obra de Nuno Gonçalves.

CORTESIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

PÁGINAS ANTERIORES

"A Partida dos Emigrantes" foi criado para um espaço de partida, muitas vezes definitiva, de portugueses para o estrangeiro. Representa, com invulgar sinceridade, o drama da emigração e do abandono. Deste lado do átrio, Almada posiciona-se como se também estivesse no cais, assisitindo ao drama do êxodo.

Na outra composição criada para o átrio da Rocha do Conde de Óbidos, Almada pinta "Domingo Lisboeta", consagrando-o às personagens que ficam em terra e que prosseguem o quotidiano, alheias (ou preferindo esquecer) ao drama dos que partiram. O conjunto da gare (projectada por Pardal Monteiro) e a cenografia

imaginada por Almada Negreiros não convenceram o Secretariado da Propaganda Nacional. A obra foi inaugurada com discrição em 19 de Junho de 1948, sem a presença dos dirigentes do regime. Alguns propuseram que fossem picados como sucedera no Cinema Batalha, no Porto. Ou que não se pagasse ao autor. ALEXANDRE VAZ

Esta é uma das obras maiores (figurativa mas também literalmente) de José de Almada Negreiros, destacado artista plástico e escritor que, a par de Amadeo de Sousa Cardoso e Santa-Rita, alimentou o movimento modernista português. Gozando de menor notoriedade do que o da vizinha Gare Marítima de Alcântara, que exulta valores talvez mais próximos dos do Estado Novo, a época de maior actividade do artista, aquele conjunto de seis murais pintado entre 1946 e 1949 enfrenta agora o desafio do tempo. A degradação natural dos materiais tem vindo a deteriorar significativamente os painéis, que nalguns pontos apresentam já forte destacamento das camadas superiores.

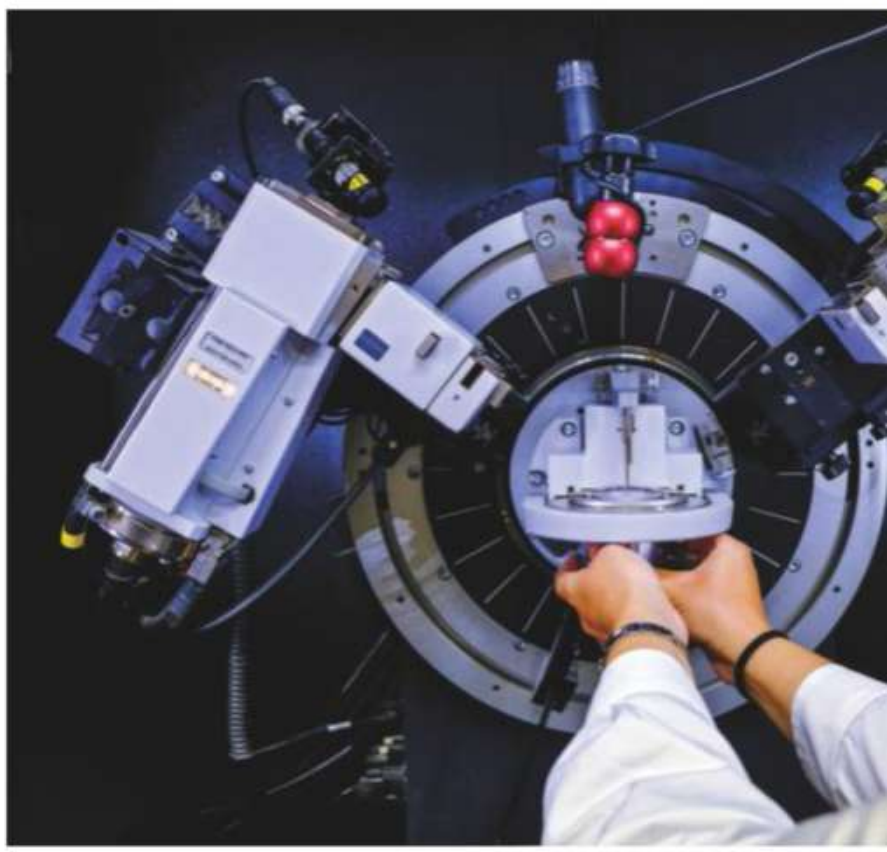
Neste trabalho, Almada desafiou o regime do qual dependia, ousando representar a vivência pungente e realista de um Portugal pobre e operário, as ligações sociais e culturais com as (então) colónias – o pulsar de um país real. A bravura artística ia-lhe custando caro: apesar das boas relações com alguns intelectuais e políticos contemporâneos, a obra esteve na iminência de ser destruída, sem pagamento algum, por retratar uma realidade que não agradou às forças vivas da época. Foi a amizade e o apreço profissional que lhe era reconhecido por personagens como João Couto, o director do Museu Nacional de Arte Antiga, ou Antóno Ferro, que intercederam directamente e salvaram esta obra-prima e a reputação do artista plástico.

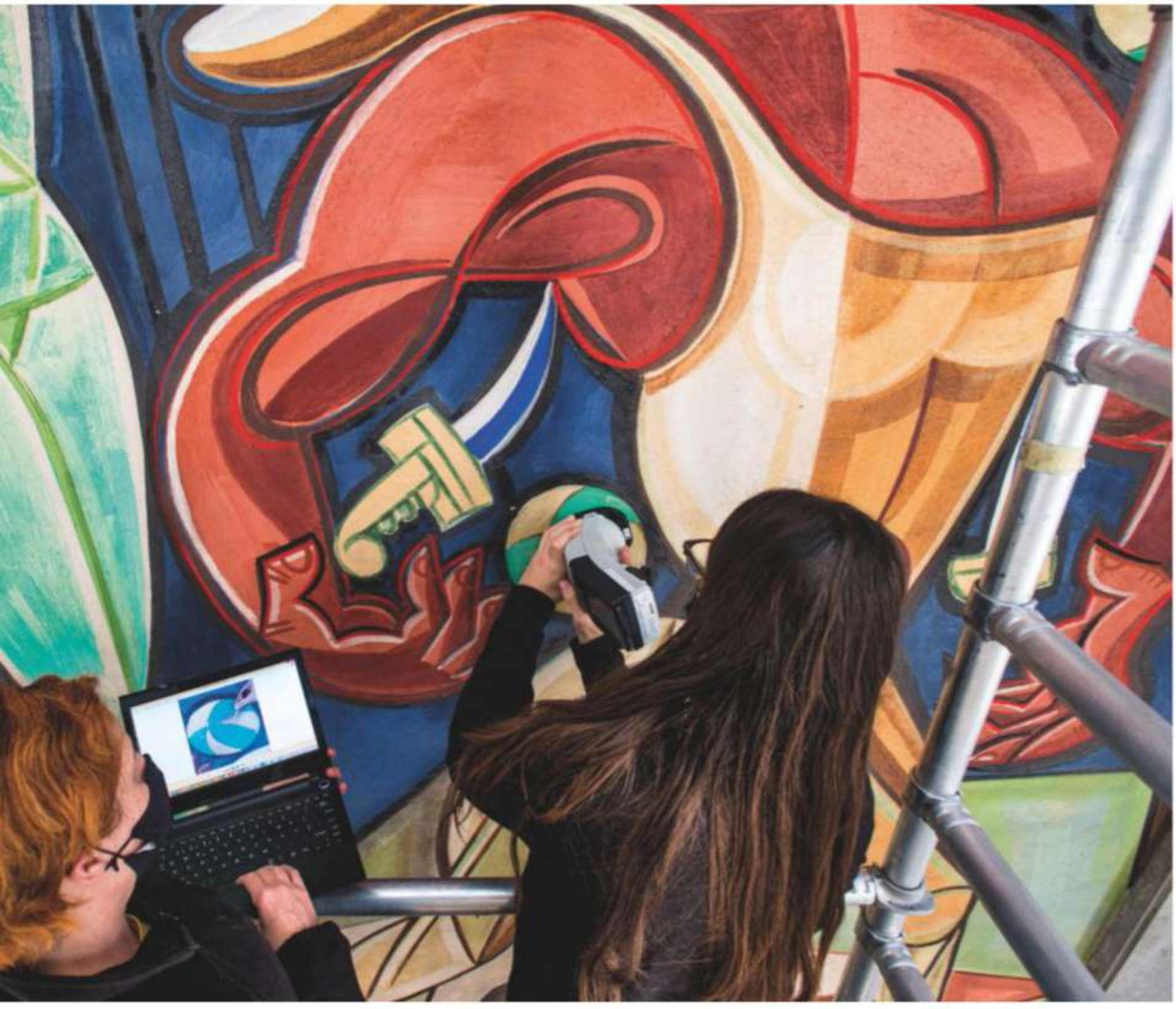
Desta e de muitas outras histórias nos dá conta Rita Almada Negreiros, arquitecta e neta do pintor que, com a irmã Catarina, assumiu a preservação do legado histórico e artístico do avô, que ainda conheceu vagamente em bebé. Recorda desde sempre os quadros, as tintas e a enorme quantidade de objectos da casa dos artistas – não de um, mas de dois.

À beira dos murais e vestida integralmente de negro, Rita Almada Negreiros relembra a personagem menos falada mas muito importante de Sarah Afonso. "A minha avó foi também uma artista em nome próprio, numa época em que poucas mulheres atingiam visibilidade. Ainda que não tenha alcançado tanto reconhecimento como o meu avô, foi uma pintora com uma passagem relevante por Paris e considerada por Almada como seu par na arte."

DE REPENTE, um forte estalido metálico ecoa no grande espaço vazio da gare e uma imensa estrutura move-se com lentidão, como um grande e letárgico dinossauro a despertar.

Na Gare Marítima da Rocha do Conde de Óbidos, os seis painéis foram passados a pente fino pela equipa de investigadores liderada por Milene Gil, da Universidade de Évora (à esquerda, na imagem), para melhor definir as estratégias de conservação e restauro. Num andaime a dez metros do solo, as investigadoras analisam o estado dos murais em avançado destacamento. Do estúdio de Almada Negreiros, em Bicesse, foram testados variados materiais de grande valor histórico, como as latas de pigmentos do fabricante LeFranc-Paris, talvez utilizadas em vários murais (em baixo, à direita). Nos equipamentos do Laboratório HERCULES, testaram-se quimicamente todas as amostras (em baixo).





Um enorme andaime com dez metros de altura e quatro pisos é empurrado por várias figuras, ilusoriamente diminutas. Milene Gil, conservadora-restauradora do Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, orienta esta azáfama. Apaixonada há muito pela obra de Almada Negreiros, a investigadora enquadra o projecto: "Em Abril, fizemos um primeiro levantamento e identificação das principais formas de deterioração nas pinturas e das suas causas para fins de conservação e restauro futuro", explica.

A investigação em curso tem consultado a correspondência oficial da Autoridade do Porto de Lisboa, encomendante da obra, e os relatórios do Instituto José de Figueiredo, envolvido na produção da obra e em restauros posteriores. A campanha analítica na gare apurou que entre as causas de deterioração presentes encontram-se a humidade por infiltração e consequências daí decorrentes (ex. sais), assim como a presença de materiais orgânicos. "Este conjunto de pinturas de Almada – mais do que qualquer outro – apresenta indícios da presença de materiais orgânicos, muito possivelmente desde a sua criação (aglutinantes), mas também resultantes de intervenções anteriores (adesivos). Todos estes factores podem ainda estar a contribuir para os problemas que encontrámos", explica.

PARA JOSÉ AUGUSTO-FRANÇA, OS PAINÉIS DOS EMIGRANTES FORAM "A OBRA-PRIMA DA PINTURA PORTUGUESA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO".

É isso que a equipa do Laboratório HERCULES, da Universidade de Évora, tenta apurar com as análises de campo e as microamostras recolhidas para estudo em laboratório. Para tal, recorre a equipamento de ponta portátil, que suporta uma metodologia não invasiva: fotografia técnica VIS, VIS-RAS e UVF (fotografia de fluorescência de ultravioleta induzida no visível), colorimetria e espectrofotometria, EDXRF e ainda microscopia óptica portátil. Com a ajuda de Marius Araújo, do Arteria Lab da Universidade de Évora, foram também realizadas experiências com *scanners* 3D para testar as possibilidades de registo de áreas de pintura deterioradas (neste caso específico, em vias de destacamento).

O projecto científico denomina-se "O Desvendar da Arte da Pintura Mural de Almada Negreiros" e estuda, pela primeira vez, as técnicas, os materiais pictóricos, assim como o estado de conservação dos cinco núcleos de pinturas realizados por Almada na cidade de Lisboa entre 1938 e 1956.

Visivelmente empolgada, Milene Gil explica: "Os objectivos do projecto são múltiplos: em primeiro lugar, é a geração de novo conhecimento. O *modus operandi* de Almada Negreiros é praticamente desconhecido. Este estudo permite conhecer de forma aprofundada e completa a sua mestria e evolução como pintor muralista. Por outro lado, procura-se a salvaguarda futura das pinturas, pois o diagnóstico permite um entendimento completo dos mecanismos de deterioração e das suas origens. Não se pode conservar sem conhecer e estes dados serão a base de futuras intervenções." O terceiro e último objectivo é a divulgação e partilha com diferentes públicos nacionais e internacionais do que a fase muralista de Almada Negreiros representou no contexto da arte daquele período. "Este ponto é importante, pois só um povo conhecedor da sua herança cultural a pode valorizar e ajudar a preservar. É passar o testemunho para futuras gerações. A pintura mural de Almada Negreiros está entre o que de melhor se fazia na altura na Europa e nas Américas. E poucas pessoas sabem disso!" José Augusto-França, o historiador de arte, foi mesmo mais longe e considerou que o painel dos emigrantes na Rocha do Conde de Óbidos constituiu "a obra-prima da pintura portuguesa da primeira metade do século."

PASSARAM MESES INTENSIVOS de trabalho. Os resultados não são imediatos e subsistem várias dúvidas, mas a equipa de investigação cometeu um pecado desculpável: apaixonou-se pela obra do pintor. Não é difícil: Almada não inovou somente a nível estilístico, mas também ao nível da execução. Foi revivalista da arte do fresco, mas também experimentou. Na sua primeira grande obra de escala monumental, e a fresco (o planisfério iniciado em 1939 e inaugurado anos mais tarde no Edifício do Diário de Notícias), isso torna-se evidente com a utilização de pigmentos modernos e polémicos nesta técnica, como o cádmio.

Passadas décadas sobre a morte de Almada Negreiros, as surpresas sobre o seu trabalho continuam. Em Bicesse, no seu antigo *atelier*, que Rita e Catarina conhecem desde crianças, entre o pó acumulado ao longo de décadas foram sendo desencantadas diversas pérolas. "Foi como entrar na gruta de Alibaba!", brinca Milene Gil.

Rita Almada Negreiros, arquitecta e neta do pintor, é hoje, a par da irmã Catarina, a responsável pela gestão do património do avô paterno, acompanhando de perto os trabalhos de estudo da Gare da Rocha do Conde de Óbidos.

"No amontoado de livros e de prateleiras repletas de recipientes para preparar tintas, pincéis e tubos de tinta secos e retorcidos, descobriram-se duas caixas de madeira cheias de latas de pigmentos em pó, rotulados como *pigments pour la fresque*, do fabricante LeFranc-Paris." Foi como se os investigadores tivessem ido às compras com o pintor e descobrissem com rigor os pigmentos usados.

A descoberta mais espectacular foi a de modelos picotados à escala 1:1, que enrolavam pigmentos em pó. Ninguém esperava encontrar modelos de cartão onde Almada desenhou a composição que passaria para a parede, usando um processo em muito semelhante ao seguido nas aulas de trabalhos manuais: papel vegetal com o desenho, um pico e uma esponja (aqui substituída pela massa fresca na parede). Só que o pintor fê-lo em tamanho gigante! Milene Gil já procurara estes suportes sem sucesso no estúdio do pintor e dava-os como perdidos ou destruídos. Com alegria, descobriu que Almada reaproveitara alguns. Foi uma das maiores surpresas do projecto, um portal para a mente criativa do pintor na década de 1940.

COMO EXPRESSÃO DA RELEVÂNCIA patrimonial do trabalho de Almada Negreiros, a recente inclusão pela World Monuments Fund das gares marítimas numa lista de 25 monumentos a intervencionar atesta a atenção internacional despertada pelo artista, nascido em 1893. O objectivo desta candidatura é a promoção, valorização e salvaguarda deste património único através de uma intervenção futura

de conservação e restauro e criação de uma estratégia de gestão cultural para usufruto do público em geral, resultantes da candidatura apresentada em 2021 pela Administração do Porto de Lisboa. Adicionalmente, o estudo da obra da pintura mural de Almada Negreiros está entre os dez finalistas ao prémio internacional IIC KECK Award, que este ano exalta os projectos que melhor promoveram em contexto de pandemia a interacção com o público e o entendimento dos valores da sua conservação.

Para que o legado de Almada Negreiros perdure, existem felizmente muitas vozes e mãos que se perfilam, através do estudo, conservação e restauro da sua obra. Na Gare da Rocha do Conde de Óbidos, voltar costas às pinturas imensas não é tarefa fácil. O magnetismo que emprestam ao espaço da gare parece manter o visitante enfeitiçado, imerso num mundo estético muito próprio do artista, enleado num labirinto de cor e forma. Mas o dia finda e o reflexo delicado da luz rasante do ocaso anuncia a partida. Escuta-se então, uma última vez, o gemer das grandes portadas, agora a fecharem-se. E a obra de José de Almada Negreiros repousa de novo. □

Murais da Gare Marítima de Alcântara, também executados por Almada Negreiros. Mais conhecidos e estudados do que os da vizinha Rocha do Conde de Óbidos, foram recebidos no seu tempo com melhores olhos por ilustrarem a exaltação de um país mais consensual. Neste átrio, Almada criou sob o desígnio de "Quem não viu Lisboa, não viu coisa boa."

ALEXANDRE VAZ

BELEZA SUBTERRÂNEA

Na região cársica da Eslovénia, duas grutas deixam-nos deslumbrados, graças a uma série de fotografias espectaculares e inéditas. Reconstituímos a descoberta.

Kalvarija é o lugar mais magnífico da Gruta de Križna. Esta galeria tem cascatas de depósitos de minerais carbonatados, conhecidas como cortinas, e um lago onde convergem dois ribeiros. Vinte e dois lagos são acessíveis aos turistas.

1 OS NÚMEROS DAS LEGENDAS CORRESPONDEM À LOCALIZAÇÃO NO MAPA

2 Entalhes verticais esculpidos pela água definem as paredes da Passagem de Dežman, onde o espeleólogo Janez Jaka Cerar confere escala à fotografia. A passagem localiza-se à entrada da Križna, uma entre mais de 13.500 grutas da Eslovénia. Com esta série de imagens, o fotógrafo e espeleólogo veterano Peter Gedei foi o primeiro a captar o sistema de Križna na sua totalidade.

3 A Passagem de Jezerski (Lago) termina num *ponor*, uma espécie de dolina. O ribeiro seca sazonalmente e a passagem também pode ficar inundada. O sombreado cinzento das paredes indica o nível mais alto alcançado pela água devido às chuvas fortes.

TEXTO DE **MARKO SIMIĆ**

FOTOGRAFIAS DE **PETER GEDEI**

A ENTRADA DE UMA GRUTA outrora conhecida como Mrzla jama (Gruta Fria) dista 34 quilómetros de Ljubljana, perto de uma estrada que liga duas aldeias. Chama-se actualmente Križna, em homenagem à vizinha igreja de peregrinação de Santa Križ (cruz). A entrada para a cavidade encontra-se localizada no cume de uma montanha com 857 metros de altitude, na bacia do rio Ljubljanica, cujas águas correm através de uma paisagem cársica, formando um notável complexo subterrâneo de dolinas, grutas e passagens.

Há provas de que os seres humanos utilizaram as grutas durante milénios. Fragmentos de cerâmica descobertos à entrada datam da Idade do Bronze e um nome inscrito na parede da gruta remonta a 1557. O primeiro relato sobre a Gruta de Križna foi escrito pelo inglês John James Tobin, após a sua visita ao local em 1832. Em 1838, o silvicultor Jožef Zörer fez a primeira descrição e desenho.

O ponto de viragem na exploração ocorreu em 1878, depois de o geólogo Ferdinand von Hochstetter escavar 4.600 ossos correspondentes a cerca de cem ursos-das-cavernas. A sua equipa conseguiu montar dois esqueletos completos que foram exibidos no Museu de História Natural de Viena. Durante a segunda escavação de Hochstetter, no ano seguinte, o arqueólogo Josef Szombáthy elaborou o primeiro mapa pormenorizado da gruta.

Durante mais de oitocentos anos, a Gruta de Križna foi principalmente conhecida pelos seus ossos de urso. Muito maiores do que os ursos-pardos modernos, quatro espécies de ursos-das-cavernas continuaram a vaguear por grande parte da Europa durante o Plistocénico, até se extinguirem há 26 mil anos, antes do auge da última glaciação. Muitas gerações de ursos abrigaram-se e hibernaram nas grutas cársicas secas e de fácil acesso existentes no Planalto da Eslovénia. A secção da Gruta de Križna conhecida como Passagem de Medvedji (Urso), que veio a ser bloqueada por uma barreira de cortinas de calcite, foi habitada pelo *Ursus ingressus*, uma espécie que migrou da Ásia há cerca de 50 mil anos.

Após as escavações de Hochstetter, a gruta atraiu visitantes. Infelizmente, a sua fama também atraiu os salteadores. Estalactites foram partidas e vendidas em bancas junto da mais popular Gruta de Postojna, a cerca de 30 quilómetros. Em 1908, os conservacionistas exprimiam o seu desgosto num jornal: "É uma infelicidade que este 'mercado de Postojna' seja permitido! Como se uma estalactite fosse uma flor capaz de voltar a crescer num ano! Quando irão as pessoas perceber que não devem saquear as grutas? Quando irão ser tomadas medidas apropriadas para proteger as nossas belas grutas?"

Dada a popularidade da Gruta de Križna, é impressionante que as suas formações tenham permanecido tanto tempo por descobrir. Corria o ano de 1926 quando o professor do ensino secundário Maks Prezelj e a sua turma de ciências foram os primeiros a explorar a gruta de barco. Durante uma expedição de vários dias, seguiram pela passagem hoje conhecida como Jezerski (Lago) até ao Kalvarija (Calvário), confluência de dois ribeiros subterrâneos. Entre 1927 e 1934, membros da Sociedade Espeleológica de Ljubljana também exploraram as passagens aquáticas. Devido à sua localização estratégica – na altura a sete quilómetros da fronteira com Itália – receberam apoio ocasional dos soldados jugoslavos destacados na zona.

O GRANDE ARQUITECTO da gruta é a água. As águas da chuva infiltram-se na paisagem cársica, fluindo até à gruta, e a chuva aumenta o caudal de um tipo de dolina conhecido pelos geólogos como *ponor*. A água alimenta a vida: existem cerca de 36 espécies aquáticas na gruta, sobretudo troglóbios, que são endémicos das grutas. Com mais uma dezena de espécies de troglóbios terrestres, este é um dos mais abundantes habitats de gruta do mundo.

4 Križna abrigou ursos em hibernação, como se comprova pelos 4.600 vestígios osteológicos encontrados. A mandíbula de um urso-das-cavernas extinto (iluminada com um foco pelo espeleólogo Klemen Suša) que habitou este local até à última glaciação está preservada na rocha na Passagem de Medvedji (Urso).

A GRUTA DE KRIŽNA À LUZ

Os seres humanos aventuram-se no sistema de grutas de Križna desde a Idade Média, época em que foram produzidas as inscrições nas paredes. Em 1926, iniciou-se a exploração das secções cheias de água, começando pela Passagem de Jezerski (Lago) e afluentes, as Passagens Pisani (Colorida) e Blata (Lamacenta). Um prolongamento, a Gruta Nova de Križna, foi descoberto em 1991.

À ESQUERDA

Em 1930, membros da Sociedade Espeleológica de Ljubljana posam com os soldados jugoslavos, estacionados na vizinha fronteira italiana. Nesta fotografia com temporizador na Passagem de Jezerski, o proeminente fotógrafo esloveno Franci Bar, membro da expedição, encontra-se ao lado de um barco, junto da escada.

À DIREITA

Em 1934, para captar o esplendor de Kalvarija, Bar iluminou o espaço, acendendo uma tira de magnésio, que arde com uma luz forte, mas lentamente.

MAPA: GREGA INKRET. FONTES: SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA DE LJUBLJANA; INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CÁRSICA DA ACADEMIA ESLOVENA DE ARTES E CIÊNCIAS; CLUBE DE FÃS KRIŽNA JAMA. FOTOGRAFIAS: FRANCI BAR, ARQUIVOS DA SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA DE LJUBLJANA

5 Ao correr para jusante, um ribeiro vai depositando minerais que formam barreiras (as cortinas), separando a maioria dos lagos da gruta. Aqui, uma fenda profunda numa barreira liga dois lagos — um está visível em primeiro plano. O outro, não visível, encontra-se atrás do segundo espeleólogo.

A água das grutas está saturada de minerais, elementos constitutivos dos 45 lagos subterrâneos da Gruta de Križna. A água da chuva dissolve grandes quantidades de minerais carbonatados, como o calcário e a dolomite. Quando a água entra em contacto com a atmosfera do interior da gruta, liberta dióxido de carbono e deposita os minerais dissolvidos, criando cortinas. Os depósitos de cortinas, que se acumulam a uma velocidade média de um quarto de milímetro por ano, criam barreiras, acabando por formar lagos individuais. Em tempo geológico, as barreiras de Križna são jovens: têm menos de dez mil anos.

Os visitantes foram atraídos por passeios de barco nos lagos cristalinos que existem entre as cortinas douradas e as estalactites, que em alguns sítios mergulham na água, criando uma ilusão óptica. Em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, as forças armadas jugoslavas construíram uma estrada de acesso e alargaram a entrada da gruta para possibilitar o seu uso como armazém e abrigo. Mais tarde, os espeleólogos vedaram-na para proteger o local. Devido à fragilidade das cortinas, o número actual de visitantes é limitado. A maioria dos mais de dez mil visitantes anuais circula pelas zonas secas usando capacetes com lanterna: devido às restrições impostas, apenas 10% estão autorizados a fazer o passeio de barco.

NOS POÇOS DE KITTL, com o caminho para oeste bloqueado por passagens submersas, ou sifões, os exploradores avançaram para leste e para montante. O tamanho da gruta continuava a intrigá-los, sobretudo depois de o uso de corante para rastreamento ter revelado o trajecto da água desde o interior da gruta até uma nascente nos arredores. Os exploradores procuraram uma entrada no exterior, a oeste. Embora nunca tenham encontrado uma, vários orifícios de ventilação sugeriam a existência de uma gruta subjacente. Na década de 1970, espeleólogos tentaram alargar uma fenda promissora ao lado de uma dolina que se desmoronara, a sudoeste da entrada da Gruta de Križna, mas a escavação revelou-se demasiado complexa e os esforços cessaram.

Cerca de vinte anos mais tarde, outros espeleólogos alargaram aquela fenda. Em 1991, após 200 horas a escavar um túnel estreito, encontraram uma passagem que acedia a uma câmara com um lago conhecida como Sifão Pritočni (Afluente). A curta distância que mediava entre os lagos de sifão e os Poços de Kittl sugeria que tinham descoberto um prolongamento da Gruta de Križna. Fragmentos de ossos de urso descobertos entre os sedimentos do leito fluvial na nova gruta também confirmavam a ligação entre ambos. Nesse mesmo dia, os exploradores lançaram um barco insuflável e aventuraram-se pela passagem aquática durante mais de um quilómetro antes de chegarem ao fim da gruta, à dolina que apelidaram de Sifão da Esperança (Sifon upanja). A nascente ficava a apenas 650 metros de distância.

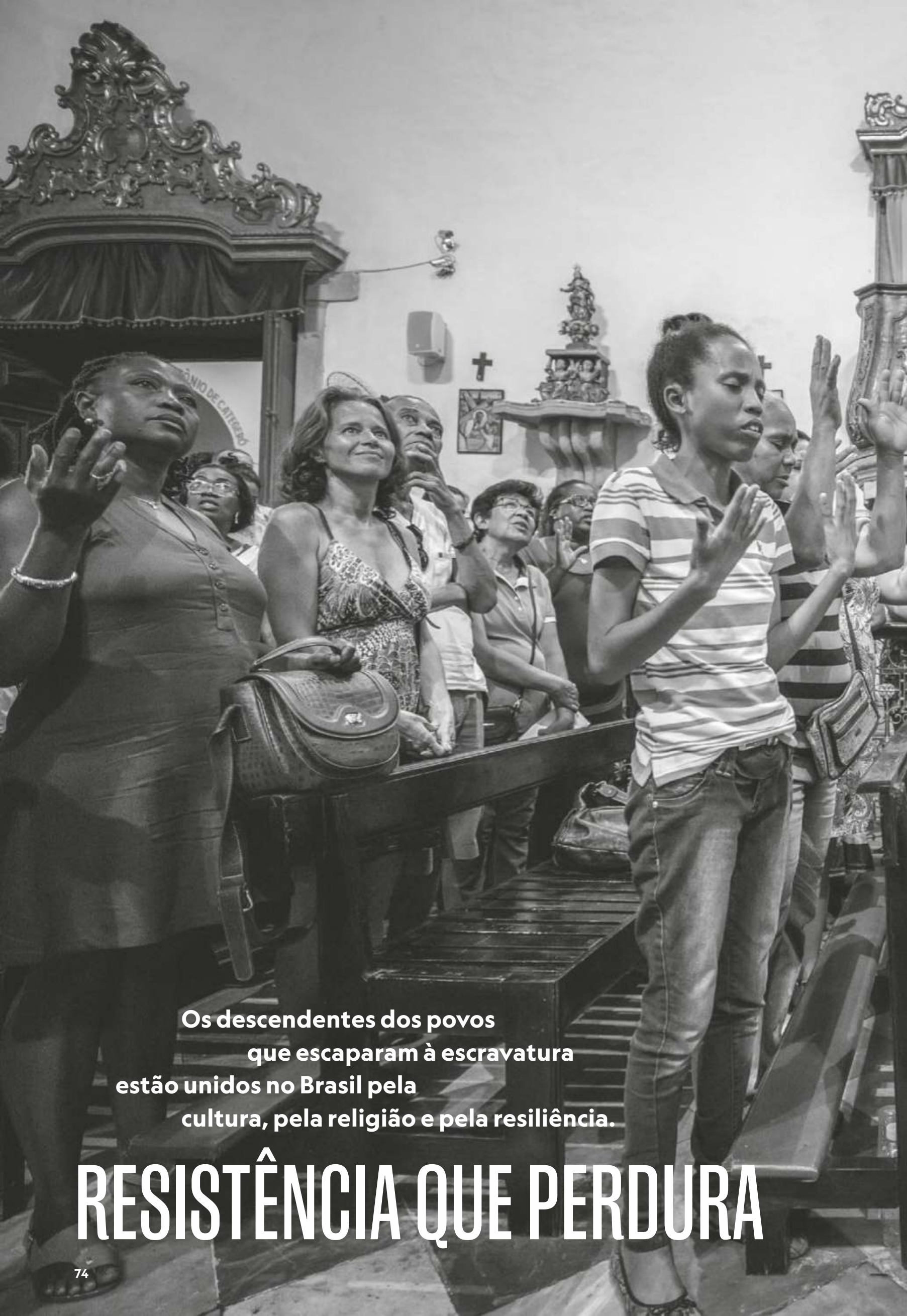
A Gruta Nova de Križna revelou-se bem diferente da irmã de leste, mas igualmente fascinante. À medida que a água entra na passagem submersa entre as duas dolinas sofre uma transformação química ainda por explicar que cria uma atmosfera diferente na nova gruta. As cortinas junto da água que corre depressa têm um tom intenso de amarelo-dourado. Noutros locais, o ribeiro dissolveu cortinas já depositadas, descascando a rocha e revelando um revestimento de manganês negro. O contraste entre as cortinas douradas e a rocha negra, combinado com o ribeiro e os lagos que abraçam estes mosaicos invulgares, transmite uma beleza mítica que é também vulnerável: os resíduos das cortinas que cobrem o solo quebram-se e sucumbem sob o peso de um espeleólogo.

Após a descoberta da gruta, conservacionistas examinaram o local e concordaram que o acesso deveria ser mais limitado. O município de Cerknica encerrou a gruta, exigindo uma licença para lá entrar. Quando o levantamento formal começou, em 1991, foi atribuída licença a 16 espeleólogos do Instituto de Investigação Cársica, que passaram mais de 700 horas, utilizando métodos de levantamento geodésico menos invasivos e mais meticulosos. Registaram um comprimento de 1.415 metros. A Eslovénia promulgou também a Lei de Protecção das Grutas de 2004, que classificou as grutas e regulou o acesso do público. Das 13.659 grutas da Eslovénia, apenas seis estão encerradas, incluindo Nova Križna. São consideradas tão vulneráveis que qualquer exposição ao público poderá causar danos ou destruição e a entrada está limitada a investigadores. Menos de trinta pessoas entraram na passagem aquática de Nova Križna.

As grutas de Križna e Nova Križna estão decerto ligadas, mas até um ser humano conseguir passar entre elas são consideradas separadas. Nas profundezas dos Poços Kittl, 70 metros abaixo do nível da água, os mergulhadores continuam a procurar uma passagem entre formações gigantes que têm bloqueado o seu progresso. A natureza guarda os seus mistérios: o conhecimento da verdadeira dimensão das duas pérolas que se encontram sob a montanha de Križna continua a escapar-nos. □

6 Dosséis de cortinas douradas fundem-se com estalagmites formando uma espectacular coluna na Gruta Nova de Križna, descoberta na dolina Dihalnik, em Grdi dol.

7 As barreiras de cortinas em Nova Križna estão corroídas, como a que se vê nesta imagem, na Galeria Kobe. Na opinião dos cientistas, a química da água específica desta gruta pode explicar a sua impressionante cor dourada e fragilidade. Embora Nova Križna seja considerada uma gruta independente de Križna, os exploradores continuam a procurar uma ligação entre ambas.



Os descendentes dos povos que escaparam à escravatura estão unidos no Brasil pela cultura, pela religião e pela resiliência.

RESISTÊNCIA QUE PERDURA

TEXTO DE **PAULA RAMÓN**

FOTOGRAFIAS DE **MARÍA DANIEL BALCAZAR**

Juliana dos Santos Silva, praticante de candomblé, presta homenagem aos antepassados escravizados nas ruínas uma antiga plantação em Nova Iguaçu. Os africanos que escaparam à escravatura no Brasil fundaram comunidades chamadas quilombos e deixaram um legado de cultura africana na América do Sul.

PÁGINAS ANTERIORES

Uma missa em Salvador, na igreja setecentista, de Nossa Senhora do Rosário, é uma celebração emotiva e um local de culto para muitos afro-brasileiros, incluindo os que habitam os quilombos dos arredores.

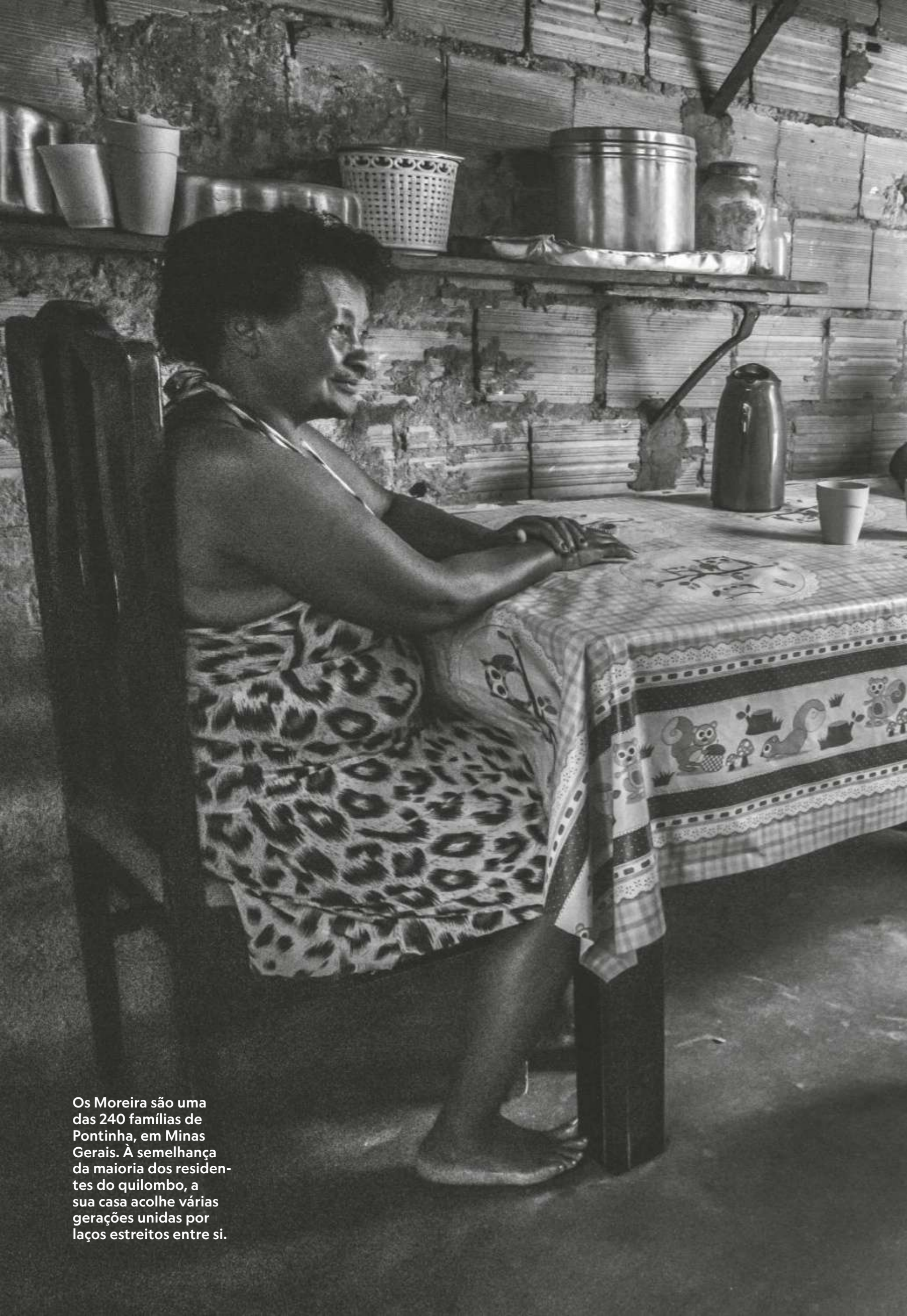
Em Salvador, Railson Barbosa e Anna Giulia de Oliveira Xavier dos Santos dirigem-se ao mar com oferendas para homenagear Iemanjá, deusa do oceano. Originalmente uma divindade da fé yoruba, na Nigéria, Iemanjá é uma das divindades mais populares do Brasil.

Maria José de Deus, entretanto já falecida, viveu num quilombo fundado pelos seus antepassados. Desde 1530 e durante mais de 350 anos, quase cinco milhões de africanos foram transportados em navios para o Brasil, o último país do Novo Mundo a abolir a escravatura.

Givânia Maria da Silva sabe o que são desafios. Nasceu numa comunidade da região oriental do Brasil fundada por mulheres vítimas do tráfico de escravos no Atlântico.

À semelhança de muitos descendentes de escravos, Givânia, de 56 anos, enfrentou discriminação racial durante a sua infância e adolescência no Brasil, último país do hemisfério ocidental a proibir a escravatura. Sofreu ameaças de morte quando era mais nova, frequentemente por parte de forasteiros que queriam apropriar-se das terras onde ela e a sua família viviam, num quilombo, um dos milhares de comunidades no Brasil criados por estes indivíduos fugidos à escravatura.

Givânia tornou-se a primeira mulher de Conceição das Crioulas a obter um grau académico, um feito extraordinário num país onde os habitantes dos quilombos (os quilombolas) há muito lutam pelos direitos individuais e de propriedade. Trata-se de uma parte da história do Brasil frequentemente menosprezada. Enquanto professora e activista, esta mulher dedicou 30 anos a investigar maneiras de cativar os seus alunos e a criar currículos de estudo da história dos quilombos, da violência e da opressão que os atormentam há séculos, não esquecendo a cultura vibrante que, apesar de tudo, tem prosperado neles. (*Continua na pg. 86)*



Os Moreira são uma das 240 famílias de Pontinha, em Minas Gerais. À semelhança da maioria dos residentes do quilombo, a sua casa acolhe várias gerações unidas por laços estreitos entre si.

Crianças participam na procissão da Semana Santa numa igreja de Ouro Preto, em Minas Gerais. No Brasil, muitas religiões combinam o cristianismo com elementos de tradição africana e indígena.

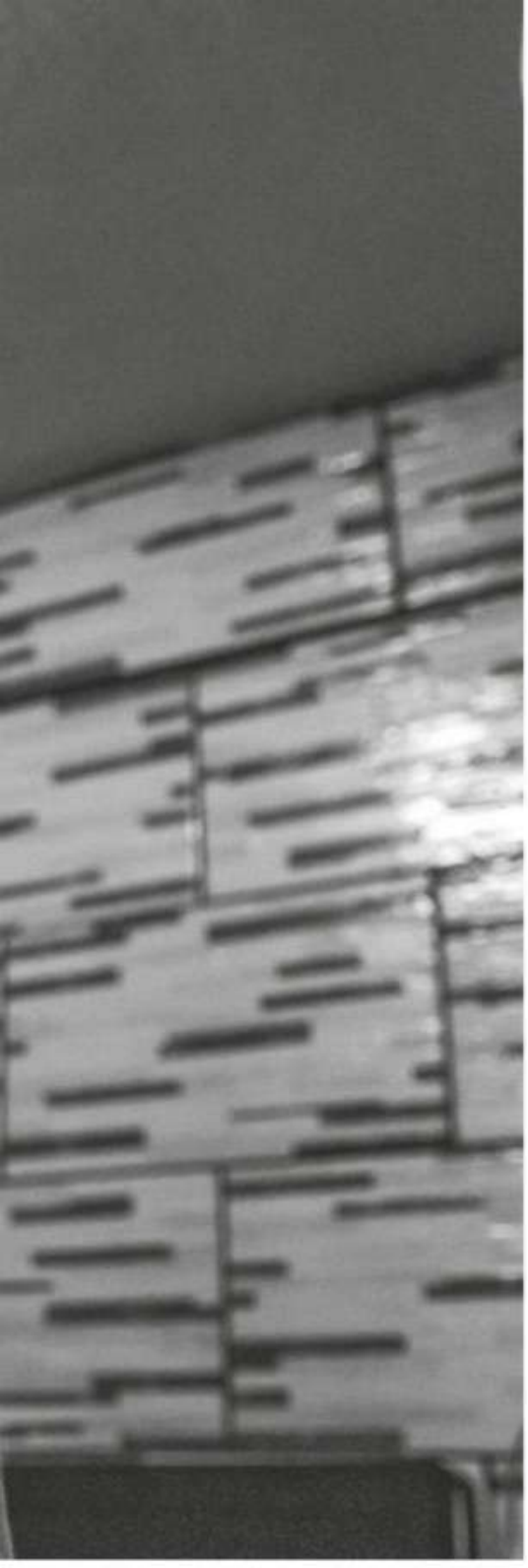
Uma bailarina de samba brinca com a caturra de estimação em casa, numa favela do Rio de Janeiro. O samba tem origem africana e desenvolveu o seu estilo enérgico nas favelas do Rio de Janeiro, durante a década de 1950.

Só em 1988 (cem anos após a abolição da escravatura no Brasil) a Constituição reconheceu o direito de propriedade aos afro-brasileiros que vivem em quilombos. Contudo, a propriedade continua a ser rara e é difícil obter escrituras. A persistência da desigualdade e da estigmatização continua a pesar sobre os descendentes dos escravos. "Fala-se na abolição como algo que só trouxe vantagens aos negros, quando de facto a maneira como foi implementada deixou os negros na rua, sem casa nem terra", explica Givânia, directora executiva da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). "E continua a ser assim."

Há muito que os quilombos são símbolos de resistência ao cativeiro e à opressão no Brasil. Givânia defende que estes representam "a luta para reconhecer os direitos dos negros e o papel desempenhado em todo o processo de violência iniciado com o seu rapto em território africano".

Conceição das Crioulas localiza-se no estado de Pernambuco e tem cerca de quatro mil residentes. Segundo a história oral, as mulheres fixaram-se aqui no início do século XIX, "mas não sabemos por que razão vieram sozinhas", comenta Givânia. O maior e mais famoso quilombo, conhecido como Palmares, situava-se no actual estado vizinho de Alagoas. Cresceu até ter mais de vinte mil habitantes, mas foi destruído por forças portuguesas em 1694. Embora já não seja habitado, é agora um parque memorial.

A cor da pele não é o principal motivo para pertencer a um quilombo, explica a activista. O elo comum é "a relação que esse grupo criou durante



REFÚGIO ISOLADO

Escravos foragidos fundaram povoados onde podiam viver segundo as suas regras. Ainda restam cerca de 5.900 quilombos, com vários séculos de existência, espalhados pelo Brasil.

MATTHEW W. CHWASTYK
FONTE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

a resistência à escravatura. A palavra foi apropriada para se referir a um grupo de pessoas que lutam, que resistem e que se reorganizam".

A PARTIR DE 1530, e ao longo de mais de 350 anos, os navios trouxeram mais africanos escravizados para o Brasil do que para qualquer outro país do continente americano. As estimativas sugerem que poderão ter sido cerca de 4,8 milhões. Em 1888, quando a escravatura foi formalmente abolida, muitos escravos tinham fugido e fundado as suas próprias comunidades.

As estatísticas oficiais calculam que 1,1 milhões de pessoas vivem hoje em cerca de 5.900 quilombos espalhados pelo país (segundo a CONAQ, o número de quilombos é cerca de 6.500). Actualmente, 34 anos depois de o Brasil ter reconhecido o direito de propriedade aos indivíduos de ascendência africana que vivem em quilombos, menos de 10% das comunidades foram classificadas sob protecção governamental, o que poderia resguardá-las da urbanização, à semelhança do que acontece com as áreas indígenas.

Quase 56% dos brasileiros (cerca de 119 milhões de pessoas) afirmam ter ascendência africana, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Apesar disso, a maioria dos cargos de liderança nos negócios, na política e nas artes é ocupada por brancos. O rendimento médio dos afro-brasileiros não é muito superior a 50% do rendimento dos brancos, indica um estudo do mesmo Instituto, em 2020. O rácio da diferença salarial praticamente não mudou desde a última década. (*Continua na pg. 92)*

Uma rapariga visita um cemitério no Rio de Janeiro onde fiéis de religiões de origem africana, generalizadamente praticadas nos quilombos, homenageiam os seus entes queridos no Dia de Finados.

VIBIMARTE

Mulheres envergando trajes herdeiros de tradições africanas preparam-se para participar numa procissão religiosa numa igreja de Paraty.

"Na cidade, os patrões querem-nos como trabalho braçal. Trabalhamos muito, mas ganhamos pouco, por isso ainda é um processo de escravatura", diz Benedito de Freitas, de 42 anos, que vive na Comunidade Remanescente Quilombola João Surá. À semelhança das outras 55 famílias que ali residem, Benedito tem antepassados que fugiram à escravatura nas minas de ouro e instalaram-se na selva. "Existimos hoje porque os nossos antepassados procuraram a liberdade", diz. "É aqui [nos quilombos] que se respeitam os homens e mulheres negros, mesmo quando eles são oprimidos."

PARA OS RESIDENTES, os quilombos são uma âncora de poder para os esforços em prol da justiça racial, da identidade cultural e da religião. "Diversas expressões na religião, na dança e na música têm dimensões interligadas", assegura o historiador Cassius Cruz.

A religião católica romana é dominante no Brasil, mas o evangelicalismo está a ganhar terreno. A percentagem de indivíduos que dizem praticar religiões de origem africana aumentou, segundo os censos oficiais. Uma das mais populares é o candomblé, que inclui música, dança e outras formas de expressão de cariz ritual. "Para mim, é tudo uma questão de ascendência", diz Juliana dos Santos Silva, de 37 anos. Juliana foi criada como evangélica no Rio de Janeiro, mas os avós e bisavós praticavam candomblé. Conheceu esta religião aos 11 anos, quando assistiu a uma cerimónia em homenagem a uma divindade. "Fiquei maravilhada com a energia e a alegria das pessoas cantando e celebrando", diz. As práticas religiosas ajudaram-na a fazer o luto pela morte do pai e deram-lhe uma ligação especial aos avós.

Apesar disso, alguns fiéis do candomblé têm receio de o praticar abertamente. Locais de culto têm sido vandalizados e, em 2021, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos registou 681 violações de liberdade de crença ou religião.

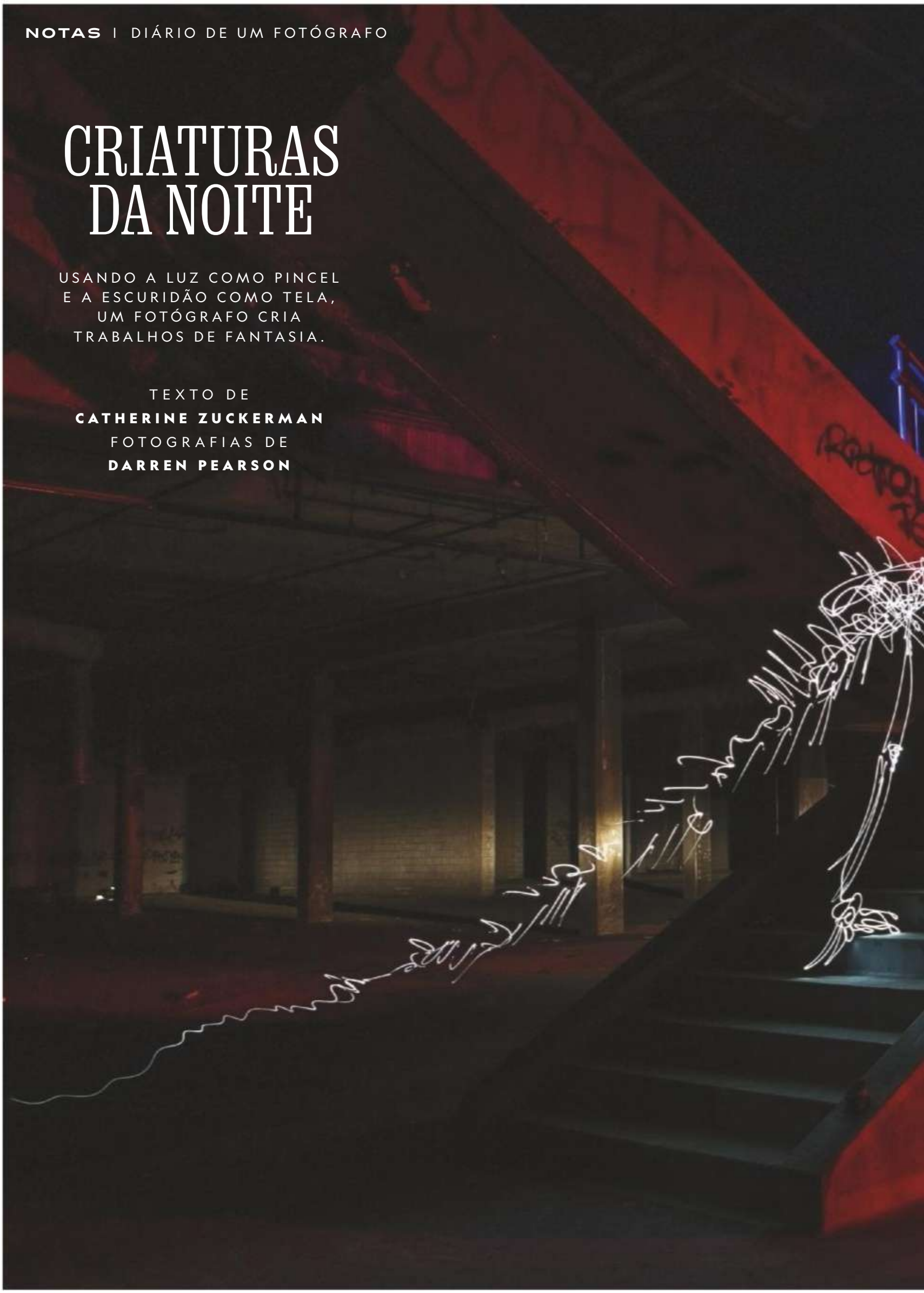
Franklin Moreira tem 30 anos e pertence a um grupo folclórico com raízes africanas em Minas Gerais. Defende que é importante ensinar às pessoas a história dos quilombos, o seu valor cultural e espiritual e o papel que têm desempenhado no crescimento do Brasil. "Precisamos de revelar que estes locais são sagrados, pois aqui a nossa ascendência manifesta-se e, por isso, têm de ser respeitados", diz. "É um legado ancestral de que somos transmissores", acrescenta. "Este Brasil que conhecemos só existiu graças aos nossos antepassados. Eles sofreram muito, viveram dores inimagináveis. Por isso, é importante manter os quilombos vivos, porque eles impelem-nos a continuar a resistir." □

Num cemitério de Nova Iguaçu onde se encontram sepultados escravos, Juliana dos Santos Silva presta homenagem aos antepassados. É um "sítio místico, cheio de energia", afirma. "É um local com força e imenso significado."

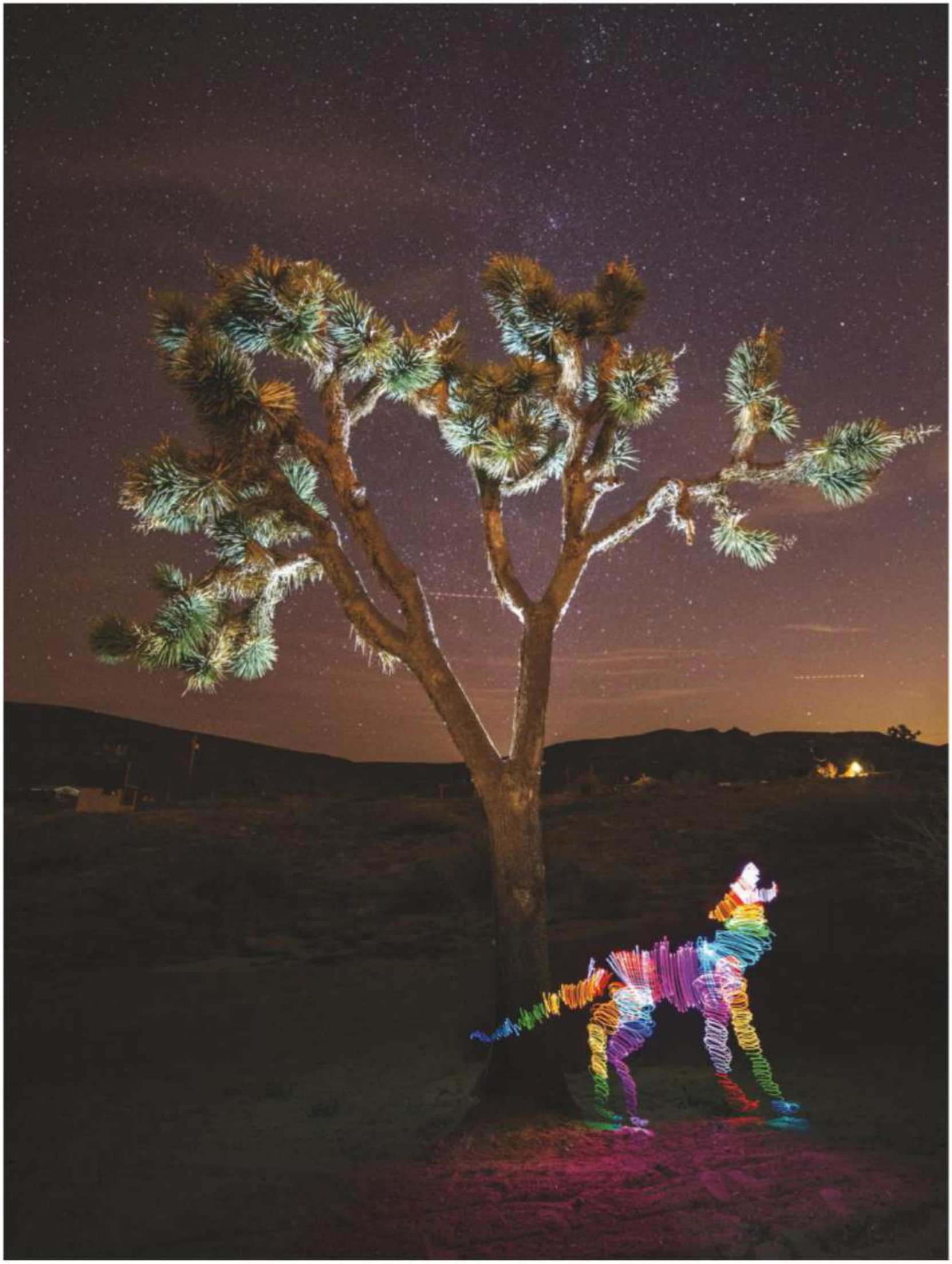
CRIATURAS DA NOITE

USANDO A LUZ COMO PINCEL E A ESCURIDÃO COMO TELA, UM FOTÓGRAFO CRIA TRABALHOS DE FANTASIA.

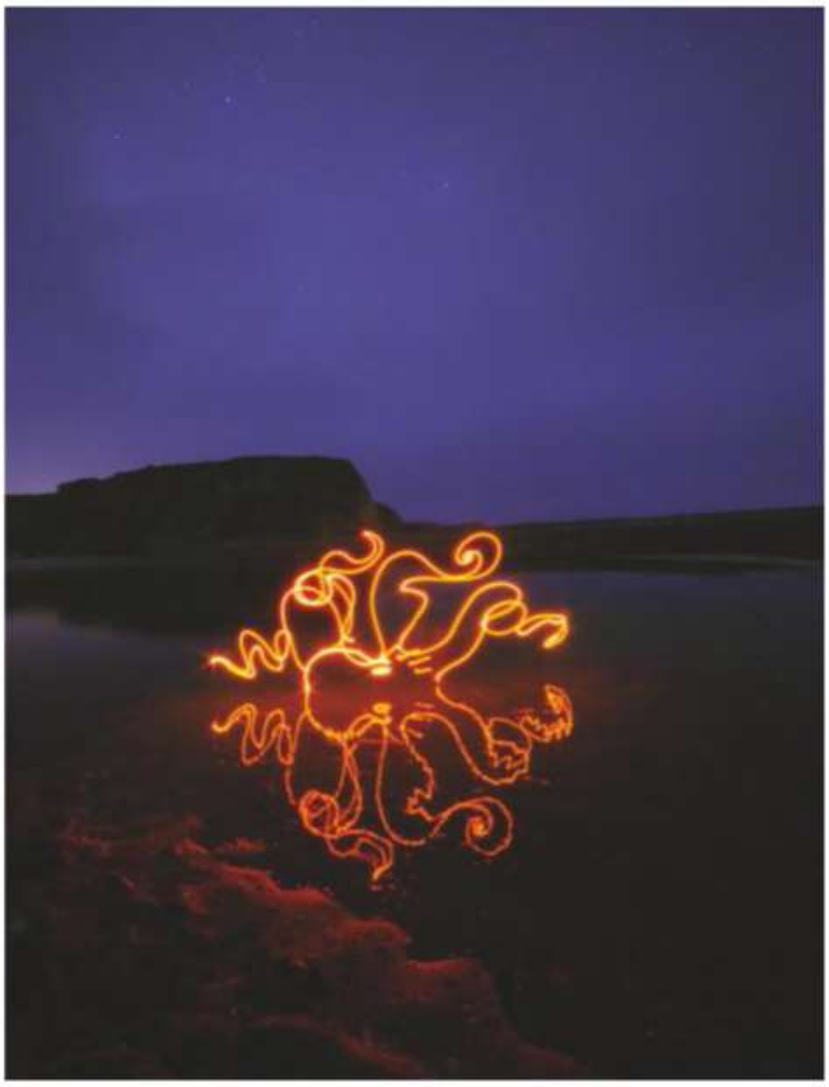
TEXTO DE
CATHERINE ZUCKERMAN
FOTOGRAFIAS DE
DARREN PEARSON

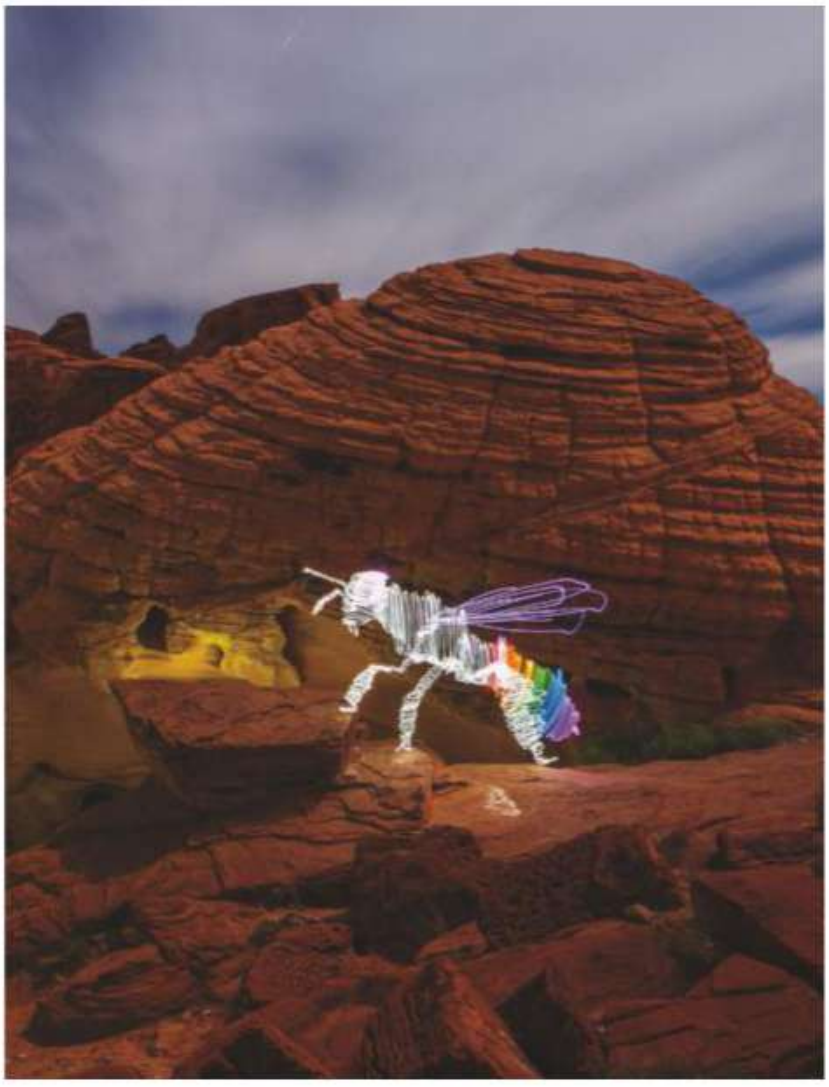


O amor juvenil pelos dinossauros é bem visível nesta imagem de um *Amargasaurus* a subir a escadaria de um centro comercial abandonado em Hawthorne, na Califórnia.

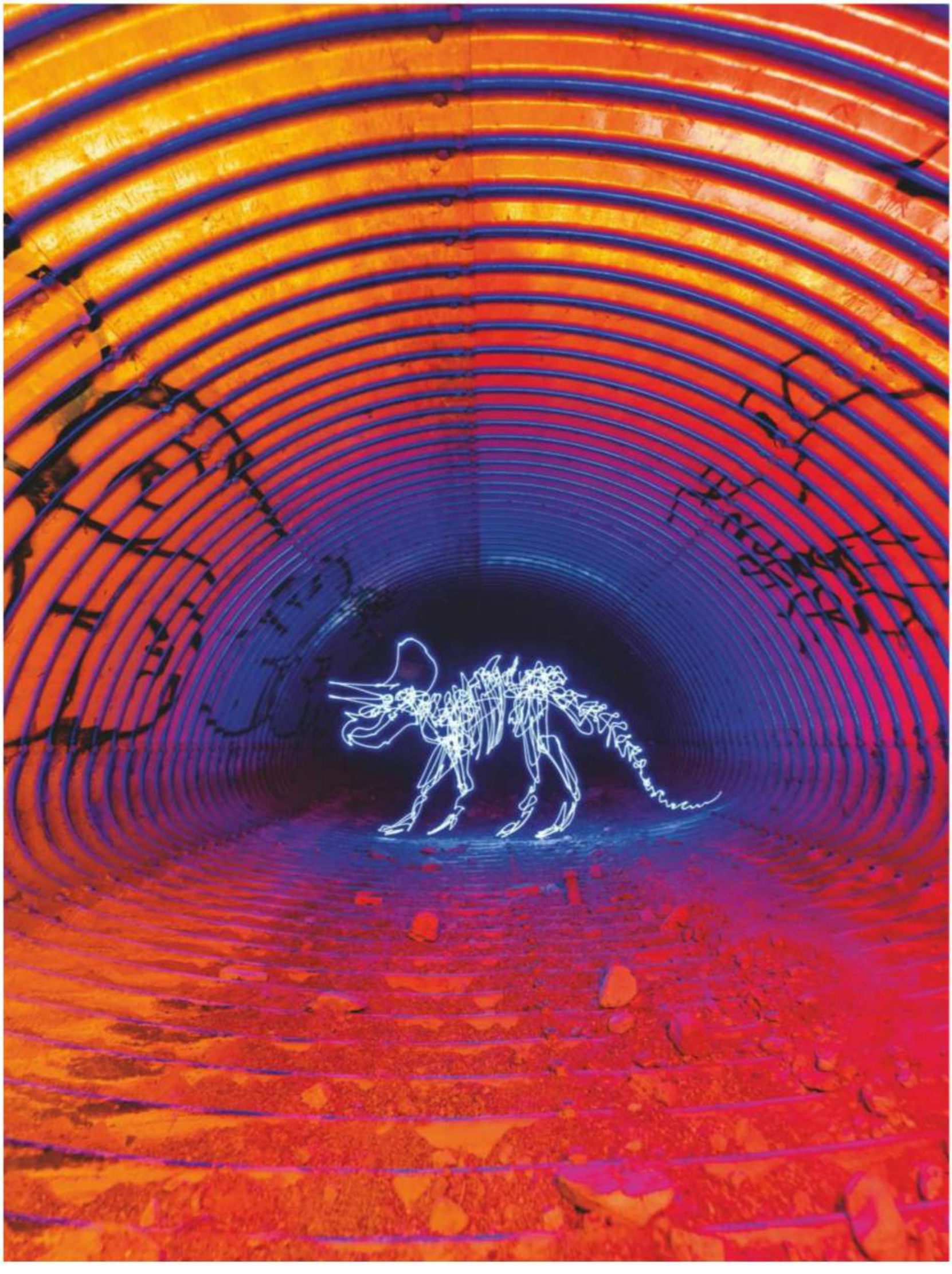


Numa imagem composta por duas exposições, um coiote em tons de arco-íris uiva ao céu junto do Parque Nacional de Joshua Tree. As paisagens icónicas do Oeste dos EUA inspiram Pearson, que defende apaixonadamente o seu valor: "O ambiente influencia tudo", diz. "Os animais dependem dele e nós dependemos dele. E, contudo, tratamo-lo com enorme desrespeito."





Em sentido horário a partir do topo, à direita: um polvo paira em Big Sur, na Califórnia; uma abelha está iluminada na área de Beehives no Parque Estadual do Vale do Fogo; uma borboleta abrilhanta a paisagem da Califórnia; e um *Gallimimus* parece perseguir uma presa na bacia de Badwater. Para captar o dinossauro contra as estrelas, o artista fundiu duas exposições numa imagem.



Por vezes, as ideias são geradas em lugares improváveis, como este sistema de escoamento, na Floresta Nacional de Los Padres, na Califórnia. Darren avistou-o durante uma caminhada e regressou ao local nessa mesma noite para transformar o metal ondulado e grafitado no plano de fundo para um *Triceratops*.

Os desenhos denotam com frequência uma qualidade gestual caracterizada por um frenesi de linhas enérgicas. No entanto, Darren também desenvolveu uma série de pinturas de luz mais simples, com uma única linha, como esta garça reflectida num ribeiro sazonal junto de sua casa.

UM ARTISTA GRÁFICO "PINTA" COM LUZ
E ILUMINA A PASSAGEM DO TEMPO.

UM ENCONTRO CASUAL COM UM LIVRO de mesa lançou o *designer* gráfico Darren Pearson num novo percurso artístico. Um elemento em particular captou a sua atenção: uma fotografia a preto e branco de Pablo Picasso a trabalhar, datada de 1949. Em vez de um pincel, Picasso usava uma luz para "pintar" em pleno ar. "Fiquei encantado", diz Darren. "Interroguei-me como tal seria possível."

O fotógrafo Gjon Mili conseguiu captar Picasso a criar objectos com luz seleccionando uma velocidade de obturador baixa na sua máquina fotográfica. Darren Pearson, fundador da empresa de pintura com luz Dariustwin, utiliza agora essa mesma técnica de longa exposição, mas duplica a componente artística, captando as imagens e pintando os seus protagonistas. E só trabalha durante a noite.

Darren começa por apoiar a máquina fotográfica num tripé, apontando-a para o plano de fundo pretendido. Depois, vestindo-se de preto para desaparecer na escuridão, coloca-se à frente da lente e começa a pintar. A sua ferramenta, que ele próprio desenhou e à qual chama *Night-Writer*, assemelha-se a um marcador com pontas de cores intermutáveis. Aos olhos de um observador ocasional, ele pode parecer freneticamente à procura das chaves com uma lanterna, mas na verdade está a desenhar uma imagem, em tamanho real, de uma figura, a partir da sua mente.

Várias musas são evidentes no trabalho deste artista. Os dinossauros aparecem com frequência: "É o meu Eu de 5 anos que queria ser paleontólogo", brinca. As paisagens acidentadas também são recorrentes, sobretudo as da Califórnia, onde Darren vive numa cabana na floresta com a sua mulher, Jordan, e o filho pequeno, Jasper.

Darren sente-se também fascinado pelo tempo, não só pelas centenas de milhões de anos representados pelas formações rochosas, mas também pelo comparativamente breve tempo de exposição de 30 segundos. Até nesses curtos períodos ocorrem alterações subtis, afirma. "As estrelas deslocam-se, a Lua cria sombras. Temos uma evolução natural do tempo." ▯

Darren teve de agachar-se sob uma formação rochosa na Floresta Nacional de Los Padres para criar este trio de morcegos de olhos brilhantes, rodeados por vegetação brotando da terra. A imagem combina três exposições.

EM TERRENO HOSTIL

TEXTO DE **MARIE-AMÉLIE CARPIO**

BALAZS GARDI DESCOBRIU a cidade afegã de Garmsir em 2006, enquanto acompanhava soldados britânicos sob um dilúvio de *rockets* e balas disparadas pelos talibãs. Dezasseis anos mais tarde, o seu regresso ao local (*ver reportagem nas pg. 20-45*) aconteceu sob auspícios muito diferentes. "O meu guia era um ex-combatente talibã, que treinara candidatos a atentados suicidas durante a guerra. Perguntei-lhe se conhecia locais históricos próximos da antiga linha de frente", conta o fotógrafo.

O guia conduziu-o ao mausoléu de Amir Agha. Com mais de mil anos, o túmulo que guarda os restos mortais de um peregrino da era pré-islâmica, oriundo do território actualmente integrado em Israel, é venerado pelos afegãos porque acreditava numa única divindade. "Tudo sobre este lugar parecia sobrenatural. As velhas árvores retorcidas em redor do monumento eram o elemento mais impressionante. À medida que o Sol se punha, procurava uma forma de as fotografar, quando Abeda e o irmãozinho Ehsanullah surgiram montados no seu burro. Ela parou durante um longo momento, olhando para mim em silêncio, com curiosidade e ferocidade."

Mais tarde, o fotógrafo foi preso por um grupo talibã local que desconhecia a autorização do governo provincial para esta visita. "As diferentes facções demoraram horas a entenderem-se ao telefone", recorda o fotógrafo. "Enquanto esperava, não pude deixar de me perguntar quanto tempo demoraria até este local se tornar de novo inacessível a estrangeiros."

Nascido na Hungria e radicado nos Estados Unidos, Balazs Gardi explora as circunstâncias criadas pelo homem que ameaçam a existência humana. Foi distinguido com vários prémios pelo trabalho desenvolvido sobre o conflito afegão.

BALAZS GARDI ; JASON MOTLAGH (RETRATO)

Primal Survivor: O Poderoso Rio Mekong

ESTREIA: 25 DE OUTUBRO, ÀS 23H

Hazen Audel viaja 800 quilómetros ao longo da bacia do rio Mekong, enfrentando áreas remotas e planícies inundadas, florestas de altitude e picos brutais. Conta apenas com os conhecimentos tradicionais de sobrevivência dos povos indígenas do Mekong.

NATIONAL GEOGRAPHIC

Alasca: A Nova Geração 2

ESTREIA: 21 DE OUTUBRO, ÀS 22H10
TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

O Alasca é uma região que junta a beleza bravia e indomável ao desafio da sobrevivência. Nesta nova temporada do canal National Geographic, os seus habitantes voltam a explorar novos territórios de todas as formas possíveis para sobreviver a mais um dia, tentando ganhar vantagem face à subida das temperaturas e à consequente reconfiguração da paisagem árctica. Esta série acompanha uma nova geração de intrépidos habitantes do Alasca que, num ambiente hostil, regem-se pelas suas próprias regras, negando as normas impostas pela sociedade e lutando pela sobrevivência. Além do desafio físico constante, este é também um desafio mental.

Tesouros Perdidos do Egipto 4

ESTREIA: 16 DE OUTUBRO, ÀS 23H20

Os arqueólogos investigam o faraó Ramsés, o mais poderoso do Antigo Egipto e revelam em Sakara um túmulo com artefactos daquele reinado. No túmulo do arquitecto de Ramsés, a equipa identificou também uma câmara funerária repleta de múmias antigas.

NGC NETWORK (NO TOPO);
NATIONAL GEOGRAPHIC (AO CENTRO); WINDFALL FILMS (EM BAIXO)

Especial Halloween

31 DE OUTUBRO, ÀS 17H

O Nat Geo Wild preparou uma programação especial e assustadora para o Halloween. Neste dia festivo, poderá descobrir que a natureza às vezes também é assustadora. Não perca "Howl-o-Ween", "Fact Vs. Fear", "Dr. K's Halloween Compilation" e a compilação da temporada de "Something Bit Me!".

NAT GEO WILD

Especial "Croctober"

EMISSÃO: DOMINGOS, ÀS 17H

O especial "Croctober" está de volta ao Nat Geo Wild! A programação vai ser especialmente dedicada a alguns dos predadores mais ferozes da natureza: os crocodilídeos. A cada ano que passa, estes astutos predadores são testados pelos desafios extremos da natureza, forçando-os a lutas territoriais e a aprimorar as suas estratégias de caça. Assista neste especial de domingo às estreias de "Crocodiles Revealed", "Critter Fixers: Reptile compilations", "The Croc That Ate Jaws: Ancient Enemies", "Dr. K's Reptile Compilation", "Out There With Jack Randall: Australia's Most Dangerous" e muitos outros documentários. Não se deixe intimidar e maravilhe-se com os milhares de anos de evolução que tornaram estes predadores máquinas quase perfeitas da natureza.

America's funniest videos — Animal Edition 2

ESTREIA: 5 DE OUTUBRO, ÀS 17H

O Nat Geo Wild reúne os mais engraçados vídeos de animais, num programa hilariante que celebra a vida selvagem em toda a sua diversidade e extravagância. Na segunda temporada deste programa, apresentado pelo actor Alfonso Ribeiro, não evitará sorrir com os momentos imprevistos.

EARTH TOUCH (NO TOPO);
NATIONAL GEOGRAPHIC (AO CENTRO E EM BAIXO)

REPORTAGEM ESPECIAL

O eterno poder de Tutankhamon

A descoberta do túmulo do jovem faraó em 1922 abriu uma janela para o passado dourado do Egipto. Agora, quando o mundo volta a admirar o espólio do rei-menino, o país norte-africano procura construir os alicerces de um futuro bem diferente.

A renovação do Pacífico

Os recifes de coral de ilhas remotas do Pacífico recuperaram dramaticamente. Ainda há esperança de reverter a crise ambiental.

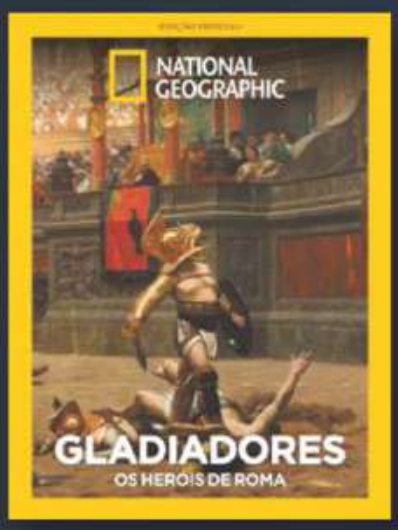
Testemunha ocular

Um fotógrafo português desenvolve um projecto invulgar: dissimula-se no interior de um abrigo aquático e espera que a vida selvagem se habitue ao intruso.

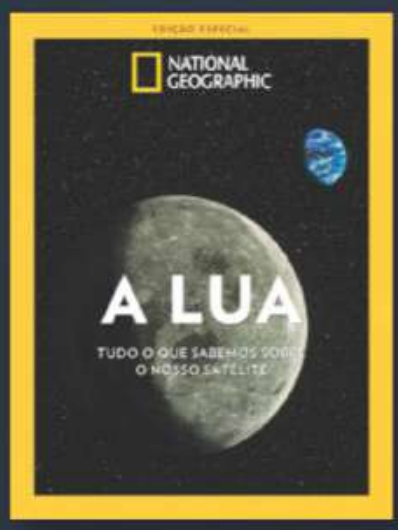
NATIONAL GEOGRAPHIC

SANDRO VANNINI

DOSSIERS



COSMO

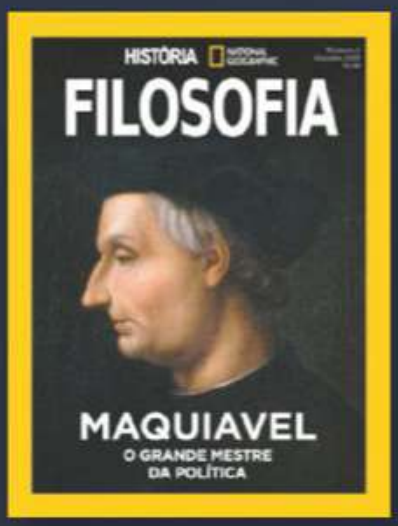


VIAGENS

HISTÓRIA

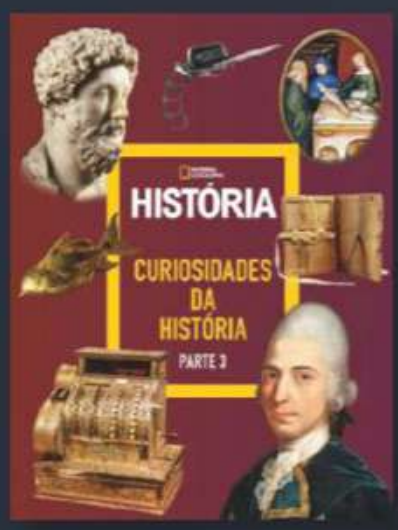
JÁ CONHECE AS NOSSAS EDIÇÕES ESPECIAIS?

FILOSOFIA



GRANDES PERSONAGENS

CULTURA



GRANDES MULHERES

RBA

NATIONAL GEOGRAPHIC

© ROLEX SA, 2021. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

"CLÁSSICO"?

"Um relógio clássico, desenhado para senhoras". É assim que o Oyster Perpetual Lady-Datejust é descrito por alguns. Podem ter razão. Desde o início do século XX, a Rolex concebeu e criou relógios à medida do pulso de todas as mulheres, com o mesmo nível de excelência dos modelos que ajudaram a construir esta marca lendária. Sempre com os mais elevados padrões. E se por "clássico" quiserem dizer perpetuar a tradição ao combinar elegância com precisão, graciosidade com resistência e beleza com performance, esta é, sem dúvida, uma peça clássica desenhada para senhoras. **O Lady-Datejust.**

#Perpetual

OYSTER PERPETUAL LADY-DATEJUST

DISTRIBUIDOR OFICIAL ROLEX

TORRES desde 1910

TORRES.PT
BOUTIQUE ROLEX AV. LIBERDADE 159, LISBOA
CENTRO COLOMBO AV. LUSÍADA, L.J. 130-133, LISBOA
EL CORTE INGLÉS AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 31 – PISO 0, LISBOA
CASCAISHOPPING EST. NAC. 9, L.J 0.8/9, ALCABIDECHE
ALAMEDA DOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA, 147, CASCAIS

TEL. 211 160 960 - ROLEX@TORRES.PT
TEL. 217 167 000 - COLOMBO@TORRES.PT
TEL. 211 163 320 - ELCORTEINGLES@TORRES.PT
TEL. 214 603 008 - CASCAISHOPPING@TORRES.PT
TEL. 210 131 717 - CASCAIS@TORRES.PT

ROLEX